

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS BACHARELADO EM CINEMA E
AUDIOVISUAL

EMANUEL BRUNO LIMA SÁ

PÁSSARO QUE DORME

Versão Corrigida

GOIÁS
2021



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Emanuel Bruno Lima Sá
Matrícula: 20181100070134

Título do Trabalho: Pássaro que dorme

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás
Local

28/01/2022
Data

Emanuel Bruno Lima Sá

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

EMANUEL BRUNO LIMA SÁ

PÁSSARO QUE DORME

Versão Corrigida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Antônio Fabrício Evangelista Barbosa.

GOIÁS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

791.437

S111p

Sá, Emanuel Bruno Lima.

Pássaro que dorme / Emanuel Bruno Lima Sá; orientador, Antônio
Fabrício Evangelista Barbosa– Cidade de Goiás, 2021.
147 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás,
Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso Bacharelado em Cinema
e Audiovisual.

1. Roteiro. 2. Ficção. 3. Guerra de família. 4. Homofobia. I.
Barbosa, Antônio Fabrício Evangelista, orientador. II. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

EMANUEL BRUNO LIMA DE SÁ

O PÁSSARO QUE DORME

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Projeto Experimental defendido e aprovado, em 05 de Janeiro de 2022, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Antônio Fabrício Evangelista Barbosa

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ms. Cristiane Moreira Ventura – IFG

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Renné Oliveira França – IFG

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Cidade de Goiás – GO

2022

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cristiane Moreira Ventura, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 26/01/2022 14:05:41.
- **Renne Oliveira Franca, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 26/01/2022 13:38:22.
- **Antonio Fabricio Evangelista Barbosa, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 26/01/2022 12:59:21.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 26/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 239626

Código de Autenticação: fba2013f96



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9026 (ramal: 9026)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se apresenta em forma ficção em longa metragem, tendo sua história baseada em acontecimentos reais ocorrido durante uma guerra entre famílias no sertão pernambucano na década de 90. A obra tem caráter biográfico e lança mão de recursos dramáticos, documentais e metalinguísticos em uma narrativa que combina os gêneros de suspense, ação e ficção psicológica. As pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho foram feitas através de cartas, jornais, hemeroteca nacional, arquivos pessoais, artigos científicos, documentos oficiais e de moradores da cidade de Belém do São Francisco em Pernambuco, valendo-se também de relatos orais de pesquisadores locais e familiares do autor. Em *Pássaro que dorme* somos apresentados ao personagem Emanuel, um estudante de cinema com transtorno da personalidade dissocial que tenta realizar o seu trabalho de conclusão de curso, enquanto enfrenta traumas de seu passado. Sendo aqui, uma das formas de escrever contos e casos de um cotidiano preexistente e poetizar ou dramatizar por meio de uma ficcionalização autobiográfica.

Palavras-chave: guerra de família; psicopatia; narcotráfico; homofobia; abuso psicológico.

ABSTRACT

The present course completion work is presented in a feature-length fiction form, having a story based on real facts occurred during a war between families in the Pernambuco's hinterland in the 1990s. The work has a biographical character and uses dramatic, documentary and metalinguistic resources in a narrative that combines the suspense genres, action and psychological fiction. The research for the development of this work was realized through letters, newspapers, newspapers library, personal archives, scientific articles, official documents and documents from residents of a city called Belém do São Francisco in Pernambuco's states, also using oral reports from local researchers and family members of the author. Bird that sleeps, we are introduced to the character Emanuel, a film student with a dissocial personality disorder who is trying to complete his coursework while facing traumas from his past. Thus, one of the ways to write stories and cases of a preexisting daily life is to poetize or dramatize through an autobiographical fictionalization.

Keywords: family warfare; psychopathy; drug trafficking; homophobia; psychological abuse.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5	
2 REFERENCIAL TEÓRICO	7	
3 OBJETIVOS DO PRODUTO	11	
4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		12
5 RESULTADOS ESPERADOS	16	
REFERÊNCIAS	17	

1 INTRODUÇÃO

Lidar com questões emocionais nem sempre é uma tarefa fácil, examinar documentos pessoais, mergulhar em um universo íntimo e que talvez não seja o mais esperado de sua família. *Pássaro que dorme* é um estudo sobre guerras familiares de um sertão esquecido na caatinga. Mas não é só sobre isso, *Pássaro que dorme* é sobre desigualdade social, paixões, perdão, sofrimento, alegrias, dinheiro e vingança. O retrato mais fidedigno de um pós cangaço liderado por Virgulino Ferreira, um cordel vivo de memórias, contos e desencantos na esperança de uma paz que findasse o caos existente ali. As perdas de entes queridos, o abandono dos laços afetivos, o amor por sua terra, as ausências, lacunas que jamais ficaram esclarecidas no imaginário popular. O disse me disse, aquele dito cujo que quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto. *Pássaro que dorme* é um cordel entrelaçado no cotidiano brasileiro, é a luta de homens bravos do sertão, pois o sertanejo é, antes de tudo, um forte.

Apesar de nas áreas técnicas do cinema ter mais simpatia com direção cinematográfica e desejar realizar um curta metragem desse material, a pandemia do COVID19 impediu a aglomeração que um set exige e foi necessário adaptar o que possivelmente seria uma realização. Optei então por produzir um roteiro que conta um pouco da história da minha família e que expressasse o meu olhar sobre os temas relacionados.

Na graduação tomei afeição pelas disciplinas Roteiro Cinematográfico I e II ofertadas no bacharelado em Cinema e Audiovisual do IFG. Nesse percurso acadêmico fui aprendendo a ouvir e ver com os olhos, a importância de que o roteiro não é literatura, a sua linguagem é de síntese com narrativa escrita em trechos contínuos ou fracionados fazendo com que cada ação corresponda a um ou vários planos visuais.

Na disciplina desenvolvi dois roteiros: um falando sobre abuso infantil e outro que era uma readaptação de *Saga de um Vaqueiro*, canção do grupo musical *Mastruz com Leite*. Sempre falando do sertão e dos “causos”, trazendo à tona essa cordelização do homem bravo da caatinga. Por isso despertei através das disciplinas a vontade de concluir a graduação contando um pouco da minha história familiar que na graduação anterior me foi silenciada pela família, por medo de reacender questões que já estavam esquecidas.

Mas agora tudo será modificado, então decidi contar essa história ficcionalizando por meio das lembranças e constituindo um personagem que é de um jovem com transtorno de identidade dissociativo, ou, psicopata. Que nesse caso é representado por mim. Conto essa história de uma forma não linear e por vezes caótica para figurar um lirismo narrativo que

poderia fazer sentido na cabeça dele, mas que busca revelar ao público os impactos da violência mostrada na história.

Belém do São Francisco e Cabrobó no sertão pernambucano são conhecidas como cidades perigosas e violentas onde aconteceram crimes e guerras em família. Além de assaltos a banco, o envolvimento no polígono da maconha que era um conjunto de cidades que produziam parte significativa da maconha nacional e diante disso as cidades ficaram estigmatizadas.

O que se sobra para os filhos belemitas e cabroboenses é apenas a lembrança de um passado divertido antes de tudo se tornar nebuloso e sangrento. O legado cognitivo deixado foi as perdas de entes queridos e de uma briga que não findava e nem tinha motivos para acontecer, pois muitos membros das famílias Araquan e Benvindo ficaram traumatizados, ansiosos e, além disso, muitos desenvolveram transtornos psicológicos mais graves como bipolaridade, esquizofrenia, depressão.

Sou filho da família Araquan, nascido em plena guerra e fruto de uma série de questões traumáticas que todo esse contexto deixou nos envolvidos. Pássaro que dorme não é para mim apenas dado científico, história e poesia cinematográfica, é a minha história e meu retrato que se confunde numa costura de histórias de tantos outros brasileiros que vivem ou viveram em contexto de banditismo.

A importância desse roteiro, além de trazer à tona fatos de um passado sombrio de um sertão esquecido, é um relato autobiográfico, com lembranças e histórias pessoais que já vimos acontecer, por exemplo, no filme *Abril Despedaçado* (Walter Salles. Brasil, 2002) em que o personagem principal, Tonho, justifica a lógica da tradição e da violência gerada por brigas de família Tonho deveria vingar a morte do seu irmão. Pássaro que dorme é sobre isso, vingança e violência um cangaço pós moderno, a vida breve de uns e o legado de outros. Além disso, neste roteiro busco trazer a contextualização social dessa guerra, desse novo cangaço e a humanização dessas pessoas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O seguinte projeto experimental, desenvolvimento de roteiro (longa-metragem) aborda em gênero ficção através da metalinguagem, utilizando do próprio cinema como assunto para construir a narrativa e, se inspirar em acontecimentos reais do cotidiano pessoal do autor. O cinema, desde o seu surgimento, mostra a sua potência narrativa em suas mais diversas possibilidades de linguagem e gênero:

Os novos historiadores têm ajudado a derrubar o mito de que os filmes de Méliès e dos Lumière originaram duas tendências opostas dos cinemas: o documentário e a ficção. Segundo esta visão mais tradicional, os filmes de Méliès, por serem realizados em estúdio e tratarem de assuntos fantásticos, utilizando cenários estilizados, baseados em rotinas teatrais, representaria a vertente ficcional do cinema. Já os filmes de Lumière, por serem feitos em locações naturais, externas e autênticas, seriam a origem do que se chama realismo documentário. No entanto, essa distinção não se aplica ao primeiro cinema. Muitas vezes, as atualidades incluíam encenações dos fatos que pretendiam retratar: eram as atualidades reconstituídas. Nas atualidades, misturavam-se filmagens de situações autênticas com reconstituições em estúdios ou locações naturais, uso de maquetes e trucagens. (COSTA, 1995, p. 31).

Os acontecimentos no sertão pernambucano durante a década de 90 reacenderam os debates em torno do chamado banditismo (também denominado de novo cangaço). Segundo Melo (2004) existe evidência de bandos saqueadores no país desde o século XVI. O cangaço nordestino recebe destaque por suas ações violentas e pelo furto de demasiada grandeza, sendo o pioneiro com essas características a ocorrer no Brasil.

Recontar essa história, mesmo que de forma ficcional e na minha perspectiva pessoal, é também uma ação de preservação de memória, e principalmente de reflexão, que pode ajudar a entender melhor todo esse contexto.

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p. 423).

Essa visão, nos mostra como é de grande importância a conservação e estudo da memória nos processos históricos; assim analisando que a manutenção e observação de fatos históricos e suas representações são fundamentais para compreender as ideias do indivíduo e como todo seu processo social, interativo e expressivo é influenciado por fatores decorrentes das informações adquiridas referentes ao seu passado ou até mesmo como uma construção idealizadora da própria mente. Essas expressões de memórias, ao longo do tempo são

expostas e difundidas de diversas maneiras, seja na escrita, no som, na pintura ou nas artes cênicas.

Le Goff (1924, p. 424) afirma que, os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, são nada mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “[...] na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. A necessidade de toda essa organização é base fundamental para que se construa uma mensagem ampla e coesiva, tendo cuidado, memória é, acima de tudo, disputa, conflito. A fim de que a memória seja atuante e difusora de toda expressividade, na formação de toda história que será representada pelo indivíduo, trazendo consigo uma abordagem no ramo das artes envolvendo toda sua informação com a linguagem do corpo e dos elementos inseridos no presente ato.

Em Pássaro que dorme a metalinguagem se faz presente quando se utiliza do próprio cinema e um roteiro que se desenvolve na história de um estudante com transtorno da personalidade dissocial. Sendo aqui, uma das formas de escrever contos e casos de um cotidiano preexistente e poetizar ou dramatizar por meio de uma ficcionalização da guerra de família que aconteceu no sertão do submédio São Francisco no final do séc. XX e início do séc. XXI em duas das cidades que faziam parte do famoso “Polígono da Maconha” (Belém do São Francisco e Cabrobó, ambas em Pernambuco) entre as décadas de 1980 e 1990, o conjunto dos municípios chegou a produzir 40% da maconha brasileira.

Então cada vez mais essa região começou a ser estigmatizada como um dos lugares mais perigosos do país. Durante minha pesquisa, ouvi de moradores que já havia um grande fluxo de migração naquela época, na década de 90, quando eclodiu a guerra entre duas famílias importantes da cidade de Belém do São Francisco, os Araquan e os Benvindo. O que inicialmente era uma questão de honra e logo passou a ser considerado “O Novo Cangaço” onde disputavam a logística do narcotráfico local, além de serem as gangues mais preparadas para assaltos a bancos. Há inclusive relatos que ligam o novo cangaço com o narcotráfico, corrupção dentro dos próprios batalhões militares, com o fornecimento de armamentos.

De acordo com Rodrigues (2018) o novo cangaço entre os anos de 1990 e 2000 promoviam a tomada das cidades interioranas do nordeste, aterrorizando por meio de assaltos a instituições bancárias que usavam reféns como escudo e a utilização de veículos de médio e de grande potência para que pudessem carregar toda a demanda. E o que era apenas material

para imprensa regional passou a ser um dos casos mais famosos do país tendo destaque em programa da Rede Globo que simulava cenas de crime no Brasil, Linha Direta¹.

Aqui o meu intuito além de colocar esses acontecimentos, é uma questão familiar. De acordo com Marcos Rey, nenhum autor escreve um trabalho de ficção sem lembrar de suas próprias experiências de vida. Muitas vezes o personagem é o próprio autor usando pseudônimo. (REY, 1989).

Pássaro que dorme é sobre o eu te amo não dito, sobre o perdão de uma conversa que nunca chegou a existir, é sobre os últimos minutos de um homem criminoso que abandonou sua família em busca do poder da liderança. É muito interessante como para famílias tradicionais de cidade do interior que vivem com a ideia de absolutismo monárquico, a honra, é uma questão presente e que para defendê-la eles vão até o fim. Mauricie Halbwachs (1968, p. 26) relata em seu livro:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. Frequentemente, é verdade, tais imagens, que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Pode ser que essas imagens reproduzam maior passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito, seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer -que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que se incorporem a ela.

Nesse sentido o roteiro Pássaro que dorme é para além do retrato do cangaço, o novo cangaço com estilizações e sofisticções que o bando de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) não teve. É para além de homens frios e violentos pintados nas telas das delegacias, é para além da opressão policial preparada para persegui-los na caatinga, camuflados, assim como era com o bando de Lampião. De acordo com Mello (2004) o bando de Lampião é um dos mais temidos e conhecidos na história do cangaço brasileiro. Além disso, Lampião ficou conhecido como “Rei do Sertão” Lampião entra no cangaço em decorrência de uma confusão² e a partir disso culminou em guerras de família. Lampião

¹ Linha Direta programa que ia ao ar todas as quintas na Rede Globo. Simulando crimes e acontecimentos no início da primeira década do século XXI. O programa sobre as guerras de família recebeu o nome de Os BenVindos e os Gonçalves – exibido: 01/03/2001

² Lampião entrou no cangaço após a morte de seu pai pela polícia, em 1921.
Fonte: Agência Senado

faleceu em 1938 em combate com milícias e nesse mesmo confronto morreram vários cangaceiros.

A ideia inicial era escrever um roteiro híbrido, partindo do documentário e se utilizando da ficção, buscando referências estéticas e de linguagem de programas como o Linha Direta dialogando com e métodos e narratividades do diretor Eduardo Coutinho. Porém, por fim decidi por um roteiro de ficção baseada em fatos da minha vida pessoal, utilizando da metalinguagem, para contar sobre a trajetória dessas guerras de família, costuradas através de lembranças de um jovem cineasta que pode aqui ser real ou não, depende da leitura de cada um.

É importante para um roteirista trabalhar com personagens reais e verossímeis. Acontece, porém, que os escritores convivem anos com seus personagens, enquanto os roteiristas não dispõem de tanto tempo assim, ligados à chamada indústria cultural, ávida de produção como qualquer outra. O prazo para a entrega dum trabalho é quase sempre aflitivo, e a pressa é a maior inimiga da perfeição, embora não sirva como desculpa para o público, a crítica e mesmo para a emissora de tevê ou empresa cinematográfica que encomendou o trabalho. (REY, 1989, p. 30).

Encontro na ficção uma forma mais leve de contar toda essa história. Porque posso brincar com verdades e não verdades, acontecimentos reais retirados de jornais e fotos e misturar com memória afetiva.

3 OBJETIVOS DO PRODUTO

Este trabalho tem como objetivo construir um roteiro de longa-metragem com base nos acontecimentos das guerras de família no sertão pernambucano. Correlacionando década de 90 com os dias de hoje.

- Apresentar contextualizações históricas e suas relações com o meio, em um diálogo artístico e cultural;
- Contribuir com a história local buscando o contato familiar e íntimo como norteador;
- Ressignificar os conceitos do imaginário popular que permeia no município de Belém do São Francisco, desconstruindo o que foi o banditismo local;
- Aguçar o debate para assim, entender a história como um meio que permite novos olhares sobre as guerras de família, narcotráfico, depressão, polígono da maconha.

4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As pesquisas foram feitas através de vídeos do youtube, cartas, jornais, hemeroteca nacional, fotos, documentos oficiais de moradores da cidade de Belém do São Francisco, o autor viajou em meados de março de 2021, afim de coletar relatos orais desses familiares, para obter mais conhecimento sobre o que tinha ocorrido nas décadas passadas em questão.

A Guerra de Família Benvindo e Gonçalves (Araquan) é bastante conhecida em todo o país, sendo simulada no Linha Direta, programa da Rede Globo que remontava cenas de crime. Apesar desse material ter sido exibido em rede nacional, não consegui nenhum acesso. Tentei contato com arquivistas do Rio de Janeiro e até assinei Globoplay e infelizmente o programa Linha Direta não faz mais parte da grade da emissora, nem mesmo os arquivos, que em sua maioria estão disponibilizados em um canal anônimo no Youtube, mas não foi encontrado o episódio intitulado de “Benvindos e Gonçalves”.

E apesar de ser uma história complexa e cheia de casos graves, fui norteado pela leitura do livro do James McSill (2016) que orienta passo a passo da escrita de um roteiro, no livro Cinema Roteiro:

Por que alguém quer escrever roteiros? Não podemos dar para esta questão uma resposta conclusiva. O que somos capazes de afirmar é que existe, no ser humano, uma paixão e uma necessidade tão grandes por contar histórias que alguns são compelidos a fazê-lo de forma profissional, mas todas as outras pessoas de uma forma ou de outra contam histórias.

A partir disso comecei um storyline e fui desenvolvendo primeiras ideias de atos e cenas, como uma escaleta. Outro livro (indicação do orientador) que ajudou muito na minha pesquisa foi *É preciso pensar*, da Écila Pedroso. Em que tive a ideia de estruturar os personagens para que cada um deles tivesse características marcantes e singulares e só a partir daí, comecei a desenvolver de fato o roteiro. Entrei em contato com a terapeuta Josi Alexandre para que ela me indicasse leituras sobre casos de complexidade cognitiva, *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Trata-se de um estudo de vários casos nacionais e internacionais das tipologias de psicopatas. Para escrever o Emanuel Araquan enquanto pessoa com transtorno de identidade dissocial foi necessário embarcar em casos reais, como por exemplo o Caso Richthofen em que um casal é assassinado pelos irmãos Cravinhos, a mando da filha, Suzane Von Richthofen. Ou ainda o Caso Daniella Perez, uma atriz que foi assassinada por Guilherme de Pádua, ator que contracenava com ela na novela em que eram protagonistas.

Entre diversos casos chocantes, tudo para embasar não só o personagem do Emanuel, mas da mente criminoso de Paulo Araquan. São dois psicopatas em potencial no roteiro, além da personagem Galdina que é uma senhora que vive com esquizofrenia e alzheimer, para me inteirar sobre, consulte o livro *Desembarcando o Alzheimer: um guia prático para familiares e cuidadores* da Dr. Ana Hartmann e Dr. Fernando Lucchese. Filmes como: *Meu pai*, Dir. Florian Zeller, 2021. *Garota, interrompida*, Dir. James Mangold, 1999. *Coringa*, Dir. Todd Phillips, 2021. Foram fonte de pesquisa para que eu pudesse descrever personagens coesos e sem brechas.

Mas o filme norteador para que eu pensasse um roteiro menos linear foi *Estou pensando em acabar com tudo*, Dir. Charlie Kaufman em que fala dos fragmentos de memória, ou da reconstrução da memória para evitar um possível suicídio, o personagem negocia durante toda a trama consigo mesmo tentando amenizar sua vida vazia e sem grandes emoções. Por isso a história é carregada de sequências estranhas e sem respostas, porque é algo construído através da própria mente, o que faz com que não exista linearidade. Sempre esquecemos de algo, acrescentamos algo, nossa mente nem sempre tem uma sequência lógica sobre determinado fato que aconteceu, muito menos quando ele precisa ser inventado, elaborado, debatido sem ter acontecido.

Apesar de ser uma história familiar encontrei bastante dificuldade para acessar alguns materiais que pretendia inserir como fonte de pesquisa, o que é bastante interessante de se analisar, porque embora seja familiar se torna tudo muito impessoal e é justamente essa relação com a família paterna que desenvolvi, por isso tudo fica mais difícil. Muitos parentes não querem se envolver na pesquisa, entrei em contato com tios e eles não atenderam quando souberam o motivo da ligação. Nesse sentido, fiz uma entrevista com duração de uma hora e quarenta minutos com uma parente próxima do Cleiton Araquan, que me contou através de sua própria perspectiva, sobre o que de fato havia acontecido no que diz respeito à bandidagem e crueldade dos Araquan. Ela não me permitiu falar sobre isso via Whatsapp, apenas por ligação e sem gravar. Na viagem que fiz no início do ano de 2021 para Pernambuco entrevistei minha mãe que me apresentou fotografias, diários, discos e me contou floreando sobre um Paulo que foi pai e marido, então foi feita uma análise sensorial das fotografias que tive acesso, além dos vídeos de acervo pessoal, como por exemplo no vídeo do meu nascimento e do aniversário de um ano, em que de fato havia acontecido um crime no mesmo dia.

Fontes jornalísticas como O Estadão que publicou em 2013 uma notícia sobre a disputa dos Araquan e Benvindo no polígono da maconha (NOSSA, 2013). Vídeos do

youtube que contam histórias de Belém do São Francisco. Grande parte do filme foi ficcionalizado a partir de acontecimentos realísticos e as reportagens e material de arquivo estarão sempre presentes no desenvolver do roteiro, uma imagem que aparece rapidamente, um nascimento, uma notícia em algum jornal na TV, tudo será contado a partir de lembranças fragmentadas de Emanuel.

. A representação de todos é ficcional, uma vez que maioria desses personagens envolvidos no contexto já faleceu. O filme não é linear, pois se trata de processos cognitivos e nossa mente tende a falhar esquecer acontecimentos ou detalhes simples, nada faz muito sentido. É bizarro e nonsense. Tudo isso irá contribuir para a pesquisa e escrita do roteiro.

E para finalizar me foi cedido uma bolsa no valor de R\$ 400,00 pelo coordenador da época em questão, Professor Estevão Garcia para participar do curso da B_arco: Roteiro: Do começo ao fim, passando pelo meio. Ministrado por Jorge Furtado, com 28 aulas e 9 horas de conteúdo em que Jorge fala sobre a didática da construção de um roteiro, acompanhado de histórias incríveis desse diretor.

O roteiro começou a ser produzido no início do segundo semestre letivo de 2021 e foi construído por partes ao longo dos seis meses, passou por dois tratamentos para chegar nesse resultado. Em primeiro momento achei que conseguiria terminar numa marca de dez dias. No primeiro dia de escrita, fui inspirado na luz do sol que batia no cinzeiro e comecei a escrever, totalizando sete páginas. Achei que em dez dias, teria setenta páginas, mas o processo não foi simples. Tive que mudar a história inicial que era na perspectiva de Galdina, uma mulher com esquizofrenia e coloquei para que Emanuel, Paulo e Galdina estivessem em sintonia, no intuito de atribuir diversidade de questões cognitivas à história. No meu primeiro dia do ensino médio, a professora de Arte colocou no quadro uma frase “Seja universal e fale do seu quintal” naquela época com quatorze anos, jamais entenderia a profundidade de falar sobre si. Ou até mesmo usaria clichês que “Definir-se é limitar-se”. Aqui embarcando no passado, foi necessário muitas sessões de terapia para que eu não me perdesse nas crises existenciais e de ansiedade e, saber falar sobre o meu quintal foi necessário para que muitos traumas ficassem para trás dando espaço sobretudo, ao autoconhecimento.

Uma das coisas mais complexas foi elaborar os personagens, fiz questão de permanecer com os nomes reais. E depois mudei o nome da família Benvindo por Felizardo e de alguns personagens para evitar possíveis confrontos. Estudar cada trejeito e elaborar uma personalidade junto de um diálogo carregado de sotaques em que ora goiano e ora, pernambucano, muito a partir do que estou vivendo no momento, fui orientado pelo Antônio em alguns encontros, que existia uma mistura de sotaques e que algumas gírias não

combinavam com determinados personagens, principalmente os da década de 90. Então eu sempre voltava em uma fotografia, vídeo, pesquisava a moda, as músicas, as gírias para que nada ficasse fora do contexto.

O cronograma foi essencial e as reuniões com o orientador foram me norteando para questões importantes. Apesar disso e por se tratar de uma história pessoal, não consegui reviver muitos traumas causados por minha própria família. Foram inúmeras sessões de terapia para que eu pudesse desenvolver e discorrer sobre o tema que havia escolhido. E, é através da morte simbólica de Paulo Araquan, entendendo morte como mudança de ciclos, ou um renascimento, que resolvi me livrar das amarras de um passado complexo da minha família e entender que os erros causados por eles, não são da minha ossada e que preciso viver a partir das minhas próprias perspectivas.

5 RESULTADOS ESPERADOS

Pretende-se apresentar um roteiro de longa metragem ficcional do gênero Drama Psicológico, a fim de aguçar debates sobre relações familiares, sobre banditismo, cangaço, homofobia, machismo, drogas através de uma narrativa não linear e metalinguística do cinema, com um retrato de um sertão pernambucano revisitado.

REFERÊNCIAS

ABRIL despedaçado. Direção: Walter Salles. Brasil: Bac Films, 2002. DVD.

ESTOU pensando em acabar com tudo. Direção: Charlie Kaufman. Estados Unidos da América. 2020.

GIRL, Interrupted. Direção: James Mangold. Alemanha, Estados Unidos da América. 1999.

HALBWACHS, Maurice. **Memória e Identidade Social**: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

HARTMANN, Ana. **Desembarcando o Alzheimer**: um guia prático para familiares e cuidadores. São Paulo: L&PM. 2012. Edição de Bolso.

JOKER 2. Direção: Todd Phillips. Estados Unidos da América, 2021.

LE GOFF, Jacques. História. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.

LINHA Direta. Os BenVindos e os Golçaves. **Linha Direta**. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GHE0-4625-215139,00.html>. Acesso em: 19 dez. 2020.

MCSILL, James; SHUCK, André. **Cinema**: roteiro. São Paulo: DVS, 2016.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiro do Sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2004.

NOSSA, Leonencio. A disputa por poder dos Araquan e os Benvindo no polígono da maconha. **Estadão**, São Paulo, 12 out. 2013. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-disputa-por-poder-dos-araquan-e-benvindo-no-poligono-da-maconha,1084724>. Acesso em: 8 jan. 2021.

PEDROSO, Écila. **É preciso pensar**: manual prático de roteiro. São Paulo: SESI-SP. 2016.

REY, Marcos. **O roteirista profissional**: televisão e cinema. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas**: o psicopata mora ao lado. São Paulo: Principium, 2014.

THE, Father. Direção: Florian Zeller. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. 2021.

"PÁSSARO QUE DORME"

Um roteiro

de

Emanuel Bruno

"PÁSSARO QUE DORME"

INT. QUARTO EMANUEL - DIA

Nesse primeiro momento a coloração do filme é fria e escura. Até acontecer mudanças posteriores.

Abrimos no cinzeiro iluminado pela luz do sol.

Trata-se de uma kitnet.

O cinzeiro com cerca de 27 bitucas de cigarro.

Toca melodia de Diana "E Parabéns agora" que sai da caixa de som pequena.

No chão um copo em formato de lente fotográfica, pentes, comidas estragadas e panelas com muita formiga e varejeira.

Ventilador ligado, a parte da frente do ventilador está no chão, logo atrás.

Na mesa de vidro pequena e empoeirada uma taça quebrada e suja, um cortador de unhas, uma carteira de cigarros e uma tampa de panela.

Duas cadeiras, uma com toalha e a outra quebrada e torta.

Na estante, 20 livros em destaque Chimamanda Ngozi AMERICANAH e Bell Hooks e O Sentido do Filme de Sergei Eisenstein juntos de produtos de limpeza, 14 pares de sapatos sujos e um tripé quebrado abaixo da estante.

Ao lado uma caixa com compras: macarrão, feijão, arroz, cuscuz, leite, sabonete, pão de sanduíche e sacos de lixo. Um guarda roupa pequeno de madeira, porta aberta com roupas bagunçadas e coloridas.

A porta do quarto dá vista para a varanda e a cidade onde mora. O espelho grande em pé, encostado na parede e ao lado um galão de água.

Mão negra masculina que pressiona cigarro no cinzeiro até apagar.

EMANUEL, 26. Homem negro, barba grande e desarrumada, cabelo de dreads, ele está pelado, usando óculos de grau, sentado no colchão no chão do seu quarto, com notebook no colo digita uma cena de roteiro. Na parte superior tem escrito: trabalho conclusão de curso roteiro de um longa metragem - Filme Pássaro que dorme.

2. INT. BANHEIRO EMANUEL - DIA

EMANUEL entra no banheiro e liga o chuveiro, confere se água está morna. Muda a temperatura, coloca primeiro o pé, depois o braço esquerdo e finalmente se molha por completo.

EMANUEL inicialmente narra a história. O som do chuveiro vai ficando mais baixo.

EMANUEL (V.O)

Eu nunca encontrei meu pai depois daquele dia... Se esvaiu. Se foi... lembro apenas do estrondo daquele tiro que está literalmente apenas na minha cabeça. Quase que um disparate sonoro, um "boom" tão silencioso, intrínseco, eu diria. Não houve um momento mais vazio na minha vida do que aquele dia que descobri sua morte, na casa da minha avó. Meus tios desolados no sofá. Era domingo e passava Roda a Roda na TV. Domingos são sempre deprimentes, solitários, estranhos... Eu tinha pânico de ir à escola na segunda e encontrar aquela professora infeliz, amarga com sua vida pessoal, descontando tudo nos alunos. Mas geralmente os domingos lá em casa sempre eram regados a muitas cervejas e churrascos, o que dava gatilhos na minha ansiedade, pois eu sabia que minha mãe beberia exageradamente e isso me dava medo. Ela ficava violenta e gritava muito. Mas nas tardes de domingo tocavam Diana - Porque Brigamos? Era a música que a fazia lembrar do meu pai... Lembro inclusive do dia que ela ligou para a rádio e o dedicou uma música. Era seu aniversário dele, ela disse assim para o locutor: Saudades, Paulo. "Da sua eterna esposa" com muita ênfase na frase. A música que dizia: Meus parabéns agora e feliz aniversário, amor. Estás feliz agora, depois que tudo acabou?

EMANUEL enxuga seu corpo e se olha no espelho, observa manchas e acne na parte do seu tórax. Escova os dentes, passa creme facial e lava o rosto.

EMANUEL (V.O) (CONT'D)

A única cena que vinha na cabeça era de quando eu era criança e minha mãe me levou para visitá-lo em sua casa, numa zona rural ali perto da cidade que morávamos, eu fingi que dormia e fiquei com os olhos entreabertos observando os dois transando em pé, aquilo nunca saiu da minha memória. Acho que em toda a minha vida sofri esse drama do romance dos meus pais e esqueci de viver os meus próprios dramas, ou talvez eu tenha feito os meus relacionamentos serem uma mera projeção do que foi a relação deles. Bem, isso aqui nem é sobre romance, talvez seja sobre perdão ou talvez eu nem sei sobre quem eu fui...

3. INT. QUARTO EMANUEL - DIA

EMANUEL seleciona cinco camisas estampadas, coloca no colchão, procura uma bermuda.

EMANUEL Fuma um cigarro, senta no colchão e passa camisa amarela com flores pretas. Veste a bermuda, calça o tênis e pega a prancheta e a caneta.

Abre a geladeira, pega presunto e queijo, coloca na mesa. Enrola um presunto no queijo, coloca catchup e come. Bebe água na boca da garrafa, fecha a geladeira e escuta alguém batendo na porta.

Abre a porta e é NANDO 30. Homem negro, magro e barbudo, cabeça raspada, alto.

NANDO

Emanuel, cara. Já 'tamo' tudo pronto e você está atrasado mais de uma hora, poxa. A Professora vai querer relatório no final e eu não vou mentir sobre a sua falta de compromisso em set, não.

EMANUEL

A estrela sempre demora a cair, amore. Eu precisei fazer os últimos retoques no roteiro. Nunca se sabe, né? A perda da inocência do Comolli.

(MORE)

EMANUEL (CONT'D)
 Já está na hora de perder a sua
 também, né? Tu é muito
 esquentadinho. Bicha chata.

NANDO sorri e EMANUEL sério oferece presunto e queijo. NANDO
 faz cara de nojo e recusa.

NANDO
 Mano e esse quarto desse jeito? Tu
 não tem vergonha não?

EMANUEL senta na cadeira observa o quarto, olha para NANDO e
 revira os olhos, desdenha.

EMANUEL
 Ai cara, vai se fuder, sabe? Deixa
 meu quarto e minha vida desordenada
 assim. Eu gosto. Aliás, só produzo
 no caos. Deve ser por isso que
 construo narrativas tão boas sobre
 o porre que é viver...

NANDO
 Patrícia e Natália estão esperando
 lá fora.

EMANUEL respira fundo, massageia o peito e levanta.

EMANUEL
 E vamos de encarar pela primeira
 vez a velha e perguntar sobre o
 filho maluco e assassino dela. A
 primeira diária do tcc da Emanuel,
 que emoção!

EMANUEL brinca fingindo que está chorando. NANDO sentado
 apenas ri dele. Os dois se levantam e saem do quarto.

4. EXT. FACHADA CASA DE EMANUEL - DIA.

NANDO e EMANUEL encontram PATRICIA, 20. Mulher negra de
 estatura baixa, gorda, cabelo preto cacheado, tatuada, roupas
 pretas e óculos de sol redondo e NATÁLIA, 26. Mulher negra de
 pele clara, magra, cabelo Black Power, piercing no nariz.
 Eles se abraçam na calçada da casa de EMANUEL.

PATRÍCIA
 Finalmente né, bixa? Que demora da
 gota! Bora uai. Cinema verdade,
 espera por elas todas!

Todos riem e entram no carro.

5. INT. CARRO PATRÍCIA - DIA.

PATRICIA vai no banco do motorista, NATÁLIA do seu lado. NANDO e EMANUEL no banco do passageiro atrás. EMANUEL pega a prancheta da bolsa e uma caneta, começa a escrever. Distribui dois roteiros, um para NANDO e outro para NATÁLIA.

EMANUEL

(Nervoso)

Gente, eu nunca encontrei essa mulher. Mas entrevistar vai ser babado, porque boatos que ela tem Alzheimer. Será que ela lembra do filho? Mas assim, o importante é chegar de boa e sem muitas pretensões. Qualquer coisa vamos fakear a parada porque o importante é sair com o TCC até o final do semestre.

NATÁLIA

Na real, eu nunca nem fui nessa cidade deles, mas acho que vai rolar sim, amigo. Vamo que bora e se não der certo, a gente volta e toma uma brejinha gelada pra esquecer de tudo.

PATRÍCIA

Bixa, tu poderia ter escolhido uma personagem social mais fácil, né? Gosta de lacrar aí fica nervoso com a dificuldade de lidar com as entrevistas. Poderia ter inventado uma ficção, seria mais fácil...

EMANUEL

Fica na tua, sapatão. Nando tu já fez os testes das lentes e Natália do som? Gente sério, é documentário. Tudo pode acontecer e ninguém pode perder nada, porque eu não quero ninguém sendo pego de surpresa.

NANDO

Uai, Emanuel. confie em mim cara! Já está tudo testado desde ontem. O único erro é seu atraso mesmo...

TODOS riem, EMANUEL vira o rosto em direção à janela. Baixa a cabeça e respira fundo.

EMANUEL
Amiga, rola de fumar aqui?

PATRÍCIA
Fuma aí, bixa. Tem um beck aqui,
cês quer?

NATÁLIA
Bota uma música aí.

NANDO
Ah, eu animo um beckzin.

EMANUEL
Eu não, vou ficar de boa no
paieiro, a massa me deixa leso.
Mais do que já sou...

PATRÍCIA
Leso... a senhora só paga de Nelson
mesmo.

6. EXT. ESTRADA - DIA

Imagens aéreas do carro na estrada. Estrada de terra
vermelha.

7. EXT. FACHADA CASA GALDINA - DIA

EMANUEL sai do carro, vai até a porta, bate três vezes. A
casa trata-se de uma mansão, com portas e janelas
gigantescas.

Todos saem do carro, simultaneamente.

NANDO descarrega os equipamentos do porta malas

NATÁLIA tira o gravador da bolsa.

EMANUEL agitado caminha de um lado para outro, começa a
tremer.

NATÁLIA
Migo, calma uai. Não é nosso
primeiro filme.

EMANUEL
Eu sei, eu sei. Mas esse é
diferente. Vocês não entendem...

NATÁLIA
Uai, como assim?

EMANUEL

Deixa pra lá, vamos organizar.
Nando já ligue a câmera que isso
pode entrar no filme.

EMANUEL bate novamente na porta, agora quatro vezes.

EMANUEL (CONT'D)

Dona Galdina! A equipe do cinema
que falei na ligação com a senhora.
A gente tá aqui, já!

GALDINA, 88. Mulher negra gorda, cabelo liso e longo,
estatura baixa, 88 anos, muito arrumada, brincos e jóias de
ouro. Blusa e saia elegante. Abre a porta e estranha a
equipe, não os reconhece. Fecha a porta.

EMANUEL (CONT'D)

Gente, eu não sei o que fazer tô
nervoso demais.

PATRÍCIA

Calma, gay. Dona Galdina, somos
estudantes de Cinema e precisamos
fazer uma entrevista com a senhora
para um filme. Imagina a senhora
toda bonita naquelas telas grandes.
Coisa chique, a senhora vai amar!

GALDINA abre a porta e sorri para a equipe.

GALDINA

Olá, meus queridos, desculpa a
cabeça. Vocês me ligaram, eu anotei
na agenda. Tenho tudo organizado.
Vocês tomam café?

NATÁLIA

Eu aceito.

GALDINA

(Em voz alta)

Sandra, faça café para os meninos.
Traga sete xícaras.

Percebemos a casa de GALDINA um ambiente luxuoso com grandes
lutres, mesa gigante de madeira, com cerca de 12 cadeiras
grandes. Portas claras, com trincos dourados de ferro. Uma TV
grande, dois sofás grandes vermelhos, várias fotos em quadros
e muitas telas de pintura. Oito relógios antigos de parede.

EMANUEL caminha pela casa de GALDINA, observa cada objeto e
pega uma foto de um rapaz cujo rosto ainda não é possível
identificar.

GALDINA pega a bandeja das mãos de SANDRA, 45. Mulher branca, magra, cabelos loiros, roupas de secretária do lar. Com sete xícaras de café.

NATÁLIA

(Rindo)

Uai, Dona Galdina aqui tem xícara demais.

GALDINA

Ai, minha querida... me desculpe. Nem contei vocês lá fora. Pensei que era mais gente, mas não tem problema... Qualquer coisa eu joga fora.

NATÁLIA

Se depender dessa galera aqui, a gente toma isso loguinho.

NANDO monta tripé, confere as lentes e acopla a câmera no tripé. Coloca uma bateria e acende um led.

NATÁLIA continua tomando café.

PATRÍCIA liga notebook na mesa.

EMANUEL caminha contemplativo pela sala de GALDINA.

EMANUEL

Então, Dona Galdina eu gostaria muito de fazer um filme que fala um pouco de Paulinho, seu filho. Que morreu em 2000, a gente fez uma pesquisa bem grande sobre ele. Mas muita coisa não está nesse acervo da internet. A senhora poderia nos contar quem foi Paulo Araquan? Natália, mulher... liga o gravador. Acorda!

NATÁLIA assustada, levanta rápido e começa a lapelar GALDINA.

EMANUEL (CONT'D)

Espere só um pouquinho dona Galdina, ela vai colocar esse microfone pra voz da senhora ficar bem bonita. É rapidinho.

NATALIA liga o gravador.

GALDINA

(Reflexiva)

Ah... Meu menino, meu Paulinho...

GALDINA fica em silêncio e abaixa a cabeça, respira fundo, levanta e passa a mão no rosto, abaixa a cabeça, entristecida.

EMANUEL olha para PATRÍCIA que olha para NATÁLIA que faz expressão de negação.

GALDINA (CONT'D)

Ele é uma pessoa maravilhosa, querida por todos, com seu jeito atencioso e cativante, agrada a todos. É um bom aluno, estudioso e fera na matemática. Reconhecido pelos melhores professores, ele casou cedinho demais, só tinha 19 anos e no mesmo ano já virou pai. Ele é agricultor, reconhecido e elogiado por sua habilidade com plantações, é namorador demais e não dispensa nenhuma mulher...

EMANUEL

(Interrompe de forma grosseira)

Mas a senhora sempre fala no tempo presente e ele faleceu, não é?

GALDINA

Não, Paulinho? Ele tava aqui ontem mesmo com Bruninho e Carol. Deus me livre meu menino morrer, ali é uma das minhas maiores bênçãos.

EMANUEL passa mão na barba e levanta as sobrancelhas, desacreditado.

EMANUEL

Acho que isso não vai dar certo, gente...

PATRÍCIA

Calma, Emanuel. Começamos agora! Calma!

EMANUEL

A senhora pode continuar por favor, Dona Galdina?

GALDINA

Ele gosta de dançar, gosta da roça,
beber, comer bem, não come sem
carne, faz amizades facilmente,
adora um bom churrasco e se destaca
por sempre ser uma pessoa alegre e
prestativa.

CRIS, 51. Mulher de estatura média, cabelos ondulados e longos, negra de pele escura, elegante, blusa e saia longa de renda branca, com bíblia na mão e bolsa pendurada no punho. Entra na casa de GALDINA abre os olhos surpresa com a gravação.

CRIS

Bruninho, eu já não te disse que
mamãe está com problema de saúde e
não pode fazer esse negócio que
você inventa? Vá procurar um
trabalho, rapaz. Isso não é coisa
de homem não!

EMANUEL

(Atônito)

Quem é Bruninho?

CRIS

Ué, agora mudou até de nome?

EMANUEL

Meu nome é Emanuel, minha senhora.

CRIS

Emanuel, Bruninho. Não importa, o
que eu quero é que você saia daqui!
E ainda traz esse povo todo pra
casa de mamãe sabendo que ela tá
doente. Um povo esquisito com esses
ferros e essas pinturas demoníacas
aqui dentro de casa, não. Xô,
satanás. Vai pra bem longe daqui de
casa! Eu te ordeno espírito
maligno, cai por terra.

EMANUEL levanta bravo, e ajuda os colegas a arrumarem os equipamentos. Todos saem dali.

7. EXT. FACHADA CASA GALDINA - DIA

PATRICIA e NATALIA organizam os equipamentos no porta malas,
NANDO e EMANUEL entram no carro.

NATALIA derruba o gravador.

EMANUEL (O.S)
Porra Natália, não fode! Acorda,
caralho.

8. INT. CARRO PATRÍCIA - DIA

EMANUEL com celular na mão, inquieto.

NANDO olha pela janela.

NATÁLIA fuma um cigarro e passa para PATRÍCIA.

NATÁLIA
Amigo, você já conhecia aquelas
pessoas? Você disse que não
conhecia a personagem social e que
só havia feito uma ligação...

PATRÍCIA
Uai, sim... do nada a mulher chega
te chamando de Bruninho?

EMANUEL
Vocês parem de viajar em mim, mas
não tá na cara que esse povo é tudo
maluco, não? Eu hein...

NATÁLIA
(Confusa)
Muito estranho... Mas que são
loucas deu pra perceber.

NANDO
Qual estratégia você tá pensando
para abordar novamente?

EMANUEL
Não quero mais pensar nisso não,
gente... se puderem evitar. Tô
exausto. E não gostei desse
primeiro contato.

9. INT. CASA EMANUEL - DIA

EMANUEL chega em casa no entardecer. Ele organiza toda a
bagunça, rapidamente com respiração ofegante. Deixar cair o
ventilador e observa que quebrou a hélice. Organiza os
livros, pega um balde com água, coloca desinfetante e joga no
chão, vai puxando com rodo. Pisa nos óculos de grau e quebra
a lente direita.

10. INT. CASA EMANUEL - VARANDA - NOITE

Ele vai até a varanda e senta ao lado de um vaso de plantas : Comigo-ninguém-pode, Espada de Ogum e outras... Acende um cigarro e coloca música no celular.

POV. EMANUEL

EMANUEL tenta olhar a cidade mas uma Caixa d'água tira boa parte da panorâmica do seu campo de visão.

EMANUEL desvia da caixa para ver a cidade que já está escura. Existem apenas alguns postes distantes. A expressão de EMANUEL é de tristeza.

Música do celular é interrompida por uma chamada, na tela do celular escrito MÃE.

EMANUEL atende o celular.

EMANUEL

Mainha, não deu bom lá, não...

MÃE (V.O.)

Oi meu amor, como estão as coisas por aí? Já jantou?

EMANUEL

Tudo bem, jantei sim.

MÃE (V.O.)

O que não deu certo na gravação?

EMANUEL

Tia que ficou com coisa lá... mandou todo mundo vazar, me chamou de Bruninho e geral desconfiou.

MÃE (V.O.)

Mas você não esperava por isso? Você foi escondido da sua tia. Eu acho perigoso fingir para seus amigos que não conhece ninguém... É sua família.

EMANUEL

Sei lá, mainha... Eu gosto da surpresa. Prefiro assim.

MÃE (V.O.)

Espero que isso não prejudique você. Te amo meu filho, boa noite.

EMANUEL

Te amo, Beijos.

EMANUEL acende o cigarro, deita no chão e fuma. Acompanhamos EMANUEL levantando e indo até o quarto onde ele acende uma luz vermelha, tira as roupas e se observa no espelho.

NANDO (O.S.)

Emanuel!

EMANUEL rapidamente veste uma roupa e recebe o NANDO

NANDO (CONT'D)

Rensga!! tomou jeito e arrumou o quarto. Meu Deus do céu, tava só o caos e o chorume, amigo. Bora ali na distribua tomar uma brejinha!

EMANUEL

Mas hoje é terça, preciso pensar alguma estratégia de abordagem com a velha novamente... não sei se rola hoje não, Nando... sério.

NANDO

Bora logo, uai... depois você pensa nisso!

11. EXT. RUAS DA CIDADE - NOITE

EMANUEL e NANDO caminham pela cidade vazia, com arquitetura antiga e luz amarelada. Ouvimos apenas sons da paisagem natural: cigarras, sapos.

EMANUEL

Nando, tô pensando em desistir da ideia de realizar o doc, sei lá...

NANDO

Mas é seu tcc, uai.

EMANUEL

É melhor elaborar algo mais fácil, não vou conseguir se continuar dessa forma. Porque não existe contribuição além da Dona Galdina e ela tem Alzheimer, não sei até que ponto... olha esquece, bora tomar essa breja.

12. EXT. FACHADA DISTRIBUIDORA - NOITE

Ambiente com grade e luzes coloridas, uma delas está escrito ABERTO colada na parede, cartazes de bebidas. EMANUEL senta na calçada e NANDO chega com uma cerveja de litrão e dois copos. NANDO coloca cerveja nos dois copos e senta.

EMANUEL desatento olha para o lado oposto do NANDO.

NANDO

Emanuel, porque você fica trancado no seu quarto o tempo todo? Se a gente não te chamar, cê não sai... De qual que é?

EMANUEL

Oxe, já vai começar... Sabe tomar uma breja sem indagar as coisas, não?

NANDO

Uai, cerveja é pra socializar.

EMANUEL

Hum... eu venho de um histórico familiar fudido. Todo mundo adoecido psicologicamente. Aconteceu muita trenheira sinistra lá em casa, sabe... Eu apanhava muito, minha irmã me batia sem motivo algum. Apenas pelo fato de que eu não tinha apetite, depois eu apanhei porque comia demais. Acho que todo mundo é meio esclerosado na minha família, eu carrego um peso muito grande de todos os traumas, sabe? Sinto que ficar trancado no meu quarto me traz sossego, é como se eu não tivesse que fingir simpatia.

NANDO

E se tu fizesse um acompanhamento psicológico? Eu já percebi que tu é meio fodido da cabeça também. Porque deixar o teu quarto na situação que ele fica, não é normal. Imagina se trancar lá com comida podre e roupas sujas no chão... isso não adianta muita coisa, não...

EMANUEL

Ai, amigo. Bora parar com essa palhaçada de conversa.

Oito litros no chão, os dois claramente bêbados. EMANUEL derrama a cerveja no chão.

EMANUEL

Essa merda tá quente... Amigo,
anima tomar um docinho?

NANDO

Uai, sei lá. Acho que a gente
ficaria muito louco.

EMANUEL

E não é essa intenção?

13. INT. CASA DE EMANUEL - NOITE

EMANUEL abre a porta e acende a luz vermelha e um pisca azul,
abre a geladeira pega água e coloca no copo, serve NANDO e
toma um pouco de água direto da garrafa.

NANDO senta na cadeira e se escora na mesa, baixa a cabeça
como se estivesse sentindo os efeitos do álcool.

EMANUEL abre a gaveta do guarda roupa à procura do LSD. Ele
encontra algo e mostra para NANDO um pequeno pedaço de papel
colorido.

EMANUEL (CONT'D)

Achei, anima?

NANDO afirma positivamente com a cabeça.

EMANUEL liga caixinha de som e escolhe música no celular,
FLERTE REVIVAL - LETRUX. Coloca um pedaço LSD na língua do
NANDO e outro na sua.

EMANUEL (CONT'D)

Agora levanta uai, que o negócio só
vai bater daqui uns 40 minutos.
Bora dançar pra gastar a lombrá e
não ter tempo de bater a bad...

NANDO levanta, sem se segurar muito em pé e se encosta na
parede.

EMANUEL puxa mão de NANDO e o faz dançar forçadamente.

EMANUEL observa sua pupila no espelho. Sorri euforicamente.
Ele puxa NANDO para olhar no espelho.

EMANUEL

Carai, olha a minha pupila
gigantona! Eu tô louquíssimo.

NANDO observa sua própria pupila e ri junto com EMANUEL.
EMANUEL escolhe um TRANCE PSICODÉLICO Os dois começam a
dançar e pular tomam água e jogam água para cima.

No ritmo da música os dois estão em êxtase, EMANUEL toca em seu corpo, deslizando as mãos pela cabeça, olhos fechados enquanto dança.

NANDO pula de olhos fechados.

EMANUEL grita, mas não sai o som.

EMANUEL se aproxima de NANDO e cheira o pescoço. NANDO se assusta e se afasta.

NANDO puxa EMANUEL e dançam juntos, EMANUEL empurra NANDO na parede e o beija.

NANDO coloca a mão dentro da cueca do EMANUEL e desabotoa seu short, EMANUEL abraça o NANDO pelo pescoço e vai soltando, levanta a camisa dele e lambe seu mamilo e desce.

NANDO geme, coloca as mãos na cabeça e revira os olhos, respira ofegante.

EMANUEL olha nos olhos dele e eles se beijam com brutalidade.

EMANUEL tira a sua camisa, NANDO troca de lugar com EMANUEL e o vira de costas, lambe suas costas.

EMANUEL fecha os olhos, respira, abre a boca.

NANDO faz movimentação como se estivesse penetrando EMANUEL.

FUSÃO P/ INSIGHT

14. INT. QUARTO - NOITE

Quarto com luz amarelada, uma cama enquanto um casal transa em pé, contra a parede no mesmo ângulo em que transa EMANUEL e NANDO como se fosse refletido em um espelho. São pessoas que ainda não é possível ver rosto. A MULHER estatura baixa, cabelo cacheado preto, longo e cheio, negra de pele clara, . O HOMEM com cabelos lisos volumosos, negro, estatura baixa.

MONTAGEM PARALELA

EMANUEL beija NANDO e o CASAL beija.

Os quatro estão interligados.

EMANUEL e NANDO colocam as mãos sobrepostas na parede, enquanto gemem com os olhos fechados e as cabeças dos dois estão próximas.

EMANUEL abre os olhos e enxerga o CASAL no mesmo quarto, mas em direções opostas.

EMANUEL
(Assustado)
Para Nando, para. Tá doendo.

NANDO insiste brutalmente.

EMANUEL (CONT'D)
Tira cara, tá machucando real. Bora
gozar junto batendo uma.

NANDO com os olhos fechados, coloca a mão na boca de EMANUEL. Desce uma lágrima dos olhos de EMANUEL que arregala os olhos, como se quisesse gritar, mas impedido pela mão de NANDO.

NANDO goza e EMANUEL deita na cama com os olhos arregalados e lacrimejando.

15. INT. QUARTO DE EMANUEL - DIA

EMANUEL acorda assustado, olha ao redor do quarto.

Percebemos que o seu quarto está bagunçado como na primeira cena.

EMANUEL levanta, olha no espelho, respira ofegante e escova os dentes com muita pressa.

Procura roupas e as veste sem se ajeitar muito.

Pega uma bolsa, coloca notebook, uma câmera DSLR e canetas tudo dentro.

16. EXT. TERMINAL RODOVIÁRIO - DIA

EMANUEL chega correndo.

Depois caminha ofegante entre os corredores de cada ônibus.

EMANUEL olha o letreiro do ônibus e no letreiro o local escrito é: "Pada si awon ti o ti kọja?"

EMANUEL vira as costas recusando ir nesse ônibus.

A rodoviária está lotada, mas não conseguimos ver o rosto de ninguém, apenas a movimentação. EMANUEL vai até o guichê.

Todos os letreiros e tudo que tem alguma informação na rodoviária está escrito em Iorubá.

EMANUEL (CONT'D)
Moça, uma passagem por favor!

Nesse momento percebemos que a funcionária trata-se de SANDRA que anteriormente era secretária do lar na casa de GALDINA e agora é recepcionista de empresa de viagem.

SANDRA
Documentos do senhor, por favor!

EMANUEL
Qual o próximo ônibus, moça?

SANDRA
Às 9:30h, senhor. Confirme se seu documento está correto, por favor!

EMANUEL olha no relógio de parede e ainda são 8:47h.

EMANUEL
Tá sim, me coloca numa poltrona na janela!

SANDRA
Ok, tudo certo. Tenha uma boa viagem!

EMANUEL pega os documentos e joga tudo na bolsa.

17. INT. LANCHONETE RODOVIÁRIA - DIA

Na estufa muitas opções de lanches fritos, bolos, refeições, balas, refrigerante.

EMANUEL recebe uma coxinha e um guaraná da VENDERORA que aqui também é a SANDRA com outro uniforme mais simples.

EMANUEL come ali mesmo sentado na mesa, come como se estivesse com muita fome, bate no refrigerante que derrama na mesa.

Antes de terminar de comer tudo ele sai para fumar um cigarro.

Olha no relógio. Faltam 5 minutos.

18. INT. BANHEIRO RODOVIÁRIA - DIA

Banheiro sujo, com paredes quebradas e muita água no chão e torneiras ligadas, EMANUEL lava o rosto e observa seu reflexo no espelho quebrado e manchado. EMANUEL Ouve buzina e corre.

19. INT. ONIBUS - DIA

EMANUEL procura sua poltrona e senta. Pega um fone de ouvido escolhe música no aplicativo. LÉGUA TIRANA, LUIZ GONZAGA. Nesse momento a colorização do filme muda, assumindo tons quentes.

POV EMANUEL

Estrada com galhos secos, paisagem da caatinga sertaneja. Mandacarus, Angico, Aroeira, Bromélia, Barriguda, a cor esquentada.

EMANUEL observa seu reflexo na janela do ônibus.

20. EXT. RODOVIÁRIA SERTÃO - DIA

EMANUEL desce do ônibus, faz ligação para a mãe. Celular está fora de área. Manda áudio.

EMANUEL

Mainha, vou tentar novamente a entrevista

Coloca o celular no bolso e acende um cigarro, senta no meio fio. Olha para um lado e para o outro e não vê ninguém. Cidade deserta. Apenas um jumento comendo capim à sua frente.

21. EXT. FACHADA DA CASA DE GALDINA - DIA

Percebemos que a casa de GALDINA não é a mesma, agora a casa se localiza numa zona rural.

Bancos de madeira e um terreiro. Casa de taipa, Janelas e portas amarelas. Cactos em pequenos vasos espalhados pela casa e quadros de santos pendurados nas paredes. Carroça de burro à frente e uma árvore de umburana.

EMANUEL pega um banquinho de madeira, com assento de couro senta e se escora na parede. Enquanto observa o gado que se alimenta, fuma um cigarro.

EMANUEL

Vó, sou eu. Bruninho!

GALDINA agora mais envelhecida, pele enrugada, cabelos brancos, roupas simples, chinelo de couro, sem dentes e um lenço colorido na cabeça.

GALDINA

Quem é você?

EMANUEL

Sou seu neto, filho de Paulinho.

GALDINA

Paulin num tem fi véi assim, não. O menino de Paulin foi simbora desde o dia da tragédia.

EMANUEL

Tragédia? Hum... Eu gostaria de conversar com a senhora sobre isso mesmo. Deixa entrar voinha, tem café?

GALDINA

(Rindo reflexiva)

Engraçado que Carolzinha me chamava assim, de voinha. Você conhece Carolzinha? Entre aí, meu fí.

22. INT. CASA DE GALDINA - DIA

Ambiente escuro, sala pequena com saídas de luz apenas das telhas afastadas. Muitas imagens de santos nas paredes, redes dobradas nos tornos, banquinhos de madeira, rádio com bombril na antena, carcaça de cabeça de um boi pendurada e cerca de vinte terços adornando. Reprodução em pintura de foto antiga de GALDINA e MARIDO. Imagem de Cristo crucificado, canecas de aço e um penico do lado da porta de entrada.

GALDINA se aproxima com café e uma fatia grande de queijo.

GALDINA (CONT'D)

E tu meu fí, tu é quem? Tu vem daonde e vai pra aonde?

EMANUEL

Vim aqui atrás da senhora resolver algumas coisas. Conversar e matar a saudade...

GALDINA

É mesmo? Eu num me alembro d'ocê, não. Ocê é fi de quem?

EMANUEL

Marilene, mulher de Paulinho, seu filho.

GALDINA

(Decepcionada)

Paulin se envolveu com essa raça. Nunca prestou. Eu num tô boa da cabeça mais não, meu fi...

(MORE)

GALDINA (CONT'D)
 tanta coisa aconteceno, né? Mais
 tarde Cris e Ana chega pra
 conversar com ocê. Tu conhece elas?

EMANUEL
 Sim, são minhas tias, voinha.

EMANUEL olha fixamente para uma foto ao lado do rádio, levanta e vai perto para observar. Trata-se de PAULO homem negro, cabelos lisos volumosos, 26 anos. E MARILENE 26, mulher negra da pele clara, cabelos cacheados volumosos. Os dois estão montados num cavalo, MARILENE atrás de PAULO, com braço passado na cintura dele. Logo percebemos que é o mesmo casal que estava no INSIGHT de EMANUEL. A foto recortada e colada numa página rasgada de caderno acompanhada de um texto escrito.

FUSÃO P/

23. INT. SALA CASA MARILENE - DIA

MARILENE vestida com blusa branca de mangas bufantes e saia preta longa de cetim. Sentada, recorta foto e cola numa página. Procura caneta e começa a escrever.

MARILENE (O.S.)
 Paulo
 Sou feliz, porque tu vais comigo
 Vamos lado a lado, tu és
 Meu melhor amigo.
 Procuro abrigo nos corações
 De porta em porta desejo entrar
 Se alguém me acolhe com gratidão
 Faremos juntos nossa refeição.
 Creio na força dos fracos,
 Eles são um sinal de esperança.
 Recordação da sua querida,
 Marilene Lima Sá
 11/11/92

CORTA P/

24. INT. CASA GALDINA - DIA

EMANUEL se assusta, coloca a foto de volta no lugar e senta.

CRIS também com as características diferentes da primeira aparição. Agora uma mulher magra e alta, cabelos amarrados, maquiagem exagerada feita para branquear a pele, nariz bem grande, vestido solto. Entra acompanhada de ANA mulher negra, gorda, baixa, cabelos brancos, longos e lisos, ruga no nariz e com maquiagem igualmente exagerada.

CRIS

Óia, Ana... quem tá aqui.

ANA

Bruninho, meu fí... que saudade!
Cresceu, menino de tia. Só tá feio
com esses cabelos, você tá bem? E
sua mãe já arrumou um emprego?

EMANUEL

Ai, tia... Recuso responder tudo.
Mas tô bem sim, preocupado com vó
que nem me conhece mais.

CRIS

E esse cabelo, omi? E essas veste?

ANA

Você quando sai de casa pede sua
senha para Deus? Os policiais num
brinca, não...

EMANUEL

Não entendi, tia Ana...

ANA

É que esse seu jeito de se vestir
deixa você parecendo um bandido
sujo, né? Tem que mudar, cortar o
cabelo. Você não é mulher pra andar
assim...

EMANUEL

Engraçado que quem realmente era
bandido vocês nunca disseram nada,
né? A família toda cheia de casos
de crimes. Meu pai era assaltante e
matador. Não tinha pena de ninguém,
esquartejava um corpo como se
estivesse retalhando um boi para
servir num churrasco...

CRIS

Deixa de blasfêmia cão ruim, num
mudou nada... se teu pai tivesse
vivo jamais iria aceitar você desse
jeito...

ANA

Menino estranho, querendo ser feme.
Tu nem parece muito com ele, é
mais escurinho e tem cabelo duro.

EMANUEL

Tia, que absurdo isso tudo que você tá me falando. Eu fiquei sabendo que seu filho estava preso porque descobriu que a namorada dele estava grávida e bateu nela até ela abortar. E eu que sou bandido errado?

ANA bate na cara de EMANUEL. EMANUEL se assusta e arregala os olhos.

ANA

Tu puxou ruim assim, à sua mãe. Que Deus me mate aqui, agora se eu já torci pelo amancebo dela com Paulin. Ela era uma miudinha feia, desbundada. Aí quando Paulin arrumou a ota eu fiquei foi feliz, era uma mulher robusta, branca loira, igual nossa família. Sua mãe era muito insossa e você só parece com o povo dela mesmo. A nossa família é bonita, tem cabelo liso, olhos claros. Tem nenhum nego não.

EMANUEL

Não me admira vocês torcerem pela rapariga, óbvio. Combina bastante com você, tia Cris. A senhora é uma puta, que acabou o casamento porque estava traindo o noivo e foi pega no flagra, porque deixou escapar um biquíni em cima da cama... Nunca gostaram da minha mãe, nunca valorizaram nada. E sempre foi ela que pediu a painho pra parar a merda da vida de bandido... Agora fica aí pagando de irmã Lázara na igreja, achando que sabe cantar. Porque todo crente acha que canta? Vocês são tudo umas fudida mesmo, por isso que vó tá desse jeito aluada. Se fosse pra não fazer parte dessa família, eu com certeza seria uma pessoa melhor.

ANA

Você controle essa língua, seu fresquin. Neguin safado desse. Quem já se viu? Se teu pai tivesse vivo quem ia morrer era tu. Ele num gostava dessas raparigagens não.

EMANUEL

(Rindo)

Ele não gostava de que raparigagem?
Só vivia nos cabaré, mulher... e
ainda tinha a irmã puta também.

CRIS

(Irritada)

Bora saia daqui de casa, mamãe não
merece uma desgraça dessa não.

EMANUEL

A maior desgraça da vida dela foram
os filhos. Vocês são os próprios
demônios.

Cris pega no braço de Emanuel empurrando-o para fora.
Emanuel por sua vez empurra CRIS na parede e chuta a porta.

25. EXT. RUAS CIDADE GRANDE - DIA

EMANUEL corre olhando pra trás.

Cai por cima de uma máquina de sorvete, quebra os vidros com
essência, se corta levemente, a roupa fica com mancha de
essência de sorvete, ele levanta e continua correndo.

De acordo com o que ele corre o cenário urbano muda.

Toda vez que EMANUEL olha pra trás, ele está numa cidade
diferente. A primeira cidade é colorida com parque de
diversões e com muitas pessoas caminhando e se divertindo com
algodões doce e arminhas para derrubar brinquedos.

A segunda cidade é uma metrópole com muitos prédios e carros
estacionados no trânsito. EMANUEL corre na faixa de pedestre.

A terceira cidade acontece uma procissão de romaria, romeiros
e santos, queima de fogos. EMANUEL derruba e quebra a imagem
de Padre Cícero. Ele levanta assustado e constrangido e
continua correndo.

A quarta cidade ele está num beco todo grafitado e escuro,
ele corre até o final, pega uma chave do seu bolso e abre uma
porta, entra e fecha.

26. INT. QUARTO DE EMANUEL - NOITE

Luzes vermelhas com pisca azul ligado, EMANUEL tem crise de ansiedade, ouve-se um som agudo ensurdecido simultaneamente com os batimentos cardíacos acelerados, anda no quarto, tira lençol do colchão, se deita no chão, levanta, bate a cabeça na parede três vezes, pega foto-carta da bolsa, observa atentamente, e coloca dentro da gaveta do armário no meio das roupas, começa a suar, senta no chão e chora tremendo.

EMANUEL deitado no chão, acordando pega o celular e liga para MÃE chorando.

EMANUEL

Mainha...

MARILENE

O que aconteceu, meu filho?

EMANUEL

Porque eu existo, cara? Eu nasci só pra segurar a barra de vocês? Tia Ana e Cris fizeram uma cena horrível de discriminação comigo... Eu tô cansado de viver dessa forma, porra. Tô cansado de ser tão passivo e não meter a bala na testa daquelas desgraças.

MARILENE

Não foi assim que eu criei você. Sempre quis manter você longe de toda bagunça. Você é um artista, meu filho! Se recomponha. Tem comida em casa? Tá precisando de algo?

EMANUEL abre a geladeira e só tem uma garrafa de água.

EMANUEL

Tem sim, tá tudo tranquilo. Mas não sei se quero continuar com a ideia de fazer esse filme. Talvez eu não mereça um diploma em cinema. Não consigo realizar nada, nem sequer gravar um documentário sobre o meu próprio pai... Sabe aqueles pensamentos suicidas? Pois é...

MARILENE

Pode parar, se começar com isso vai voltar pra cá. Você quer voltar pra cá e morrer na depressão, sem emprego e oportunidade nenhuma?

EMANUEL

(Desconversa)

Mãe, eu achei uma carta sua pra
painho. De 92. Eu trouxe ela
comigo. Aquele povo nunca gostou da
senhora, mas eu te amo mãe. Vou
usar essa carta no meu filme.

MARILENE

Sabe o que é engraçado?

EMANUEL

O que?

MARILENE

Eu sonhei com seu pai essa noite...

EMANUEL

Como foi? Me conta!

MARILENE

Eu chegava numa casa bem grande e
bonita, era a casa deles, parecia
casa de senhores coronéis. E eu
entrava e seu pai ficava feliz ao
me ver, mas ficava com medo da
esposa aparecer e nos ver juntos...
E diz quem era a esposa?? A outra
lá... então eu fico pensando que
tudo o que aconteceu dela entrar na
nossa vida era pra ter acontecido
mesmo.

EMANUEL

Poxa mãe, sinto muito...

EMANUEL escuta alguém batendo na porta.

EMANUEL (CONT'D)

Mãe, tenho que desligar. Chegou
gente aqui! Beijo te amo.

EMANUEL desliga a ligação antes de receber alguma resposta,
vai até o espelho, enxuga as lágrimas com uma camisa. E se
observa atentamente, sorri. Alguém insiste batendo na porta.

EMANUEL (CONT'D)

Já vai. Que pressa é essa?

NANDO (OFF)

Sou eu Emanuel. Abre aqui, uai. Cê
sumiu, já tem mais de uma semana.
Que, que tá pegando?

(MORE)

NANDO (OFF) (CONT'D)
 Estamos aguardando respostas suas
 para as gravações. Cê desistiu,
 cara? Fala alguma coisa, abre a
 porta, poxa!

EMANUEL fica visivelmente amedrontado, começa a suar. Limpa o suor, senta encostado na parede, movimentando a cabeça em sinal negativo. Respira fundo. Vai engatinhando até o espelho. Se observa chorando, limpa o rosto e se ajeita.

EMANUEL
 Mano, se eu abrir essa porta eu vou
 matar você... Cê ainda tem coragem de
 aparecer depois daquele dia lá...

NANDO (OFF)
 Que dia lá, o que Emanuel? Do que
 você tá falando?

EMANUEL
 Tá se fazendo de doido é, Nando?
 Ontem depois do doce a gente
 fudeu...

NANDO (OFF) (CONT'D)
 Que? eu fudei com você? Cê tá louco?
 Do que cê tá falando? Quase duas
 semanas que eu não te vejo, a
 última vez foi na gravação da
 senhora. Eu não faço ideia do que
 tu tá me dizendo... Cê deve ter
 tomado doce sozinho e tá no efeito
 até agora, sequelado do caralho,
 nossa véi...

EMANUEL
 Eu vou denunciar você cara, cê tá
 mentindo. Se fazendo de doido.

NANDO (OFF)
 Mano, vai se fuder... otário. Tu tá
 me tirando? abre essa porta, eu tô
 querendo ajudar você. E tu fica com
 essas viagens. Vai se lascar, uai.

EMANUEL se acalma, levanta e abre a porta. NANDO entra e fica na porta, EMANUEL senta no colhão e fica de cabeça baixa.

NANDO (CONT'D)
 o que tá acontecendo com você,
 cara? Cê não tem aparecido na aula,
 não tem respondido as mensagens.
 (MORE)

NANDO (CONT'D)

Agora vem com essa de que a gente fudeu...

EMANUEL

Sei lá, agora eu fiquei preocupado. Tô acreditando mais em nada... Não sei o que tá rolando... na minha cabeça foi ontem que eu vi você, acordei e tu não tava mais aqui.

EMANUEL chora, coloca a mão no rosto, escondendo que tá chorando... NANDO levanta e pega água na geladeira. Coloca no copo e entrega para o EMANUEL que bebe rapidamente.

NANDO

Cara, tô preocupado com você. Tu tá precisando de uma gira, um banho de ervas...

EMANUEL

O nosso erro é esse, procurar o terreiro só quando precisa. Como se lá fosse um hospital. Ou como se Exú fosse um psicólogo.

NANDO

Você tem razão, mas não tem como fugir. Vamos agora mesmo! Levanta, levanta.

NANDO ajuda EMANUEL levantar.

NANDO (CONT'D)

Emanuel cê tá quantos dias sem tomar banho? vai banhar agora.

EMANUEL

Cê é chatão pra caralho.

CORTA P/

EMANUEL saindo do banheiro, enxugando rosto e o corpo.

EMANUEL (CONT'D)

Nando, cê quer passar uma roupa pra mim não, doido?

NANDO

Na hora cara, diga aí qual é.

EMANUEL

De preferência uma toda branca...

NANDO procura roupas no armário, vai organizando as camisas até pegar uma branca, joga no colchão e olha entre as calças na gaveta, pega uma bermuda branca, a foto-carta cai no chão.

NANDO pega a foto-carta e lê. Olha confuso para EMANUEL.

NANDO

Uai... Que isso? Onde cê conseguiu?

EMANUEL aflito, corre imediatamente. Pega a foto da mão do NANDO e guarda na bolsa.

EMANUEL

Era só passar a roupa, não era pra mexer nas minhas coisas.

NANDO

Cê roubou essa foto da casa da Dona Galdina, Emanuel? Cê tá louco? Que porra tá acontecendo com você, véi? Marilene não é o nome da tua mãe? A única coisa que me faria pensar que não é ela nessa história é que ela mora longe daqui. Mas aquela crente lá te chamou de Bruninho, como se te conhecesse... Emanuel, tu tá escondendo algo da gente, porra?

EMANUEL

Agora é tu que tá viajando, boy. Eu só peguei a foto como material de pesquisa, não tem nada a ver com roubo. Aliás, vamos voltar lá ainda essa semana.

NANDO

Não cara, chega desses problemas, doido. Eu tô ficando é com medo de você, já... Primeiro tu some uma semana, aí depois diz que eu fudi com você, agora rouba material de arquivo de uma personagem social... Vai se fuder, desisto. Depois a gente se esbarra lá na aula, vê se aparece...

EMANUEL

Uai, aí tu inventou de ir no terreiro comigo e agora arregou?

NANDO

Pois é, vou mexer com isso não. Que tu tá carregado demais, moço.

(MORE)

NANDO (CONT'D)

O ambiente aqui tá pesado, energia
rui demais.

EMANUEL

Então vaza, filho da puta.

NANDO sai da casa. EMANUEL pega o ferro e passa sua roupa, as
veste e se observa no espelho.

EMANUEL (CONT'D)

Cara paia, pensa que eu caio nesse
papel de bom moço. Se fuder, filho
da puta.

CORTA P/

27. INT. TERREIRO DE UMBANDA - NOITE

Abrimos com sons de atabaque, mãos negras tocam esses
instrumentos, pessoas cantando ponto de Tranca Rua.

Ambiente com cortinas vermelhas e pretas, mesa com toalha
vermelha, três velas acesas: preta, branca e vermelha.
Apoiadas em cumbucas de barro, atrás uma grande imagem de
Exú, adornada com uma guia toda preta, cinco caixas de
uísque, duas de aguardente e dois vinhos.

Ambiente com 50 pessoas, todas vestidas de roupas brancas.

HOMEM 1 (OFF)

Deu meia noite o galo já cantou...

CORO

Seu tranca Ruas é o dono da gira
Oi Corre gira que Ogum mandou.
O sino da igreja faz Belém,
blém, blom
O sino da igreja faz Belém,
blém, blom
Deu meia noite o galo já cantou...
Seu tranca Ruas é o dono da gira
Oi Corre gira que Ogum mandou.

EMANUEL aparece e se integra batendo palmas junto com as
várias pessoas do ambiente, ele observa as saias rodadas,
pretas e vermelhas, FILHA DE SANTO negra, baixa, gorda,
roupas brancas, 40 anos, se aproxima de EMANUEL.

FILHA DE SANTO

Moço, tá rolando um banho de ervas
lá naquele banheiro ali...

FILHA DE SANTO aponta para o banheiro que está atrás de EMANUEL.

FILHA DE SANTO (CONT'D)
Tem toalha lá, aí cê só banha do
pescoço pra baixo, viu?

EMANUEL
Ok, tô indo lá.

CORTA P/

28. INT. BANHEIRO TERREIRO - NOITE.

Banheiro pequeno, com uma privada, pia e um espelho pequeno ao lado da pia, e um espelho grande ao lado da privada.

Um box com duas bacias de água, uma com ervas maceradas e outra com sal grosso.

EMANUEL tira a roupa e as deixa penduradas na pia, tira chinelo de couro, entra no box e agacha no chão.

Pega uma cuia e banha o corpo, passando as ervas nos braços e de olhos fechados.

Fala sozinho, mas não ouvimos o som.

Terminado o banho, EMANUEL enxuga seu corpo se olhando no espelho e suas costas estão refletidas no espelho grande.

Ele observa as várias ervas em seu corpo.

CORTA P/

29. INT. TERREIRO UMBANDA - NOITE

EMANUEL fecha porta do banheiro e se encosta numa pilastra adornada com tecidos vermelho e preto.

Aparece TRANCA RUA com capa preta, homem negro, baixo, magro, 50 anos, barbudo, cabeça raspada, cartola preta com fita vermelha, guias no pescoço, camisa vinho acetinada, calça preta e sapato vermelho e colete preto.

Todos o saúdam, abraçando do lado direito e esquerdo. Ele senta com charuto, uma MULHER se aproxima e acende o charuto.

Pessoas batendo palmas e cantando ponto de MARIA MULAMBO (LÁ VEM ELA)

CORO

Oh que Noite tão bonita
 Como brilha o luar,
 Abram alas, minha gente,
 Que a Mulambo vai chegar.
 Canta um ponto bem bonito
 Que a Mulambo vai dançar
 O trabalho desta moça
 Faz a Umbanda admirar
 Lá vem ela!

MARIA MULAMBO mulher negra, estatura baixa, 30 anos, vestida com um corselet preto, saia longa vermelha, unhas longas, muitas pulseiras de ouro e colar chamativo, punhal amarrado na perna esquerda. Se aproxima de EMANUEL, os dois se observam... Ela chega sorrateira, toma um gole de champanhe.

MARIA MULAMBO

Tem fogo?

EMANUEL pega isqueiro do bolso e acende o cigarro de MARIA MULAMBO. Eles se cumprimentam abraçando do lado esquerdo e depois do direito, respiração vibrante de MARIA MULAMBO no ouvido de EMANUEL

MARIA MULAMBO (CONT'D)

Assuncê num é estranho, tem luz vibrante. Tem um talento grande, vei no dia certo aqui intá eu. Iaeu sou uma mulher vivida de muitos tempo atrás, fui iaeu que truxe assuncê pra prosiar hoje. Tem um negócio que impede assuncê de briar, um negócio que incomoda assuncê que prende de fazer o que tem vontade. Iaeu vou te falar uma coisa...

EMANUEL com olhos arregalados, atento a tudo que está sendo dito, concorda com tudo. MARIA MULAMBO pega foice passa no pescoço de EMANUEL, para do lado direito e encosta no seu ouvido.

MARIA MULAMBO (CONT'D)

Essa cidade que assuncê mora pode fazer assuncê crescer e desbrochar, mas se assuncê num parar de dá ouvido prozoti, essa cidade vai destruir assuncê..

MARIA MULAMBO Se afasta, EMANUEL atônito, senta numa cadeira próxima, muito barulho, gargalhadas e diálogos que não conseguimos compreender pois estão acontecendo simultaneamente. Um RAPAZ negro, alto e magro, 20 anos, roupa branca se aproxima de EMANUEL.

RAPAZ

Seu Tranca Rua mandou buscar o
senhor, quer prosear com você...

EMANUEL levanta, observa ENTIDADES vestidas à caráter. MALANDROS, POMBAS GIRAS, pessoas sentadas se consultado com ENTIDADES, todas ENTIDADES com copo de bebida na mão e cigarro na outra. EMANUEL vai até TRANCA RUA. Se senta no chão na frente do TRANCA RUA e abaixa a cabeça. Nesse momento a bagunça sonora fica em segundo plano. Dando destaque para o diálogo de EMANUEL e TRANCA RUA.

EMANUEL

Disseram que o senhor queria
conversar comigo... Laroye, Exu!

TRANCA RUA

Alevante do chão e olhe no meu
olhi.

TRANCA RUA estende os braços para EMANUEL abraçá-lo. Abraça do lado esquerdo e do lado direito. Puxa fumaça do cachimbo e sopra por cima da cabeça de EMANUEL, nos ombros e no peito.

TRANCA RUA (CONT'D)

Menina, busque um assenti pro
menini

pega um tamborete de madeira e coloca na frente da cadeira de
TRANCA RUA.

EMANUEL

Obrigado!

EMANUEL senta e olha nos olhos de TRANCA RUA. TRANCA RUA o observa calado e depois solta uma gargalhada exagerada levantando a cabeça. EMANUEL assustado olha para cima e para o lado esquerdo para observar todo o contexto. Volta a se concentrar em TRANCA RUA.

TRANCA RUA

Ocê é menino d'ouri. Tá procurandi
o que aqui na casa de iaeu?

EMANUEL

Seu Tranca Rua, eu ando perturbado
das ideias, tem acontecido umas
coisas estranhas comigo. Eu
gostaria muito que o senhor abrisse
meus caminhos para eu realizar um
filme sobre meu pai. Mas queria te
pedir algo mais pessoal.

TRANCA RUA

Se iaeu puder fazer, eu façi. Mas ocê tem que cumprir com que iaeu vou pedir procê tamém.

EMANUEL

Eu gostaria de encontrar com meu pai... Eu queria ouví-lo contar sua própria história. Queria encontrar com ele pra fazer meu filme, eu preciso realizar esse filme é meu projeto de aprovação no curso de cinema, Seu Tranca Rua. Me ajuda!

TRANCA RUA

Issi de encontrar o pai docê eu num garanti, maise tu vai servir pra iaeu numi encruzilhadi longe das pertubaça.

EMANUEL

O que eu preciso servir?

TRANCA RUA

A menina aqui vai falar procê. Ocê ainda vai vencer muiti meu fi, esse é só o início. Levante a cabeça que iaeu tô mandandi, ocê vai servir e vai perceber que as coisi vão mudar. Aninguém vai dirrubar ocê, não meu fi. Iaeu que te mantenhí em pé, ocê é protegidi meu. E num existe tempestade que eu não sustente por um fi de iaeu.

EMANUEL

Laroyê, meu pai.

EMANUEL abraça TRANCA RUA com a saudação lado direito e esquerdo.

EMANUEL (CONT'D)

Muito obrigado, Seu Tranca Rua.

TRANCA RUA balança a cabeça em sinal positivo. FILHA DE SANTO entrega papel para EMANUEL.

EMANUEL (CONT'D)

Nossa moça, até alguidar?

FILHA DE SANTO

Eu posso te ajudar com o alguidar, aqui tem vários.

EMANUEL lê a lista com a FILHA DE SANTO. Os dois em pé.

Diálogo mudo, com sons dos atabaques e dos pontos sobressaindo.

30. INT. QUARTO EMANUEL - NOITE

EMANUEL tira roupa e deita na cama, levanta vai até a geladeira, pega o único ovo que tem. Um pouco de feijão tropeiro de uma vasilha de alumínio e uma garrafa com água.

CORTA P/

31. INT. VARANDA EMANUEL - NOITE

EMANUEL pega uma frigideira na pia da varanda, um óleo e quebra o ovo e frita.

Coloca a panela de feijão tropeiro e esquentando.

Pega um pacote de suco e joga água, prepara o suco em uma vasilha de sorvete.

O ovo estrala, EMANUEL mexe e joga dentro da panela de feijão, mexe tudo e depois come bebendo o suco.

Depois senta no colchão, liga o notebook.

Com prato na mão e bacia de suco no chão, EMANUEL come enquanto aguarda computador ligar. Notebook liga na página do roteiro. Letreiro escrito - Procurar GALDINA e conversar sobre PAULO ARAQUAN.

EMANUEL fecha bruscamente notebook e continua comendo. Coloca vasilha ao lado, toma suco e deita no colchão. Procura palheiro e cinzeiro, acende e fuma deitado.

32. EXT. SUPERMERCADO - DIA

EMANUEL aguarda na fila do supermercado, na frente dele uma SENHORA de roupa colorida, cabelo grisalho, passa compras macarrão, carne, ovos e detergente.

Chega a vez de EMANUEL retirar as compras do carro. Ele coloca no balcão farinha de mandioca, pimentas dedo de moça, cebolas, carne, garrafa de aguardente, velas metade preta e metade vermelha.

ATENDENTE DO SUPERMERCADO é a mesma SANDRA agora com roupas diferentes.

ATENDENTE DO SUPERMERCADO (SANDRA)
Tudo deu R\$ 65,00, senhor!

EMANUEL
Caraca tudo isso? Senhor do céu,
passa no cartão.

ATENDENTE DO SUPERMERCADO pega maquininha, EMANUEL coloca
cartão na maquininha, digita a senha. LETREIRO NA MAQUININHA
indicando que o PAGAMENTO NÃO FOI AUTORIZADA.

EMANUEL (CONT'D)
Uai, não é possível. Deve tá com
algum problema. Posso passar
novamente?

ATENDENTE DO SUPERMERCADO
Claro.

Repete todo o procedimento anterior e o pagamento ainda não
foi autorizado. EMANUEL sorri envergonhado. Tira dinheiro do
bolso, conta duas notas de cinco e uma de dois reais.

EMANUEL
Quanto é esse aguardente?

ATENDENTE DO SUPERMERCADO
R\$ 11,00 senhor!

EMANUEL
Bom, pelo menos isso eu posso
levar. Moça, desculpa o
constrangimento, achei que tivesse
dinheiro na conta.

MOÇA DO CAIXA
Não, sem problema. Sinto muito!

EMANUEL pega a aguardente e coloca na sacola.

33. INT. QUARTO EMANUEL - DIA

EMANUEL coloca a sacola na mesa. Senta na frente do espelho.
Observa no relógio, são 14h. Fala sozinho olhando no espelho.

EMANUEL
Meu pai Exú, tu sabes das minhas
condições... Ou da ausência delas. Eu
tentei te servir um padê, mas não
tenho nem pra mim. Não me deixa com
fome e me dá um direcionamento para
que eu possa servir o que estiver
ao meu alcance e receber as graças
que te pedi. Laroye, meu pai.

EMANUEL olha para a caixa de palheiros no chão e sorri olhando no espelho.

EMANUEL (CONT'D)
A resposta já veio assim, né?
Imediata. Salve!

34. EXT. ENCRUZILHADA - NOITE

Sons de cigarras e sapos, cachorros latindo. EMANUEL agacha com sacola com aguardente na mão e observa se não há ninguém vindo ou por perto. Percebe que está sozinho no local e abre a sacola e tira a garrafa de dentro, derrama um pouco de cachaça na terra, acende um palheiro e o coloca em pé na terra. Fecha os olhos.

EMANUEL
Senhor Tranca Rua das Almas, és o
senhor do sétimo grau de evolução
da lei maior de Ogum, conhecedor de
todas as magias e demandas
praticadas por seres sem luz. Peço
que intercedas em meu caminho,
livrando-me, assim, de toda a
energia que possa atrapalhar minha
evolução. Fazei de meus pensamentos
uma porta fechada para que, assim,
a inveja, discórdia e egoísmo nunca
me afetem. Com tua força, estarei
coberto por sua capa que protege e
abriga seus protegidos.

EMANUEL levanta. Olha para a oferenda.

EMANUEL (CONT'D)
É isso meu pai, eu preciso realizar
meu filme e preciso encontrar meu
pai. Buscar respostas para todas as
dúvidas que tenho. Laroye, Viva Exu
Tranca Ruas.

Uma tempestade de areia começa a acontecer, EMANUEL fecha os olhos. A areia ofusca todo nosso campo de visão.

FUSÃO P/

35. EXT. SERTÃO CAATINGA - DIA

CARACTERES em superposição: 1989

Tempestade de areia continua. Caatinga, com carcaça de cabeça de boi na terra rachada.

Vegetação rasteira, arbustos espinhentos e árvores de pequeno porte e troncos retorcidos. Destacando os cactos e bromélias. Luz do sol estourada.

Música introdutória de algum repente da época.

36. INT - BAR DA SINUCA - DIA

Abrimos com balcão vermelho, na parte de cima dele uma bomboniere retangular de vidro, cheia de balinhas com embalagens coloridas, dois potes grandes de vidro um com pimenta e outro com doce de leite, paliteiro, três copos americanos com cerveja pela metade, cascos de cerveja e isopor.

Na parte de dentro do grades de coca cola, fanta e biscoitos recheados.

A parede metade branca e metade azul claro, com um fardo de pipocas com embalagem vermelha pendurado no torno. Mais acima um vaso de plantas numa prateleira pequena e ao lado três prateleiras com pingas artesanais e outras industriais.

Ao fundo, uma parede branca encardida e envelhecida, prateleiras de madeira com muitas pingas, grades de cerveja empilhadas com vitrola/toca fitas (da época) por cima.

Sacolas cheias de outras sacolas penduradas no torno, panelas grandes e caldeirões numa mesa de madeira velha, encostada na parede. Tamboretes e cadeiras de ferro, nas cores vermelha e verde, bem como as mesas. TV da época na estante de ferro ao lado das bebidas.

TV com reportagem jornalística da época. JORNALISTA mulher branca, cabelos pretos lisos, terno verde escuro.

JORNALISTA

Com o aumento da violência no sertão do estado de Pernambuco, os municípios de Salgueiro, Floresta, Belém do São Francisco, Cabrobó e Santa Maria da Boa Vista, passaram a sofrer uma onda crescente de assaltos a bancos, carros-fortes, ônibus e carros particulares. O tráfico de drogas também avança e se espalham pela região em vastas plantações de maconha. O que chama atenção é que apesar dos baixos índices de desenvolvimento humano e da pobreza generalizada, o número de carros importados na região só aumenta.

(MORE)

JORNALISTA (CONT'D)

Seria um sinal de que alguma coisa mudou no padrão de vida dos sertanejos destes lugares? No coração do chamado "Polígono da Maconha" muitas perguntas continuam sem resposta. A reportagem é de...

Uma mão negra desliga a tv. LUÍS homem magro, indígena, alto, camisa de botão branca, boné e calça jeans, pega uma garrafa de pitu e serve uma dose para CÍCERO ARAQUAN homem idoso, negro, magro, de boné, camisa simples e calça jeans, chinelos.

LUÍS

Nós tamo tudo é rico mesmo... De desgraça, onde diabo essa mulher tirou que aqui tá tão bom assim? Num se faz mais jornalismo sério como antigamente...

CÍCERO ARAQUAN

É... o povo acha que faz as coisas e fica escondido, né Luís?

LUÍS coloca a garrafa na mesa com força. E olha fixamente nos olhos de CÍCERO.

LUÍS

Do que tu tá falando, caba?

CÍCERO ARAQUAN

Eu? de nada, tu que tá se entregando sozin.

CHICO LUÍS

torne ota dessa, eu meto um murro nos seus dente. Eu respeito o senhor, mas essas gracinha eu num gosto não.

CÍCERO ARAQUAN

Ah bom, que o homi tá é brabo mesmo. Galudo que só.

CHICO LUÍS

Ah vai te fuder, véi safado. Tu pensa que eu num sei o que tu faz, né?

Os dois riem. LUÍS pega a garrafa da mesa, e coloca na prateleira enquanto limpa o balcão.

Nesse momento se aproxima DIDI DE ZECA indígena, alto, musculoso, camisa xadrez, calça jeans, bota e boné, ÍNDIO, homem indígena, magro, alto, camisa branca, short jeans, sapato preto e CAÍQUE ARAQUAN homem negro, magro, bigode fino, cabeça raspada, alto, camisa preta e calça jeans claro com sapato.

Os três se aproximam do balcão, INDÍO observa as bebidas na prateleira.

CAÍQUE
Bença, ti Ciço.

LUÍS
Deus abençoe meu fi, apareça lá em casa quero falar um negócio depois com você.

CAÍQUE
Amanhã eu vou lá. Paulin e Tia Galdina tão por lá?

CÍCERO balança cabeça confirmando. CAÍQUE ARAQUAN puxa um tamborete, senta e acende um cigarro.

DIDI DE ZECA
Desça a dose aí, primo véi.

LUÍS fica de costas e finge não ouvir.

LUÍS
Fuma aqui não, Caíque.

CAÍQUE continua fumando.

DIDI DE ZECA
Tá com marmotage com nós, fi da puta? Bota a dose aí, quero falar um negoço com tu.

LUÍS serve a dose. ÍNDIO senta ao lado de CAÍQUE. DIDI DE ZECA se aproxima do ouvido de LUÍS.

DIDI DE ZECA (CONT'D)
Tu mandasse eu ficar com o numerário da venda da maconha. Bora acertar as conta, que to prejuízo. Preciso de dinheiro pra investir num projeto.

LUÍS
Essas coisa a gente num conversa aqui não, Didi. Ainda mais na frente desses bugai.

DIDI DE ZECA

Mas tu tá me enrolando, porque essa terceira vez que eu venho falar disso com você, caba.

LUÍS

E tu vai fazer o que homi, se eu num liberar? Tá se engraçano, é?

DIDI DE ZECA

Tô cobranço o meu, fi duma égua. Num pense que pode fugir disso não, eu sei suas tramboia, mas comigo tu num brinca não. Num é porque nós samo primo que eu vou passar a mão na sua cabeça não, magote.

LUÍS

Homi vá se embora.

DIDI DE ZECA quebra o copo da dose, e derruba as garrafas de pinga no chão. Chuta cadeiras e mesa. LUÍS aponta revólver na direção de INDIO e CAÍQUE ARAQUAN

CICERO se espanta e levanta da mesa.

CICERO

Oxe, vocês tão igual moleque agora é?

LUÍS

Bora os cara saia daqui. Aqui num é lugar de vagabundo não. Bora, bora, saia logo antes que meta bala na testa de vocês tudo.

CAÍQUE ARAQUAN

Oxente, tais de fulerage é? Meta bala aí engraçadão. Quero vê se tu tem é coragem.

INDIO

Bora os cara, bora!

Os três saem correndo do bar. NOBERTO homem indígena magro, alto, cabelo liso, camisa branca de botão, calça jeans. Entra no bar

NORBERTO

Porra foi essa Luís, Didi e os cara passaro correno do meu lado e ninguém falou comigo.

LUÍS

Didi veio aqui tirando onda, rapaz.
Botei pra correr, fica abrindo a
boca com as coisa da roça lá. E
ainda fica andando com Caíque,
bicho véi imundo.

NORBERTO

Esse daí vai morrer logo.

CICERO escuta a conversa atentamente enquanto toma a cerveja.

NORBERTO (CONT'D)

Fecha o bar, só tem o véi aí.
Amanhã a gente tem que ir pra
Juazeiro do Norte cedo.

37. EXT. CASA DE CAÍQUE ARAQUAN - NOITE

Casa simples com parede descacada, portas velhas de madeira e
uma janela pequena. CÍCERO bate na porta com muita força.
CAÍQUE abre a porta.

CAÍQUE

porra é essa, ti Ciço?

CICERO

O homi lá disse que ia matar vocês.

CLEITON

oxe, é nada!

CICERO

amanhã eles tão indo pra Juazeiro.

38. EXT. ROMARIA DE JUAZEIRO DO NORTE - DIA

Abrimos com close no rosto da estátua de Padre Cícero, fitas
coloridas voando.

Violeiro com alguns dentes amarelados, com lenço adornado na
cabeça e chapéu de palha. Mãos negras de uma mulher idosa,
tocam a calçada da estátua de Padre Cícero.

Cerca de duzentos fiéis subindo as escadas de joelhos,
idosas chorando com mãos pra cima agradecendo.

Pessoas caminhando carregando uma grande estátua de Jesus
crucificado.

Fila com muitos fiéis carregando sacolas, bolsas.

Idoso trajado de vaqueiro de joelhos rezando e chorando.

Quadros de santos nas paredes das casas.

Romeiros dentro de ônibus deitado em redes.

Luz do sol por trás de uma cruz.

Idoso rezando segurando um terço.

Cem pessoas cantando e balaçando chapéu pra cima no ritmo da música.

Idosa acendendo uma vela no túmulo de Padre Cícero ao lado de centenas de velas acesas.

Bandeirolas coloridas, pedaços de membros humanos esculpido na madeira pendurados na parede.

Cerca de quatrocentas pessoas ambientam essa cena.

Carro chega e estaciona ao lado da igreja e desce LUÍS e NORBERTO. Ao fundo CAÍQUE, ÍNDIO E DIDI DE ZECA. LUÍS os cumprimenta balançando a cabeça. Eles ignoram.

CAÍQUE

Fi duma égua desse, eu vou decepar
a cabeça dessa desgraça.

CAÍQUE pega no revólver por baixo da camisa.

ÍNDIO

Aqui não, Caíque. Bora esperar eles
irem lá pro bar.

39. INT. BAR ALI PERTO - DIA

ÍNDIO, DIDI DE ZECA E CAÍQUE tomam cerveja enquanto observam NORBERTO E LUÍS do lado de fora. Até que LUÍS dá risada olhando para CAÍQUE. CAÍQUE já levanta sacando a arma.

40. EXT. FORA DO BAR - DIA

NORBERTO levanta as mãos assustado, LUÍS observa tranquilamente. ÍNDIO E DIDI DE ZECA correm atrás de CAÍQUE.

ÍNDIO (CONT'D)

qual foi Caíque, baixa essa arma.
Tu quer que a gente se lasque,
otário?

CAÍQUE

Qual foi a gracinha aí, fi da puta?

LUÍS

Caba tu baixa essa arma que eu não
tenho pena de empanar você não. Vai
ser moleque na casa do carai.

PESSOAS assustadas começam a correr desesperadas, gritando.

CAÍQUE ri maliciosamente e dispara um tiro próximo ao pé de
LUÍS.

LUÍS aponta arma para CAÍQUE.

NORBERTO carrega a arma e atira na direção de CAÍQUE.

Nesse momento CAÍQUE acerta nas costas de NORBERTO. NORBERTO
cai e CAÍQUE dispara três tiros na cabeça dele. LUÍS observa
tudo apático e se desespera e corre para se esconder nos
becos da cidade.

CAÍQUE chuta na costela de NORBERTO e pega a arma de
NORBERTO. Coloca a arma no bolso, DIDI de ZECA e INDIO entram
no carro e saem em alta velocidade com as portas abertas.

CAÍQUE corre atrás de LUÍS.

DIDI DE ZECA

Caíque desgraçado, entra no carro!

CAÍQUE entra no carro.

41. INT. CARRO - DIA

CAÍQUE rindo euforicamente. DIDI DE ZECA e ÍNDIO incrédulos
com a situação, DIDI DE ZECA bate diversas vezes no volante.
INDIO tenta acalmá-lo. CAÍQUE guarda as armas na cintura da
calça.

DIDI

Que porra foi essa? Você tá maluco?
Eles são meus primos, seu
desgraçado do caralho! Agora nós
tamo morto. Você sabe o quanto os
Felizardo são brabo e não vão
deixar isso passar ileso.

CAÍQUE

Se eu não matasse era eles que ia
matar nós, otaro. Ti Cigo disse
ontem pra mim que eles estavam
planejando isso.

INDIO

Véi Ciço num é de confiança,
fofoqueiro e mentiroso. Ali é o
pior dos cara, é articulador das
emboscada, sabe tudo. Hora, lugar,
manda os homi esperar pra ficar de
tocaia no mato, sabe os carro que
eles tem que usar e tudo. Aquele
véi num vale bosta, tu se lascou
caba.

CAÍQUE

Nós três, nesse caso...

CAÍQUE dá risada. DIDI para o carro bruscamente, abre a porta do CAÍQUE e coloca ele pra fora, derrubando ele no meio da estrada de terra.

DIDI DE ZECA

Bora fi da puta, sai fora. Tu tem é
que morrer sozin desgraça. Eu sou
traíra de matar minha família, não.

DIDI sai com carro em alta velocidade. CAÍQUE atira duas vezes e acerta na lataria do carro.

CORTA P/

42. EXT. CEMITÉRIO - DIA

Enterro de NORBERTO, familiares chorando. senhora debruçada no caixão, CHICO sério de cabeça baixa. DIDI e INDIO se aproximam e LUÍS saca a arma da cintura.

LUÍS

Só numa desgraça memo, pra vocês tá
aqui depois de ter matado Norberto.

LUÍS arrasta DIDI pela gola da camisa para trás do túmulo. Dá três socos na cara dele, INDIO tenta separar e leva um chute na barriga. Familiares assustados, se distanciam.

LUÍS (CONT'D)

Eu já aproveito o buraco e enterro
tu também, traíra da desgraça.
Noberto tá morto por tua causa,
fica enchendo o cu de pó pra fazer
os zoto matar nós.

DIDI

Calma Luís, nós é do mesmo sangue.
É parente.

LUÍS

Pensasse nisso antes, tu num teve
consideração de andar com aquela
raça e agora meu irmão tá morto.

LUÍS agacha e chora com arma na mão.

INDIO

Foi nós não. Caíque falou pra nós
que só queria conversar com você.
Foi o véi Ciço que falou que você
queria matar nós por causa daquele
dia lá no bar.

DIDI

Pois é, se tu quiser vingar a morte
de Norberto nós vai lá e mata o véi
ou Paulin, fi dele.

LUÍS

Aquele véi safado fica lá no bar só
escutando as conversa, e cadê o
safado do Caíque? Eu deveria era
encomendar as cova de vocês três...

DIDI

Nóis deixou ele no mei da estrada,
ele ainda meteu tiro no carro

LUÍS

Deveria ter sido era na cabeça sua.

LUÍS se aproxima da família e chama mais três homens, fazem
roda distante.

LUÍS (CONT'D)

Bora lá na casa do véi Ciço agora.
Fi da puta inventou coisa com nós
e Noberto que pagou por isso. Tem
que matar o véi, que nós sabe onde
encontra, o Caíque nós deixa pra
depois quando ele aparecer na
cidade.

INDIO

Eu sei onde o véi Ciço tá.

43. EXT. COZINHA CASA GALDINA - DIA

Cozinha com armário pequeno de madeira, verde claro, cinco
potes de alumínio com condimentos. Dentro na parte superior
portinhas de madeira e vidro que conseguimos ver as louças
dentro, bem como, xícaras de vidro marrom e copos de vidro.

Na parte inferior um Pato de porcelana por cima de um pano de crochê. A parede branca com um relógio que ao mesmo tempo é uma tela de Jesus e o sagrado coração.

Mesa de madeira, com toalha branca e um vaso pequenos de flores amarelas, posto na mesa sete xícaras de café algumas pela metade e outras finalizadas, pães, margarina, faca de mesa, a seis cadeiras de madeira.

Geladeira pequena, azul clara. Fogão da mesma cor.

GALDINA agora mais jovem, gorda, cabelos longos presos por uma presilha dourada, veste conjunto requintado, brincos de camafeu, frita um ovo no fogão.

CAROL criança, 9 anos de idade, cabelos lisos preto, magra, olhos grandes, de short curto e blusa com estampa da barbie.

Sentada no colo do avô CICERO, sentado à mesa brincando com CAROL. Ele passa manteiga no nariz dela, dois riem e ela passa no rosto deles.

GALDINA

Carolzinha, quer que vó coloque o ovo no pão?

CICERO

Essa daqui num quer comer, não. Gosta é do frege. Quer ir andar de bicicleta?

CAROL

Sim voin, bora!

CAROL levanta e pula três vezes. Ajoelha.

CAROL (CONT'D)

A gente vai lá na pracinha e o senhor vai na minha bicicleta, eu vou na sua. Vamos, voin. Painho só chega meio dia e mainha nem vai saber se eu cair eu digo que foi aqui no muro de voinha.

CICERO

Então mais tarde vovô anda com você, agora eu tenho que ir lá no centro resolver uns problemas.

CAROL

Não voin, num vai não. Eu vou ficar só?

GALDINA
Vovó tá aqui, Carolzinha.

CAROL
Mas voinha nem brinca comigo

GALDINA ri e tenta abraçar CAROL.

CAROL por sua vez recusa o abraço e faz birra e pula no pescoço do avô.

CAROL (CONT'D)
Voin, num vá não.

CICERO levanta e lava a boca na pia, enxuga com pano de prato.

CICERO
Carol, vovó volta daqui meia horinha. Só vou resolver coisa com banco, não levo você porque é negócio de homem adulto.

CAROL deita no chão chora escandalosamente.

CAROL
Num vai não, voin! Não, por favor.

CICERO abraça CAROL no chão e dá dois beijos na testa, passa a mão no seu cabelo e senta no chão.

CICERO
É coisa rápida, Carolzinha.

CICERO levanta e sai de casa.

CORTA P/

44. EXT. ENCRUZILHADA RUA - DIA

CICERO caminha contente numa rua estreita, casas pequenas agrupadas, sol bastante incidente na cena. Senhoras varrendo calçadas, crianças correndo na rua.

CICERO
Bom dia Dona Firmina, como vai a vida?

FIRMINA (Off)

Bom dia, Cigo. Por aqui tudo em paz, só o calor né?

CICERO (CONT'D)
Tá demais. Vou lá!

FIRMINA
Vá com Deus e Maria Santíssima.

ALI PERTO atrás de um muro baixo, LUÍS encapuzado com mais dois homens encapuzados, agachados com armas nas mãos.

LUÍS
Agora tu vai morrer, fofoqueiro
desgraçado.

CICERO faz sinal da cruz, tira terço do pescoço e beija o terço. Levanta a cabeça e em seguida é alvejado por 40 tiros vindos da direção direita e esquerda. Leva todos os tiros em pé e vai caindo lentamente.

LUÍS (CONT'D)
Levanta que ninguém pode ver nois
não, bora, bora!

Levantam e saem correndo em direção ao carro. Cinco HOMENS ENCAPUZADOS entram no carro. Que sai rapidamente derrubando cadeiras da calçada na frente. Senhoras correm gritando, crianças gritam.

Som agudo ensurdecedor. CÍCERO todo desconfigurado dos tiros.

CAROL (OFF)
Voin!!!

Respiração ofegante e passos correndo de CAROL.

CAROL (OFF) (CONT'D)
Voin!!!!

CAROL ajoelha diante do corpo e começa a dar socos na barriga dele.

CAROL (CONT'D)
(Chorando descontrolada)
Eu disse que não era pra o senhor
sair, eu disse, eu disse.

GALDINA tira CAROL de perto do corpo e tampa seu olho.

GALDINA Coloca a mão na boca e olha ao redor com os olhos lacrimejando.

Ao fundo percebemos alguém se aproximando, imagem desfocada. Ele para, coloca a mão na cabeça e corre.

Trata-se de PAULO homem negro, cabelos volumosos, 26 anos, estatura baixa, camisa de botão folgada e semi aberta, calça de cintura alta jeans justa no corpo. cinto de couro e sapato de couro.

Vizinhança toda bisbilhotando nas janelas e portas.

GALDINA
(Desesperada)
Paulinho meu filho, olha o que
fizeram com Ciço.

PAULO
Mamãe, leva Carol pra casa. Não
saíam de lá de jeito nenhum.

GALDINA leva CAROL de volta pra casa, ambas nervosas e chorando bastante.

PAULO deita diante do CORPO de CICERO. Chora desesperadamente, levanta e carrega o corpo nos braços.

PAULO (CONT'D)
Eu vou vingar sua morte, pai, nem
que eu morra também.

PAULO caminha com o corpo nos braços, à medida que ele passa as pessoas vão saindo de suas casas e observando do lado de fora.

45. INT. BANHEIRO - DIA

Abrimos com sangue escorrendo no ralo, PAULO sentado por cima das pernas e o corpo de CICERO no seu colo, PAULO sem camisas com terço branco no pescoço dá banho no corpo de CICERO sem roupas.

Azulejo do banheiro cor creme com mosaicos triangulares de cor marrom.

Pia, vaso sanitário e bidê de cor marrom, espelho pequeno colado na parede.

Paulo chora desesperado, passa a mão no rosto de CICERO pega sabonete e passa no seu corpo.

CORTA P/

46. INT. COZINHA CASA GALDINA - DIA.

GALDINA e CAROL abraçadas chorando, sentadas à mesa. CRIS agora mais jovem, magra, Cabelos longos e ondulados, blusa de alça vermelha por dentro da calça jeans de cintura alta.

ANA também mais jovem, gorda, vestido curto preto de botão, cabelos longos lisos.

VAN homem negro, cabelos lisos, gordo, camisa preta e short curtinho. Entram na cozinha correndo.

CRIS
Mamãe, o que foi que aconteceu?

GALDINA
Seu pa...

GALDINA não consegue falar, soluça e baixa a cabeça chorando desesperadamente.

VAN
O que aconteceu com papai, mãe? Tá no hospital?

ANA e CRIS sentam na cadeira. Ana coloca CAROL no colo.

ANA
Carolzinha, cadê vovô?

CAROL aponta para o banheiro. CRIS, ANA E VAN olham para a porta.

VAN
o que é que tem no banheiro? Tá trancado. A vizinhança tá todinha no meio da rua e o povo ficou olhando pra nós. O que foi que aconteceu?

GALDINA
Pegaram Cico, deram meio mundo de tiro nele e Paulin tá com ele aí trancado no banheiro.

VAN
Paulin, é Van. Abre a porta aí

PAULO (OFF)
Ninguém vai mexer com meu pai não.

VAN bate na porta insistentemente.

PAULO (OFF) (CONT'D)
Chama o médico e a polícia pra
fazerem a perícia, mas vai ser
aqui. Ninguém leva meu pai pra
lugar nenhum, não. Manda buscar,
Cris.

CRIS levanta para resolver essa situação.

47. INT. BANHEIRO - DIA

PAULO com o corpo no colo, chora desesperadamente. Enquanto
limpa o sangue.

CORTA P/

48.

INT. VELÓRIO CÍCERO - DIA

Abrimos com ZOOM IN na imagem de uma escultura pequena de
ferro de LA PIETAD de forma que o enquadramento seja o mesmo
da cena anterior de PAULO e CÍCERO. A escultura está na
estante.

Sala de casa, ambiente estreito. Cerca de 30 pessoas, dentre
essas, 24 pessoas sentadas, cabisbaixas. 6 pessoas da
família, em pé.

PAULO, CRIS, VAN, ANA, CAROL, GALDINA. à beira do caixão.

MARILENE mulher negra, 21 anos, estatura baixa, gestante,
vestida com bata branca e saia longa preta, cabelos cacheados
e volumosos, se aproxima de PAULO.

MARILENE
Oi meu bem, só consegui largar as
coisas agora.

CAROL
Mainha, fica aqui comigo.

MARILENE abraça CAROL. Paulo procura uma cadeira e coloca
atrás de MARILENE. PAULO abraça MARILENE, coloca a cabeça em
seu ombro e chora. MARILENE acaricia suas costas. MARILENE
senta na cadeira.

FIGURANTE 1 oferece cadeira para PAULO, ele senta ao lado de
MARILENE.

PAULO

Neguinha eu num tava preparado pra uma desgraça dessa não.

MARILENE

Ninguém está. Mas fique em paz que ele agora tá com Deus.

MARILENE beija o rosto de PAULO.

PAULO

Mas eu queria te falar uma coisa...

PAULO e MARILENE levantam.

CORTA P/

48. EXT. JARDIM CASA GALDINA - DIA

Jardim florido, com goiabeira, dois cachorros, muitas plantas.

PAULO encosta na parede de costas pra MARILENE, que o abraça por trás.

PAULO

Neguinha, eu vou viver pra vingar a morte de painho. Se tu quiser continuar comigo, tem que se preparar porque essa é a nova realidade daqui de casa.

MARILENE

Você tá louco, Paulo? Nós temos nossa família, tô aqui esperando outra criança sua e tu me fala um negócio desse? Se for dessa forma, não dou 10 anos e tu vai ter o mesmo destino do véi Ciço.

PAULO

Bom, eu já falei... Se quiser continuar comigo vai ser assim.

MARILENE

Paulo, a gente não pode colocar a vida dos meninos em risco não, homem. Pelo amor de Deus.

PAULO

Aqui se faz, aqui se paga. E os Felizardo vão morrer de um por um.

49. INT. SALA CASA DE PAULO - NOITE

PAULO sentado num sofá, folheia uma revista.

SÉRIE DE PLANOS

50. INT. SALA DE PAULO - DIA

PAULO deitado no sofá.

52. INT. SALA DE PAULO - NOITE

CAROL brinca com PAULO no sofá. CAROL sai. PAULO deita no sofá. Acende um cigarro dá dois tragos e apaga o cigarro no sofá. Deita.

53. INT. SALA DE PAULO - DIA

MARILENE leva café para PAULO e ele recusa. Deita para o outro lado.

54. INT. SALA DE PAULO - NOITE

PAULO chora, CAROL e MARILENE o abraçam.

55. INT. QUARTO PAULO - DIA

PAULO acorda assustado, levanta, olha as horas, veste bermuda. MARILENE acorda junto.

MARILENE

Tá, tudo bem?

PAULO

Preciso resolver algumas coisas...

MARILENE

Paulo tire essa ideia de vingar a morte do seu pai da cabeça.

PAULO

Se fosse o seu pai, duvido que estivesse tão calma assim.

MARILENE

Homem, você tem que ir na roça. A coisa que você mais ama é ser agricultor e agora quer inventar de ser bandido.

(MORE)

MARILENE (CONT'D)

Pense nessa criança que vai nascer,
pense em Carol. Olhe, eu só quero
ter paz. Preciso de paz, tô
sentindo dor todos os dias e
ninguém me ajuda.

PAULO

Daqui a pouco eu volto.

56. INT. CASA GALDINA - DIA

PAULO chega, toma benção de GALDINA. Abraça. Senta na
cadeira. GALDINA, debruçada sobre a mesa. Mexe uma colher na
xícara.

GALDINA

Paulo, Caíque tá aí escondido no
muro... Disse que quer falar com
você. Falei que você logo aparecia.

PAULO levanta espantado.

PAULO

O que ele tá fazendo aqui?

GALDINA

Tá escondido da polícia e dos
homens que ele andou mexendo por
aí...

PAULO

A senhora deixa Caíque aqui, depois
a polícia chega e mata todo mundo,
e a senhora vai junto. Digo é
nada...

GALDINA

Ele é sobrinho do seu pai. Não vou
deixar o menino no meio da rua.

57. EXT. MURO GALDINA - DIA

CAÍQUE, deitado numa rede marrom.

Muro com paredes cimentadas, piso também.

Nove grades de cerveja empilhadas.

Cachorro amarrado na coleira, bebe água.

CAÍQUE de boné no rosto, deitado, calça jeans e camisa
quadriculada de mangas curtas.

PAULO se aproxima e sacode a rede rapidamente.

PAULO
Resolveu aparecer, maluco véi?

CAÍQUE
Paulin, bora vingar a morte de ti
Ciço?

PAULO
Oxe, e tu fala um negócio desse
aqui na casa de mamãe, tais doido?
Bora ali.

CAÍQUE
Posso sair daqui não, oh. Os alibã
tão atrás de mim. Luís e os
Felizardo tudo. Cheguei hoje, fiz
umas graças no carro aí no meio da
rua, a cidade tava vazia. Tem
ninguém na rua, cangaço mesmo. Dei
umas rabiadas no carro e deixei nos
mato, depois vim manso aqui pra
casa de tia.

PAULO
Então fale baixo. O que tu tá
pensando?

CAÍQUE
Tu parece que num é filho do homem,
o cara sabia as armadilha tudo. E
tu mais perdido que cego. Se os
Alibã tão em cima, a gente precisa
organizar os primo tudo e entrar
pra linha de frente, pegado mesmo.
To com unum contato valioso, um
tenente aí que gostar de fumar a
erva. Aí nós troca a massa pelas
arma.

PAULO
A mulher já tá doida lá em casa,
imagina quando souber que tem roça
de maconha no meio.

CLEYTON
Essa vida Paulin, se tu entrar tu
só sai morto. Mas enquanto a gente
num morre dá pra aproveitar um
monte de coisa. Tu que sabe se vai
deixar os cara matar o véi e ficar
calado igual menino besta.

(MORE)

CLEYTON (CONT'D)

Pouquin tempo a gente tá endinheirado, meu primo. Esquece mulher, família. A gente vai passar um tempo fora e quando aparecer é só pra matar essas desgraça.

PAULO

Bora esperar Marilene parir, logo.

CLEYTON

Homem você largue de ser besta. Num tá ouvindo o que eu tô falando, não? Tô falando inglês? Tem outra coisa que preciso falar pra você... Tu tá ligado que Van teu irmão, tá fazendo tocaia e matando um povo que não tem nada a ver com as palhaçada dele, né? Aquele ali se num for logo embora daqui, morre antes da gente saber.

PAULO

Oxe, tô acreditando numa coisa dessa não, omi. Vanzin?

CLEYTON

Tô dizendo homi, matou Dona Joaquina lá da agrovila 29 e os filho dela tudo.

PAULO

E porque a gente aqui num fica sabendo dessas histórias?

CLEYTON

O povo tá tudo com medo, Paulin. Cidade tá vazia, tem movimento nenhum. Eu tava lá no projeto esses dias, tá todo mundo querendo pegar ele. Ele deve tá pra casa da namorada em Abaré.

PAULO

Oxe, vou em Abaré agora atrás dele.

CLEYTON

Vá, mas volte hoje. Que já tem umas coisa pra gente fazer antes de sumir. Num me deixe na mão não, que tem muito dinheiro pela frente. Bora começar assaltando o bar de Chico, bora atentar a vida dele até ele se matar sozinho.

(MORE)

CLEYTON (CONT'D)

Eu sei que o caboclo é burro demais, deixa o dinheiro todo no caixa. Nós entra pelo teto, na parte de trás e atira no caixa, pega o dinheiro e vem embora.

PAULO

Depois a gente vê isso aí, vou lá e volto mais tarde.

58. INT. CASA PAULO - DIA

PAULO chega em casa, arruma uma bolsa e enche de objetos: relógios de ouro, correntes, camisas e perfume.

MARILENE

Tu vai pra onde?

PAULO

Vou vender algumas coisas, que a gente tá precisando de comida.

MARILENE

Que história é essa? E o dinheiro da roça?

PAULO

Tá pouco, tá dando nem pra tomar o uísque do sábado.

MARILENE

Paulo, num me deixa sozinha não, eu tô sentindo que esse menino sai a qualquer momento. Se eu ficar aqui só Carol não consegue me ajudar.

PAULO

Qualquer coisa ela corre lá na casa de mãe e chama Cris.

MARILENE

Homem é seu filho. Sua esposa, sua família. Como tu pode pensar em vingar a morte do teu pai se tu não tá sendo nem um marido digno?

PAULO

Já começou com as conversa desviada. Mulher chata da desgraça, vai se fuder, cão ruim. Fique calma, mulher.

(MORE)

PAULO (CONT'D)

Esse menino vai nascer agora não,
tu tá no início da gestação ainda.
Vai ser prematuro igual Carolzinha,
não.

MARILENE se espanta, arregala os olhos e abaixa a cabeça.
Passa a mão na barriga. PAULO passa a mão na barriga dela e a
beija na testa.

59. EXT. ESTRADA DE TERRA - DIA

Abrimos com PAULO dirigindo um carro preto, a estrada de
terra no meio da grande caatinga seca do sertão.

CORTA P/

60. EXT. BALSA - DIA

PAULO estaciona o carro na balsa que está cheia. Muitos
feirantes, caminhões, motos, mercadorias. Paulo se encosta na
balsa e acende um cigarro, enquanto observa o rio.

CORTA P/

61. EXT. CENTRO CIDADE DE ABARÉ - DIA

ABRIMOS com igreja adornada de bandeirolas coloridas de festa
junina.

Crianças brincando na calçada da igreja.

Senhoras varrendo seus quintais.

Homem passeando de cavalo na rua.

PAULO chega até a casa da namorada de VAN. Bate na porta.

NAMORADA DE VAN (V.O.)

Já vai.

NAMORADA DE VAN mulher negra, magra, cabelos longos pretos,
vestida com camisa grande, abre a porta amarrando os cabelos
e se surpreende com PAULO.

PAULO

O moleque tá aí?

NAMORADA DE VAN

Tá, tá sim. Entra aí Paulinho.

62. INT. CASA NAMORADA DE VAN - DIA

Sala simples com sofá de tecido amarelado, quadros grandes reprodução de Monalisa de DaVinci. Vinhos e copos espalhados na mesa, cinzeiro e embalagens de chocolate.

PAULO senta no sofá.

PAULO

É... a noite foi boa, né? Cadê Van?

NAMORADA DE VAN

Ele tá escovando os dentes

VAN se aproxima pelado, enxugando o rosto.

VAN

O que foi, Paulinho. Aconteceu alguma coisa com mamãe?

PAULO faz sinal negativo com a cabeça, levanta bruscamente e empurra VAN na parede. Dá um tapa na cabeça dele.

VAN (CONT'D)

Oxe, que é isso? Tá doido?

PAULO

Vai acontecer alguma coisa é com você, vagabundo de merda. As história que tu anda matando o povo lá do projeto já chegou em Belém. Isso é por causa de droga, num é?

VAN

Oxe, tu sabe de nada. Como é que tu chega assim na casa dos outros e faz um negócio desse?

PAULO

Eu só quero saber de mais uma história dessa e quem vai matar você sou eu.

VAN

Pois mate, mate agora.

VAN vai até o quarto e volta com revólver na mão. E entrega na mão de PAULO.

VAN (CONT'D)

Bora mate, você não é o machão justo da família.

(MORE)

VAN (CONT'D)

O queridão de papai, o agricultor famoso, rico, bem sucedido, com a família mais perfeita do mundo. Bora, quero ver se tu é homem agora, meta bala em mim.

PAULO dá uma coronhada com o revólver na cabeça de VAN, os dois começam a se agredir, NAMORADA DE VAN tenta apartar, mas volta amedrontada.

NAMORADA DE VAN

Minha gente vocês vão se matar, é? Que merda é essa? Vocês podem sair da minha casa?

PAULO levanta do chão passando a mão na boca, limpando sangue, estende a mão para VAN. VAN veste roupa e pega bolsa, vai beijar NAMORADA que recusa e vira o rosto. Empurra VAN indicando a porta.

63. INT. CARRO PAULO - DIA

PAULO sentado no banco do motorista com as mãos no volante, aguarda VAN que entra batendo a porta com força.

Joga bolsa no banco de trás.

PAULO pega óculos escuros no painel do carro e coloca no rosto.

PAULO

Mas é um pangaré mesmo. Se presta a um papel desse na frente da mulher. Tu é uma vergonha, bicho safado.

VAN olha pra PAULO cerra os olhos e olha para fora da janela.

PAULO (CONT'D)

Eu vim salvar você, pra tá na casa dos outros tem que ter limite. Tô precisando de uma força com Caíque.

VAN

Oxe, tu me bateu porque eu tava fazendo os negócio lá no projeto e agora tu quer que ajude tu mais Caíque a fazer as papagaida dele.

PAULO

Na frente dos outros tem que ser justo, Van. Se for do jeito que tu quer fazer, amanhece com formiga na boca rapidinho.

(MORE)

PAULO (CONT'D)

Tu quer esbanjar, se mostrar o bonzão. Mas tu é um merda. Papai acabou de morrer e a gente tem que vingar a morte dele, matar o povo dos Felizardo.

VAN

Omi, eu num sei não... mexer com esse povo de Belém só pra os alibã bater na porta de mamãe e meter bala nela. Aí eu num me perdoo não, caba. Eu mato você se isso acontecer, você que tá enfiando nós nessa confusão.

PAULO

Eu não, foi Caíque que começou. Mas Araquan quando começa uma briga só sai dela quando o outro já comido de bala.

64. INT. CARRO - ENTARDECER

PAULO tira uma embalagem do bolso, com cocaína e VAN espalha na carteira, cheira duas carreiras.

PAULO para o carro e cheira duas carreiras e depois seguem viagem.

65. EXT. NO MEIO DA ESTRADA - NOITE

PAULO passa numa casinha à beira da estrada, estaciona o carro e pega sua bolsa.

CORTA P/

66. INT. CASA DA ESTRADA - NOITE

Casa simples de taipa, santos pendurados na parede, foto de família reproduzida em desenho, rádio ligado, luz amarela e escura.

PAULO sentado no sofá com FIGURANTE 1.

PAULO

Caíque mandou eu passar aqui e deixar uns negócios com você pra pegar uma pistola. É com tu, mesmo?

FIGURANTE 1

Eita, Caíque vêi num toma jeito mesmo. Ainda não parou com essas coisa, ele tem uma fonte segura lá em Belém. Os cara de lá que fornece só as mais potentes pra nós, que só os alibã tem das nossas. Por isso que nós ta tudo vivo.

FIGURANTE 1 coloca a pistola na mão de PAULO, PAULO observa, tira o pente e engatilha a arma.

FIGURANTE 1 (CONT'D)

Essa daí é só pra iniciar, depois tu vai pegando as outras. Tá tudo aqui na bolsa?

PAULO

Preciso ir, irmão. Obrigado pela força...

FIGURANTE 1

Oxe, quando precisar que eu faça as coisa também. É só aparecer por aqui e me buscar que a gente resolve.

PAULO

Padin Ciço te guarde e proteja.

PAULO entra no carro e sai rapidamente.

67. INT. GALPÃO - NOITE

Ambiente iluminado por pequenos focos de luz, piso molhado, algumas bancas de feira abandonadas, cachorros latindo, CAÍQUE encostado num carro, fumando um baseado de cabeça baixa. PAULO e VAN se aproximam.

PAULO

Já peguei as arma lá na casa do teu parceiro.

CAÍQUE

E aí Vanzin, já parou as maluquice meu irmão?

VAN

Omi, deixe isso quieto.

CAÍQUE

Paulin, fiquei pensando num negocio hoje o dia todo.

(MORE)

CAÍQUE (CONT'D)

Nós num tem que roubar essas coisa pequena não, comércio... Nós tem que fazer umas coisa grande. E só matar quem é inimigo nosso.

PAULO

Como assim? fui até buscar o bocó lá em Abaré...

CAÍQUE

Pois é, tem uns dias que tô querendo ir em Pilão Arcado assaltar o banco de lá. Só que nós precisa produzir maconha pra fazer a troca com o Tenente, entende? Aí todo mundo vai saber que nós num tá brincando mais.

PAULO

Como é que vai ser isso?

CAÍQUE

Tava pensando em plantar a massa lá na sua roça. Se tu topar, nós já começa amanhã mesmo.

PAULO

Nós quem?

CAÍQUE

Oxente, eu e seus trabalhador.

PAULO

Isso num dá bronca não, Caíque? Meu negócio é só vingar a morte de papai.

CAÍQUE

Agora tu que tá parecendo um bocó, igual ao outro aí. Pra fazer as coisa nós tem que criar moral, fazer o medo. Até os alibã precisa ter medo de nós, se os alibã tiver junto de nós, nós derruba os Felizardo tudo.

68. EXT. PLANTAÇÃO DE BANANEIRA - DIA

CLEITON e PAULO caminham entre as plantações de bananeira, com revólveres na cintura. Fumando um baseado.

CLEITON

Se nós plantar a massa aqui,
Paulin... Os homi quando passar de
helicóptero nunca vai descobrir.
Quando tiver dando as buchinha, nós
manda os pião colher. E vende pra o
tenente, ele vai comprar é de
quantidade grande pra exportar, ou
sei lá, nós só quer o dinheiro e as
arma da polícia que ele vai ceder
pra nós... Aí é o tempo de nós
combinar como vai ser o assalto e
da poeira abaixar, porque tá todo
mundo esperando nós revidar a morte
do vei Ciço.

PAULO consente afirmando com a cabeça, enquanto fuma o
baseado.

69. INT. CLUBE - DIA

Abrimos com churrasqueira saindo fumaça, carnes na grelha.
AMIGO 1 com cigarro na boca, virando a carne de um lado para
outro.

PAULO agora aparece com barba grande e cabelos maiores e mais
volumosos.

VAN aparece de cabeça raspada e CAÍQUE com bigode fino.

Mais dois homens sentados em cadeiras vermelhas de ferro, com
mulheres sentadas no colo.

Duas mulheres se aproximam de PAULO, uma passa a mão em sua
perna e outra o beija no pescoço.

PAULO dá um tapa na bunda dela e puxa pelo cabelo para que
ela sente em seu colo. Os dois riem, PAULO beija a mulher.

VAN levanta.

VAN

E essa carne aí, não sai hoje não?
Buxo tá seco só tomando cerveja.
Avie isso aí...

AMIGO 1

Venha mexer aqui, seu otário. Tá
com pressa porque? Nasceu de sete
meses?

VAN

Paulin, falando em sete meses e Marilene? Vai ter esse menino não?

PAULO

Tá quase parindo.

AMIGO 1

Ela tá parindo e tu aqui, caba safado.

CAÍQUE

Omi, deixe o caba. Ele tá relaxando, mulher buchuda num tem tempo de agradar nós não.

PAULO

Esse aqui é o primo que eu mais considero. Já entende logo os meus problema.

CAÍQUE

Mas aí é necessidade de todo omi, num é não? tem que ser agradado e mulher de casa num faz as coisa que nós gosta.

VAN

É, depois da morte de papai, Paulin tá mudado demais. Antigamente era o caba direito da família, mamãe tem o maior orgulho e nem sabe que anda com essas putaria.

PAULO

Oxe, tá com viadage é? Superou a de Abaré ainda não? Omi você se aprume, moleque véi leso.

VAN

Rum, ai ai...

PAULO beija a moça e coloca mão dentro do seu vestido.

PAULO

Quando tu for homi de verdade tu vai entender que santo de casa num faz milagre.

Todos riem e VAN desconfortável baixa a cabeça.

PAULO levanta com a moça e sai abraçado com ela.

70. INT. QUARTO CLUBE - DIA

Quarto escuro, com colchão sujo no chão.

PAULO chega e acende uma lâmpada amarela. Tira a roupa da moça e lambe seus seios.

A movimentação do braço dela nos remete a masturbação. PAULO enrola os cabelos em suas mãos e puxa para baixo, ela se ajoelha e faz sexo oral em PAULO.

PAULO levanta a cabeça gemendo e revirando os olhos. Nesse momento a porta é arrombada por MARILENE que aparece com a barriga maior e o rosto um pouco inchado e com manchas. PAULO e MOÇA se assustam. Ela levanta e veste a roupa rapidamente, PAULO começa a fechar a braguilha.

MARILENE

É assim que tu respeita tua família
né, cão ruim? É assim que tu
respeita minha gravidez peste da
desgraça. Eu deveria agora abortar
essa merda que eu tô esperando.

MARILENE avança na moça e puxa o cabelo dela, rasga seu vestido, derruba a moça no chão e dá três socos em sua cara.

PAULO sai.

71. EXT. CLUBE - ANOITECER

PAULO caminha tranquilamente em direção ao churrasco, ajeitando sua roupa.

PAULO

Bando de cagete desgraçado,
Marilene tá lá batendo na outra.

VAN

Oxe e tu vai deixar, é? Marilene
buchuda. Tu tá louco é Paulo, homi
você crie mais respeito com os
seus...

PAULO ri e VAN corre em direção ao quarto.

72. INT. QUARTO CLUBE - NOITE

MARILENE por cima moça que está ensanguentada, MARILENE não para de bater nela e chora muito.

MARILENE

Isso aqui é pra tu aprender a não mexer com os macho dos outros. Se depender de mim tu vai...

VAN tira MARILENE de cima da moça

VAN

Marilene, tu tá quase parindo. Tu precisa se acalmar, isso num é coisa de gente não. Tu num tá vendo o estado da menina, não?

PAULO aparece e tenta abraçar MARILENE que o empurra. MARILENE anda de um lado para o outro com as mãos na cabeça e chorando.

PAULO

Calma neguinha, vamos para casa.

VAN levanta a moça e a ajuda.

MARILENE abraça PAULO e chora.

73. INT. CARRO - NOITE

PAULO de cabeça encostada no volante enquanto MARILENE o observa.

MARILENE

Se não fosse Carol e esse menino aqui eu já tinha era me matado. Viver numa vida dessa de desgraça. Eu não sei o que aconteceu com você não, você era outro homem, era agradável. Me levava para viajar, me enchia de presentes, fazia questão de segurar minha mão, era um bom pai...

PAULO

Bom pai eu ainda sou, quantas coisas eu já deixei faltar?

MARILENE

Tu deixa faltar afeto de verdade, tu acha que comprar uma bicicleta e uma boneca é ser amoroso. A menina é um capeta e eu que tenho que lidar com tudo sozinha e ainda encarar sua família todos os dias, me rejeitando. Eu nunca fui aceita nessa casa e nessa relação.

PAULO

Neguinha eu acho que tu tá de cabeça quente.

MARILENE

Paulo não é possível que você não saiba o que eu acabei de presenciar. Não é possível.

MARILENE chora desesperadamente.

MARILENE (CONT'D)

Tu me dissesse que as coisas mudariam, mas tu nunca me avisou que tu seria um caba covarde desse de me fazer sair de casa com a barriga desse tamanho pra te buscar em cabaré não. Tem três dias que eu não vejo você. Cara você acabou com minha vida, você tem noção das coisas que eu poderia viver, você me tirou de casa com 14 anos. Agora eu tô aqui com estudos básicos e prenha com uma filha quase moça... o que eu vou fazer da vida?

PAULO

E tu precisa se preocupar com isso? EU te dou tudo do bom e do melhor. Você é a mulher que tem mais luxo nessa cidade.

MARILENE

E pra que? pra tu me tratar como troféu que tu coloca na estante e me trocar pela primeira vagabunda lambaia que tu encontra nos cabarés?

PAULO

Aliás, aquilo que você fez foi desnecessário.

MARILENE

Paulo, vamos embora. Carol ficou sozinha em casa. Vamos, vamos!

PAULO liga o carro.

74. INT. CASA DE PAULO - NOITE/ AMANHECER

PAULO abre a porta e CAROL corre em direção a ele, CAROL o abraça. MARILENE passa direto.

CAROL

Painho!!!! o senhor tava viajando?
Tá fedendo a cachaça, painho. Tô
com saudades, o senhor trouxe o que
pra mim?

PAULO levanta CAROL e pula com ela.

PAULO

Painho não trouxe hoje, mas amanhã
vá lá na loja de Maria e pegue o
brinquedo que você quiser e diga
que painho depois passa lá pra
resolver.

CAROL

Eba!

75. INT. QUARTO PAULO - NOITE

Cama com cabeceira de madeira rebuscada com muitos detalhes
talhados, mosqueteiro, frigobar ao lado e uma vitrola, com
alguns discos de vinil. Destaque para capa de DIANA.
MARILENE deitada. PAULO tira a camisa e deita.

MARILENE deitada de lado para ele.

MARILENE

Tu num vai nem ter coragem de tomar
um banho? Três dias fora de casa só
quenga pra aguentar o sebo dessa
rola mesmo.

PAULO

Aí, tá vendo porque eu não fico em
casa? Você tá sempre insatisfeita,
chata e briga por tudo. Antes tu
num era assim.

MARILENE

Antes você não me deixava sozinha.

PAULO a abraça. MARILENE tira a mão dele.

PAULO

Não, minha neguinha. To aqui,
voltei pra ficar com você. Eu te
amo tanto.

PAULO levanta e coloca disco na vitrola. E dança.

PAULO (CONT'D)
Vem dançar comigo, neguinha. Vamos
relembrar dos velhos tempos?

Música de Diana "porque brigamos?"

PAULO insiste lhe oferecendo a mão. MARILENE resiste e logo sorri sucintamente, levanta. Os dois dançam e se beijam.

76. INT. QUARTO PAULO - DIA

Camisola vinho, calça jeans e cinto de couro tudo no chão. MARILENE e PAULO deitados de conchinha, pelados na cama. Ouvimos alguém bater na porta, PAULO se assusta e levanta, amarra toalha na cintura e abre a porta.

CAÍQUE olha para PAULO insinuando com as mãos que ele precisa acompanhá-lo.

PAULO (CONT'D)
(Sussurra)
Só preciso tomar banho e um café.
Faça barulho não, pra Marilene não
acordar. Carolzinha tá aí?

CAÍQUE afirma com a cabeça. PAULO fecha a porta.

CORTA P/

77. INT. COZINHA CASA PAULO - DIA

Cozinha moderna e sofisticada para a época. Mesa de madeira com tampão de vidro, duas xícaras pequenas de café.

Geladeira branca com fotos da família.

PAULO pega uma jarra de suco e põe na mesa.

Fogão de seis bocas e armário grande.

CAÍQUE
Tem pão aí, eu peguei na casa de
tia Galdina.

PAULO
Vou fazer café pra nós, então.

CAROL aparece sonolenta.

PAULO pega vasilha pequena e coloca água para esquentar no fogão.

CAROL

Bom dia painho, bença! Bença tio Caíque.

PAULO

Deus abençoe, amor de painho.

CAÍQUE

Deus abençoe, minha pretinha.

PAULO

Carolzinha, você tá com fome? Vai esperar mainha acordar pra fazer seu lanche da escola? Vá tomar seu banho. Tá muito cedo ainda, mas quando ela acordar tu já vai tá pronta.

CAROL só afirma com a cabeça e sai.

PAULO senta à mesa e corta o pão, levanta e pega margarina na geladeira e uma faca no armário.

Corta o pão, passa a manteiga e come.

CAÍQUE

A água já tá fervendo.

PAULO prepara o café, coloca na garrafa. CAÍQUE coloca café na xícara e toma.

CAÍQUE (CONT'D)

Oxe, essa desgraça tá parecendo mel. Tu num sabe fazer nem um café?

PAULO

Homi, tu me acorda eu fico todo aturado. Que moléstia tu quer, uma hora dessa da manhã?

CAÍQUE

A gente precisa ir em Pilão Arcado fazer o negócio do banco amanhã ou depois de amanhã, no mais tardar.

PAULO

Nunca fiz um negócio desse, tu vai precisar me ensinar.

CAÍQUE

A gente tem que pegar as arma com Tenente Miguel, só que ele quer um pouco da massa ou dinheiro antes.

PAULO

Oxente, é só ir na roça e colher lá.

CAÍQUE

Tu acha que hoje a gente consegue isso?

PAULO

Aí tu tem que decidir se dá um malote cheio de maconha só pra garantir as arma de amanhã ou se vende a mercadoria inteira. Se for todinha eu acho que hoje a gente não consegue. Converse com ele, que qualquer coisa agente pega o resto quando voltar de lá.

CAÍQUE

Homi, Tenente Miguel é parceiro das antigas. Qualquer coisa que fizer ele fica satisfeito. Só que tem que ser justo na troca, aí ele cede pra nós umas farda, algema e as grandona potente.

CAÍQUE faz sinal de arminha com a mão.

PAULO

Bora lá na roça então.

78. EXT. ESTRADA DE TERRA - DIA

Imagem aérea da plantação de bananeiras e por baixo das bananeiras uma plantação de cannabis. PAULO e CAÍQUE caminham pela fazenda.

PAULO

Se for hoje, tem que mandar os cara deixar tudo no jeito. E ir meio dia no máximo lá pra Pilão Arcado. E quem vai acompanhar nós?

CAÍQUE

Chamei os cara lá da Ipoeira e Vanzin teu irmão. Uns doze homem.

PAULO

Povo tudo inexperiente.

CAÍQUE

Tu também é e eu não tô dizendo nada...

(MORE)

CAÍQUE (CONT'D)

Nós vamos ficar rico, Paulin.
Ninguém vai mexer com nós mais
não... Tu pretende fazer o que com
esse dinheiro?

PAULO

Comprar uma casa em Cabrobó e abrir
uma loja de roupa pra ninguém
desconfiar.

CAÍQUE

Mas te falar uma coisa, tu sabe nós
tem que tá preparado pra tudo,
inclusive pra matar os alibã.

PAULO

É... isso aí vai criar problema com
o tenente Miguel.

CAÍQUE

A única coisa que iria atrapalhar
esse contato com o tenente, seria
se a gente mudasse a fonte das
arma. E isso num vai acontecer,
porque nós já consegue com
facilidade. Falando nisso, eu
combinei com ele de passar umas
farda dos alibã que seja igual a
que eles vão usar, caso eles chegue
lá na hora.

PAULO

Porque isso?

CAÍQUE

Pra confundir mesmo. Eles vão ficar
receoso pra atirar em nós, porque
vai pensar que nós é da equipe
deles.

PAULO

Entendi. Então bora adiantar esse
serviço que nós só tem a tarde pra
fazer isso tudo e voltar. Marilene
tá quase parindo e num posso deixar
ela só por muito tempo não.

79. INT. SALA CASA ROÇA - DIA

Sala meio escura, com saída de luz apenas de uma janela
pequena de madeira. Mesa de madeira e quatro tamboretas.

Iniciamos com a introdução da música A Morte de um Vaqueiro - Juliana Perdigão. Som baixo de forma que conseguimos ouvir os sons presentes na cena.

TENENTE MIGUEL homem alto, magro, branco, farda da polícia, sentado à mesa.

Conta cédulas de dinheiro enquanto cigarro está no canto esquerdo da boca, ele apenas sopra a fumaça.

Posto na mesa quarenta e oito tabletes de maconha. CAÍQUE e PAULO sentados observando toda a ação de TENENTE MIGUEL.

TENENTE MIGUEL pega um fuzil e coloca na mão de PAULO.

TENENTE MIGUEL

Testa essa daí. Tem mais 17 aqui.

PAULO tira o pente, observa se tem munição, coloca o pente novamente e engatilha a arma.

PAULO

Eu acho que essa tá boa.

CAÍQUE levanta e pega dois fuzis na bolsa. TENENTE MIGUEL o interrompe bruscamente pegando em sua mão. E olha em seus olhos.

TENENTE MIGUEL

Se essa história sair daqui, vocês nem precisam voltar pra cá. Porque eu mando matar vocês. Eu mesmo faço o serviço, na verdade. Outra coisa, eu quero a minha parte do dinheiro. Eu seguro suas merda já tem tempo, desde que tu decidiu sair matando o povo pra vingar a morte do teu irmão. Tu só num morreu ainda porque eu não deixei.

CAÍQUE

Oxe, é claro que tu vai ter. Alguma vez eu já farrapei com você, tenente?

TENENTE MIGUEL

Essa é primeira vez de um negócio grande. E pode acontecer muita coisa fora dos planos de vocês. Eles conhecem as fardas e as armas. Vão saber que alguém da companhia cedeu, eles só num pode saber quem foi.

PAULO
Calma aí, tenente. Pode confiar,
nós é caba de palavra.

TENENTE
Espero.

CAÍQUE
Bom, suas coisas tão aí. Nós
precisa ir.

TENENTE MIGUEL consente com a cabeça.

MONTAGEM PARALELA

Nesse momento toda a cena será simultânea com a música da cena anterior. Dessa vez a música é o único som que ouvimos. As cenas são silenciosas deixando a música A Morte de um Vaqueiro se sobressair.

80. EXT. RUA CIDADE - DIA

Três caminhonetes brancas estacionadas na calçada de PAULO, homens vestidos com farda da polícia local. PAULO entra por último ao lado de CAÍQUE no carro do meio. Fecha a porta e acende um cigarro, sopra a fumaça.

81. INT. CASA PAULO - DIA

MARILENE levanta do sofá e vai à cozinha, passa manteiga na torrada e come. Enquanto passa a mão na barriga. Bolsa estoura e MARILENE se desespera. Senta na cadeira e respira profundamente.

82. EXT - ESTRADA DE TERRA - DIA

Imagens aéreas do carro na estrada, CAÍQUE dirigindo o carro, tira a mão do volante para preparar uma carreira de cocaína por cima da carteira.

Ele cheira e revira os olhos, toca em seu nariz como se estivesse cheirando o resíduo de cocaína que ficou dentro do nariz.

Oferece a carteira para PAULO que a pega.

CAÍQUE pega o pacote pequeno com cocaína e entrega na mão de PAULO.

PAULO cheira a cocaína, se encosta confortável no banco e os dois riem euforicamente.

83. INT. CASA DE PAULO - DIA

MARILENE sentada na cadeira, suando excessivamente, começa a chorar e sai engatinhando até a porta.

Ela tenta se ampara no trinco da porta para levantar e levanta lentamente.

Abre a porta.

Luz estourada do dia.

84. EXT. CARROS NA ESTRADA - DIA

Luz forte do sol refletindo no retrovisor.

Pneus dos carros passando por cima das pedras na estrada.

Levantando poeira, PAULO se projeta para o banco de trás, pega um papel e explica funções para os três homens que estão no banco de trás.

Todos atentos, confirmando com a cabeça.

85. EXT. RUA CASA DE PAULO - DIA

MARILENE caminha pela calçada. Encosta na parede e fecha os olhos, respira ofegante e chora.

Olha para o lado, rua vazia.

Continua caminhando, apoiando na parede.

86. INT. CARRO CLEYTON - DIA

Os três figurantes do banco de trás, colocam balaclava na cabeça. Deixando apenas os olhos e boca visíveis.

PAULO aponta a arma para fora do carro e engatilha.

PAULO coloca balaclava, CAÍQUE pede ajuda para que PAULO coloque a dele.

87. EXT. RUA DE PAULO - DIA

MARILENE de cócoras na calçada, respira ofegante, nariz escorrendo, chora desesperadamente.

CRIS chega em alta velocidade e a ajuda a entrar no carro.

CRIS realoca MARILENE no banco traseiro, passa o cinto e corre para entrar no banco.

Sai em alta velocidade.

88. EXT. CARRO ESTRADA - DIA

CAÍQUE estaciona o carro bem no interior da caatinga, os outros carros o seguem e fazem o mesmo. Todos os homens saem dos carros e correm faceiros na caatinga.

89. EXT CIDADE PILÃO ARCADE DIA

PAULO observa a cidade de cima do morro, enquanto CAÍQUE dá coordenadas para os homens.

Eles engatilham suas armas, CAÍQUE sinaliza com os braços que precisam dividir o bando.

Para que metade entre pela frente do banco e a outra pelo portão de trás.

CAÍQUE lidera o bando que entra pela entrada principal da agência e PAULO fica responsável pelo outro grupo. Eles se dividem.

90. EXT. FACHADA HOSPITAL - DIA

MARILENE sentada numa cadeira de rodas, grita desesperadamente.

CRIS observa mas não ajuda.

ENFERMEIRA que aqui é SANDRA, Com vestimentas condizentes à sua função. se aproxima com uma maca e com ajuda de mais duas TÉCNICAS DE ENFERMAGEM colocam MARILENE deitada na maca.

CRIS permanece encostada no carro observando de longe.

91. EXT. FUNDOS DO BANCO - DIA

PAULO empurra porta do banco com os pés.

92. EXT. FACHADA HOSPITAL - DIA

ENFERMEIRA abre a porta do hospital com o auxílio da maca.

93. INT. FUNDOS DO BANCO - DIA

Estacionamento do banco com muitos carros ali.

Homens se espalham pelo estacionamento do com as armas apontadas para as janelas. PAULO corre até a porta e anuncia assalto.

Bandidos seguem PAULO.

94. INT. HOSPITAL - DIA

MARILENE sendo levada na maca pelo corredor às pressas, começa a sujar lençol de sangue. A mancha cresce.

95. INT. BANCO - DIA

Abrimos com manchas de sangue no chão. CAÍQUE segura um corpo pelo pescoço que ele acabou de cortar, enquanto grita com fuzil na mão, mandando todo mundo baixar no chão.

Pessoas começam a passar relógios e joias no chão, enquanto os homens vão colocando num saco branco de pano.

Homens do bando chutam corpos que estão deitados.

96. INT. HOSPITAL - DIA

MARILENE com máscaras de oxigênio, desacordada, deitada na cama.

Três enfermeiras e uma médica, todas são a mesma pessoa, SANDRA.

A sala fica agitada, as enfermeiras correm de um lado para outro, para conseguirem equipamentos para o auxílio no parto.

97. INT. BANCO - DIA

PAULO consegue arrombar o cofre e coloca todo o dinheiro no saco, manda que os dois assaltantes que estão com ele pegue o máximo que puder.

98. EXT. FACHADA BANCO - DIA

Helicóptero da polícia sobrevoa em busca dos bandidos, notamos que estão com a mesma farda do bando de PAULO E CAÍQUE.

Um deles se projeta para fora do helicóptero e fala no megafone, neste momento CAÍQUE aparece puxando os cabelos de uma mulher, fazendo-a de refém.

99. INT. HOSPITAL - DIA

MÉDICA faz um corte abdominal e retira o bebê, o bebê não chora.

Ela observa se o bebê está respirando.

MÉDICA entrega o bebê para uma ENFERMEIRA que faz massagens no peito dele. Enquanto a MÉDICA começa a fechar o corte.

100. EXT. FACHADA BANCO - DIA

CAÍQUE coloca a mulher de joelhos e puxa seus cabelos, enquanto aponta a arma para a equipe de policiais ali na sua frente.

Neste momento todo o bando corre para fora mais dois com reféns.

PAULO se une ao bando de policiais e dispara a arma no capitão da equipe.

Os policiais se assustam e correm na direção dos bandidos com as armas apontadas para eles.

Nesse momento CAÍQUE dispara um tiro no piloto do helicóptero, enquanto a aeronave vai caindo, um dos policiais acerta a cabeça de CAÍQUE que cai na mesma hora.

A refém corre gritando.

SOM da música é cortado bruscamente para ouvirmos o tiro. O som dessa cena entra em contato com o da próxima cena, quando ouvimos o bebê chorando.

101. INT. HOSPITAL - DIA

Enfermeira coloca bebê, nos braços de MARILENE, bebê chora e MARILENE chora e sorri junto.

CORTA P /

102. EXT. ESTRADA DE TERRA - ENTARDECER

Carros dos bandidos em alta velocidade na estrada.

PAULO tira a balaclava. Respira fundo.

PAULO
Porra mataram CAÍQUE, cara do burro
do caralho!

ASSALTANTE 1
Pior é que os alibã vão ficar com o
corpo dele.

PAULO
Isso aí é o de menos, depois
retorna pra família. Agora nós tem
que pensar numa forma de não voltar
pra casa pelo menos por três dias.
Dormir nos mato mesmo.

ASSALTANTE 1
É o certo.

CORTA P/

103. EXT. CAATINGA - NOITE

CARROS iluminados por lanternas, assaltantes deitados no
chão. Fogueira acesa. PAULO em pé, inquieto caminha de um
lado para outro.

ASSALTANTE 1
Homi, bora embora. A gente tá aqui
sem comida, sem água. Já na hora,
já, Paulinho.

PAULO
Bora então, já tem cinco dias. Já
deu pra baixar a poeira, mas
chegando perto da cidade, a gente
abandona os carros e vai correndo.
Quero que ninguém venha pra perto
de mim não, viu? Se a gente se
esbarrar lá na cidade é só fingir
que não se conhece. VAN, tu já
separou o dinheiro de cada um?

VAN conta cédulas.

VAN
Tem é tempo.

PAULO
Bora, bora.

Assaltantes se organizam nos carros e saem em alta velocidade.

104. EXT. PISTA - NOITE

Faróis dos carros iluminando a cena, carros em alta velocidade.

105. INT. CARRO LUÍS - NOITE

LUÍS dirige o carro, enquanto está acompanhado de três HOMENS. O do banco da frente fuma um cigarro, está de camisa aberta e suado.

LUÍS

Os cara vão chegar a qualquer momento e nós tem que tá de tocaia, esses dias tudo eu fiquei esperando eles voltar. Nós faz mais guarda que a própria polícia, tá de brincadeira...

TODOS riem.

LUÍS (CONT'D)

Num tá com a porra que eles num volte hoje. Nós vamo ficar ali, na curva da morte, só aguardando esses fi da puta.

Carro em alta velocidade.

106. EXT. ESTRADA - NOITE

Carros entrando numa mata fechada em alta velocidade, os carros param dentro da caatinga. Eles saem correndo cada um para um lado diferente. PAULO sai junto com VAN.

107. INT. CARRO LUÍS - NOITE

HOMEM 1

Luís olha aquela luz lá, vai mais rápido que pode ser eles.

LUÍS acelera o carro e observa alguém correndo na pista, nesse momento um HOMEM atira no cara que corre na pista.

CORTA P/

108. EXT. ESTRADA - NOITE

PAULO e VAN escutam o tiro e correm pra dentro da caatinga novamente.

PAULO

Eita porra, os alibã veio atrás de nós.

VAN

Eu sabia Paulin, que isso só ia dá merda. Nós entrou nesse negócio pra vingar a morte de pain e tu inventou de ser ladrão.

PAULO dá uma coronhada na cabeça de VAN.

PAULO

Homi, cale essa boca. Isso num é hora não, tem que arrumar um jeito de chegar em casa vivo. Qualquer coisa deite no chão aí, porque os cara tão perto de nós.

109. INT. CARRO LUÍS - NOITE

LUÍS entra na caatinga em busca de mais homens do bando. Avista PAULO e VAN. Acelera o carro pra passar por cima deles. VAN e PAULO se distanciam, PAULO vai para o lado esquerdo e VAN para o lado direito. VAN atira no pneu do carro. Fazendo com que LUÍS perca o controle e bata em uma árvore. LUÍS os perde de vista. Acende uma lanterna.

LUÍS

Tá todo mundo vivo aí?

TODOS

Sim.

LUÍS

Pois bora sair e procurar os carro dessas desgraça, pode até fazer os alibã de palhaço mas nós eles num faz não.

LUÍS e os três HOMENS caminham pela caatinga com uma lanterna, armados.

HOMEM 1

Ali os carros deles

HOMEM 2

Nós toca fogo em um só, né?

CHICO
Não, vai ser em todos.

CORTA P /

110. EXT. CAATINGA - NOITE

PAULO e VAN correm na caatinga.

VAN tropeça no tronco de uma árvore e cai.

VAN
Ai, caralho. Puta que pariu. Acho
que fodeu aqui, quebrei o pé.
Desgraça!

PAULO
Você é abestalhado demais. Se
fuder, um negócio desse!

VAN
Paulin, isso é fogo?

PAULO
Isso o que?

VAN
Olha lá pra trás, esse clarão

PAULO
Eita deve que o carro deles tá
queimando. Os bicho deve ter
morrido na batida, levanta fi da
puta. Bora correr, antes que os
alibã chegue.

PAULO ajuda VAN a levantar e sustenta o seu peso caminhando
apressado com dificuldade. VAN caminha mancando. Apoiado no
ombro de PAULO. Ambos com armas nas mãos.

Ouve-se explosão.

PAULO (CONT'D)
Caralho, se lascaram agora. Os
alibã chega logo aí, num pode pegar
nós.

Ouve-se outra explosão. Fogo se alastra pela caatinga.

Continuam correndo até que avistam as luzes da cidade.

PAULO (CONT'D)
Chegando mais ali na entrada a
gente pede ajuda na casa de dona
Paula.

CORTA P /

111. EXT. CAATINGA - NOITE

LUÍS e seu bando correm freneticamente do fogo que se
espalha.

LUÍS
Tá faltando um aqui cadê?

HOMEM 2
Cara, não sei. Não tem como voltar
não, a polícia já tá sabendo disso
aqui com certeza é melhor a gente
só ir embora. Pegar o carro nosso e
sair.

Avistam o carro e entram.

112. INT. CARRO CHICO - NOITE

LUÍS e o bando entram no carro, LUÍS dá a partida e sai por
cima de galhos, frades e cactos.

CORTA P /

113. EXT. CAATINGA - DIA

PAULO e VAN avistam carro passando na pista. Estão escondido
na caatinga à beira da estrada.

PAULO
Vanzin, foi os carro nosso que
explodiu, filho da puta botou fogo
nele. Aí é o carro deles, enquanto
eu não matar tudin, não descanso.

VAN assustado arregala os olhos e passa a mão na cabeça.

VAN
A gente tá frito, a gente vai
morrer.

PAULO

Continue caminhando. Tô aqui, vai acontecer nada com a gente, não.

CORTA P/

114. EXT. CASA DE TAIPA D. PAULA - NOITE

Casa de taipa, com cartaz escrito "AQUI TEM PICOLE DE SAQUINHO, LAVO ROUPA" portas de madeira e luz amarela ligada do lado de fora iluminando todo o terreiro.

PAULO bate na porta e VAN senta ali no chão.

DONA PAULA mulher, 88 anos, cabelos grisalhos, lenço na cabeça e vestindo saia estampada e camisa com rosto de político estampada.

PAULA

Oxente meu menino, o que foi isso? Tu tá envolvido com essas bomba de agora?

PAULO

Dona Paula, ajude aqui Vanzin ele machucou o pé. Eu vou deixar ele aqui essa noite e amanhã eu volto pra buscar, preciso ir pra casa, Marilene não sabe notícia nenhuma minha desde o dia que eu saí daqui da cidade.

PAULA

Paulin, Marilene já teve o menino.

PAULO olha para VAN, PAULO se desespera.

PAULO

Oxe, eu num acredito não.

PAULA

Já tem quase uma semana, o parto foi de risco e quase morre.

VAN

Tá vendo o desgosto que tu dá pra própria casa? Quer lutar em nome da família e não tem responsabilidade nem com a sua.

PAULO corre em direção à cidade.

DONA PAULA ajuda VAN a levantar. Entram em casa, ela fecha a porta.

115. INT. QUARTO PAULO - NOITE

MARILENE deitada na cama, ao seu lado o bebê e CAROL dormindo no quarto com berço e enxoval. Ouvimos barulho na porta, MARILENE se assusta e tenta levantar com dificuldade. Ela caminha lentamente em direção à porta do quarto e quando abre a porta encontra PAULO os dois se assustam PAULO ajoelha em seus pés e começa a chorar. MARILENE apática, apenas o observa.

PAULO

Me desculpe minha neguinha, eu falhei com o compromisso de cuidar de você, quando você mais precisou. Eu não queria que tivesse sido assim..

MARILENE

Você tá mudado, lembro do dia que você me tirou de casa. Me embuchou e prometeu que eu teria a melhor vida que eu nem imaginava ter. Eu sou constantemente humilhada por sua família, humilhada por você. Tô aqui desequilibrada, sozinha tentando fazer dietas mirabolantes para agradar você que só enxerga as outras. Eu tô sinceramente muito cansada dessa situação, eu casei com um homem honesto, trabalhador, o que você se tornou é uma vergonha. Eu me sinto frustrada e tenho certeza que seus filhos vão ter muita vergonha de você. Se for nesse rojão, tu não fica vivo por muito tempo. Todo mundo tá sabendo do assalto de Pilão Arcado, saiu na televisão. E eu rezei muito pra que o corpo que foi encontrado não fosse seu, mas não vai demorar pra o povo saber que você estava no meio disso, não. Quero saber até onde vai essa sua vontade de vingar a morte do seu pai e usar disso como desculpa pra ser ladrão..

PAULO

Cadê meu menino?

MARILENE

Tá dormindo, e você não vai encostar nele enquanto não tomar banho.

PAULO

Minha neguinha eu tô com muita fome. Nem sei que dia eu comi alguma coisa.

MARILENE

Pois faça alguma coisa pra você que eu não tenho condições nenhuma de fazer esforço e ficar em pé. A filha de Dona Paula que tá me ajudando esses dias, porque sua mãe e suas irmãs nem sequer apareceram aqui.

MARILENE vira as costas como se fosse entrar no quarto e volta.

MARILENE (CONT'D)

Você ainda me paga e tomara que um dia você seja traído e sinta a dor dessa humilhação, igual eu tô sentindo agora. Tomara que já tenha nascido quem vai acabar com sua vida.

PAULO

Porque você tá me desejando isso? Você tem tudo que quer, nunca faltou nada aqui dentro de casa. Você tem do bom e do...

MARILENE

Falta respeito, Paulo. Respeito.

Marilene entra no quarto, volta com uma toalha e joga na cara de PAULO, que levanta do chão.

MARILENE (CONT'D)

Tome banho no banheiro aí de fora.

116. INT. BANHEIRO - NOITE

PAULO se enxuga e se observa no espelho. A imagem se sobrepõe e PAULO enxerga o EMANUEL adulto estudante de cinema, ali. Se assusta, abre e fecha os olhos e não o vê mais. Limpa o espelho. Ele lava o rosto e se observa respirando ofegante e assustado.

PAULO corre do banheiro para o quarto.

117. INT. QUARTO - NOITE

PAULO chega assustado no quarto, MARILENE deitada, CAROL não está mais na cama, bebê dormindo com a luz apagada. PAULO acende a luz.

PAULO

Neguinha, neguinha, eu acabei de ver uma pessoa no espelho. Eu não sei quem era, me parecia familiar... mas nunca vi.

MARILENE

Rum, agora tá alucinando também era só o que faltava...

MARILENE vira as costas.

MARILENE (CONT'D)

Seu filho tá aqui, espero que por ele você tenha o mínimo de consideração...

PAULO observa o bebê, chega perto e ajoelha diante da cama. Toca no rosto do bebê e sorri.

PAULO

Meu menino... veio como luz... Prometo sempre cuidar de você e ser motivo de orgulho pra que um dia tu seja mais respeitado que eu. Você registrou ele com o nome de papai, como eu havia mencionado antes?

MARILENE

Ainda não... Por enquanto é um indigente. Não tinha pai, padrinho e nem nome...

PAULO

Neguinha, já chega. Você só tem reclamado desde a hora que eu cheguei...

MARILENE

Acha pouco? Você nem sabe o que eu passei sozinha pra ter esse menino? Nunca vou esquecer o trauma que foi...

PAULO

Um dia vamos conversar sobre isso.
Agora quero saber qual nome meu
menino vai ter.

MARILENE

Eu pensei em Emanuel, sou espírita
e gostaria de homenagear o mentor
de Chico Xavier, Emmanuel. Além de
significar Deus Co...

PAULO

Que Manoel que nada... Aí o menino
vai ser chamado de manezin. E ainda
dessas macumbaria que tu mexe.
Pensei em Bruno, faz jus a pele
dele... Pele morena...

MARILENE

Primeiro que espiritismo não é
macumbaria, você me desrespeita em
tudo. Um nome lindo desse,
significa Deus Conosco, Emanuel.
Não vejo problema de ser Emanuel
Bruno.

PAULO

Emanuel Bruno Lima Nunes, Emanuel
Bruno Nunes de Sá, Emanuel Bruno
Araquan, não.. não... Bruninho
Araquan...

MARILENE

Araquan? Nome de bandido? Você acha
mesmo que eu vou deixar meu filho
carregar essa aura de criminalidade
que tu tá envolvido? Ele nunca vai
se chamar Araquan, não quero que
ele nasça com essa marca pra
carregar o legado das coisas
erradas de vocês, não. Vai ser Lima
da minha família e Sá, da sua.
Assim como é o nome de Carol...

PAULO

Respeite minha família e o nosso
nome. Se você tem alguma coisa foi
porque os "criminosos" e
trabalhadores honestos lutaram e
suaram muito pra conquistar o que
temos hoje.

MARILENE

Só baboseira. Amanhã vá no cartório
e registre o nome dele, por favor.
Emanuel Bruno Lima Sá.

PAULO beija os pés do bebê. Pega no braço e o coloca no
berço. Deita ao lado de MARILENE na cama e a abraça.

PAULO

Me desculpe neguinha, prometo nunca
mais te abandonar. Nunca mais
deixarei nossa família de lado.

INTRO da música "Porque Brigamos? - Diana"

PAULO (CONT'D)

Você é a pessoa mais importante que
apareceu na minha vida e quero
ficar pra sempre aqui do seu lado.

PAULO a beija e ela o abraça e chora.

MARILENE

Eu tive medo, se você morrer como
vai ficar a nossa situação. Tudo o
que tu tem tá no nome de Cris, eu
não tenho nada. Esse meninos vão
passar fome. Pelo amor de Deus,
pense como um homem de verdade só
por um instante.

PAULO

Eu num vou morrer, não Neguinha. Eu
sou protegido por Deus.

118. INT. QUARTO PAULO - DIA

PAULO e MARILENE dormindo na cama, o bebê está entre os dois.
Ouvem barulho na porta, PAULO se assusta e levanta para
abrir. É GALDINA, CRIS e ANA. Elas entram no quarto e PAULO
não consegue impedir.

PAULO

Mamãe, Marilene tá dormindo.

GALDINA

Eu ainda não conheci meu neto. Ela
não permitiu visitas...

MARILENE acorda assustada e GALDINA, CRIS e ANA se aproximam
do bebê e o observam confusas se entreolhando...

MARILENE

Minha gente, o que é isso? Porque vocês não me esperaram acordar primeiro antes de entrar no quarto? Fiquei aqui a semana inteira sozinha, Cris só me levou no hospital e depois sumiu.

ANA

Esse menino tem o nariz muito largo...

CRIS

Hum, escurinho... Não parece ser filho seu não, Paulinho. Nós somos mais claros.

GALDINA

É, tô achando tudo tão estranho... Não sinto o mesmo carinho que senti com Carolzinha. Além disso parece marmotagem de esposa pra segurar casamento ruim... Eu já tinha avisado antes que isso não dava certo e você nunca me ouviu.

PAULO

Eu vou ter que pedir pra vocês saírem daqui.

MARILENE

Só numa desgraça mesmo uma peste dessa invadir meu quarto pra falar assim comigo e meu filho. Vocês saiam daqui e não voltem mais não. Eu me arrependo e muito de ter me envolvido com uma família tão desonesta assim...

CRIS

Família desonesta? Esse menino nem parece Paulinho... Acho que se for colocar desonestidade na balança...

PAULO

(Grita irritado)
Vamos, saiam.

GALDINA

Ah, cadê Vanzin? Você voltou e ele não...

PAULO

Vanzin torceu o pé e ficou na casa de Dona Paula.

GALDINA

Pois vá buscar ele e traga as minhas roupas que já devem tá secas, véa Paula antigamente deixava lá em casa tudo limpo. Agora não entrega mais e ainda chega tudo manchada. Se os tempos de escravidão voltassem era um motivo ótimo de meter a chicotada na cara de uma muniça daquela.

MARILENE

Se a escravidão voltasse a senhora seria a primeira a morrer no tronco.

CRIS

Respeite mamãe, sua moleca.

MARILENE

Eu tô nem podendo me levantar daqui da cama direito... porque seria agora mesmo o momento de mostrar o caminho da porta, muito embora vocês já saibam... Podem sair...

GALDINA

Aqui é a casa de Paulin, meu filho. Portanto, também é minha.

PAULO

Mamãe, saia agora. Com Cris e Ana. É muita falta de consideração com todo mundo aqui.

GALDINA

E os carros que foram queimados ontem? E Caíque que morreu? Vocês não dão conta de serviço nenhum, né? Se seu pai tivesse vivo, teria tanto desgosto. Espero que ao menos tenha conseguido bastante dinheiro pra comprar outro carro e investir na roça...

PAULO vai até a porta de entrada da casa e abre para as três saírem.

ANA

É... se eu fosse você ficava de olhos bem abertos pra saber se esse menino é seu mesmo.

PAULO volta para o quarto e escuta batidas na porta.

PAULO

De novo? Parece que gosta de incomodar mesmo os outros.

Abre porta é TENENTE MIGUEL. Ele entra rapidamente observando se ninguém percebeu e fecha a porta.

TENENTE

Deu ruim lá né, bicho?

PAULO

Caíque tava estressado demais, o combinado era não matar ninguém. Só pegar o dinheiro.

TENENTE

Bicho burro da desgraça. Mas não fique com medo disso aí não, eu já organizei tudo lá com os colegas e vocês tão livre dessa. Cadê o dinheiro?

PAULO

Mas vocês que mataram, Caíque...

TENENTE

Vocês que não fizeram o serviço direito. E o dinheiro? A quantia estimada que eu já tô sabendo foi de 8 milhões. Quero saber onde tá a minha parte.

PAULO

Deixei o dinheiro na casa da vέα Paula, Vanzin ficou por lá também. Tenho que ir buscar. O senhor me ajuda?

TENENTE

Claro. Vou só lembrar a você que eu tô lá dentro protegendo, mas qualquer vacilo eu faço igual como fizeram com Caíque.

PAULO

Não, pode deixar...

119. EXT. FACHADA CASA GALDINA - DIA

TENENTE MIGUEL estaciona na casa de GALDINA.

120. INT. CARRO TENENTE MIGUEL - DIA

TENENTE no banco do motorista, PAULO do seu lado e VAN atrás.

TENENTE

Tenho uma da boa aqui. Vocês querem bancar os filhinhos de dona Galdina ou querem uma festa de responsabilidade?

VAN

Homi, eu acho que tenho que ir no hospital. Meu pé tá doendo demais, Paulin também tá aí todo prejudicado com a esposa.

PAULO

Homi, cale a boca aí.

TENENTE

Então vamos lá no hospital e depois a gente vai na sua roça. Eu levo três nega pra nós.

CORTA P/

121. INT. CASA PAULO - ENTARDECER

MARILENE deitada na cama com EMANUEL e CAROL dormindo. Eles se assustam com batidas fortes na porta.

MARILENE levanta com dificuldade e veste o roupão. Sai tateando a parede para se apoiar.

Abre a porta e a polícia invade a casa com cerca de dez policiais, todos armados. MARILENE se assusta e fica no canto da sala.

POLICIAL 1

Polícia! Polícia! Bora, cadê aquele filho da puta?

MARILENE

Calma, moço. Aqui é casa de família. Meus filhos estão dormindo no quarto.

POLICIAIS começam a revistar todo o local.

POLICIAL

Vai se fuder, sua puta. Fala onde tá Paulo, nós vamos matar ele agora.

MARILENE

Ele não está aqui, eu não sei onde ele está.

POLICIAL

Fala logo que eu tô sem paciência.

MARILENE

Eu estou operada, com uma criança recém nascida dentro de casa. Por favor, tenha misericórdia!

MARILENE se desespera e chora.

POLICIAL 1

Não vamos sair daqui até ele chegar e se prepare pra ser viúva porque eu só saio daqui com ele morto. Pode ir para seu quarto. E não passe recado pra ninguém, porque eu não tô manso pra deixar você sair ilesa dessa não.

MARILENE levanta.

122. INT. QUARTO PAULO - DIA

MARILENE entra desesperada no quarto, abraça CAROL que chora nervosa.

MARILENE põe a mão de CAROL.

EMANUEL chora, CAROL levanta e segura EMANUEL nos braços para que ele se acalme.

123. INT. SALA CASA PAULO - DIA

POLICIAL desliga telefone fixo.

CORTA P/

124. INT. CASA PAULO - NOITE

POLICIAIS sentados na sala, um levanta e acende um cigarro. MARILENE aparece.

MARILENE

Moço, se puder não fumar aqui... Eu iria agradecer muito pois temos problemas respiratórios e fica difícil com duas crianças dentro de casa.

POLICIAL 1

Dona, seguinte... Eu peço que você fique calada. E faça uma janta pra gente, se puder...

MARILENE se organiza para preparar jantar para eles. Pega uma panela, cebola e uma tábua de madeira, um facão. Um dos policiais se aproxima.

POLICIAL 2

Pode deixar que eu faço, você está com dificuldade por causa do parto. Vá para o quarto, nós não pretendemos fazer nada com vocês. peço que não saia de lá de jeito nenhum.

MARILENE

Moço, por favor. Porque tem que ser aqui? Meus filhos vão ficar traumatizados pra o resto da vida com essa situação.

POLICIAL 2

Nós temos mandado de prisão. E por enquanto são essas informações que eu posso soltar. Só quero que a senhora fique no quarto.

MARILENE abre a porta do quarto.

125. INT. CASA ROÇA PAULO - NOITE

Ambiente meio escuro, muitas cervejas e aguardentes no meio da sala. Música muito alta. Prostituta abre a porta.

VAN com pé engessado, sentado na cadeira. PAULO E TENENTE JADSON, sentados no sofá, comemoram.

Entram mais duas prostitutas, TENENTE JADSON cheira uma carreira de cocaína.

PAULO levanta e beija uma prostituta e empurra a outra para o colo de VAN.

TENENTE

E você, vai ficar me olhando? Chupa meu pau, cadela. Bora!

TENENTE MIGUEL levanta e puxa pelos cabelos da prostituta em direção aos seus órgãos genitais.

125. EXT. FACHADA CASA PAULO - NOITE

CRIS aparece no carro na casa de PAULO, bate na porta e nas janelas.

126. INT. CASA PAULO - NOITE

POLICIAL 1 entra no quarto de MARILENE e faz sinal para que ela faça silêncio. Ficam à espreita apontando armas para a porta. Um dos policiais abre sorrateiramente a janela. E vê que é uma mulher.

CRIS

Paulinho, Paulinho... Marilene... Oxe, não tem ninguém aqui não?

CRIS frustrada, entra no carro e sai.

127. INT. CASA ROÇA PAULO - NOITE

PAULO fazendo oral na prostituta, que grita gemendo revirando os olhos e empurrando a cabeça de PAULO para lambar mais intensamente.

VAN apalpando seios da prostituta que estava no seu colo e TENENTE JADSON penetrando sua prostituta encostada na cadeira.

Ouvem alguém batendo na porta e se assustam, vestem roupa.

PAULO

Quem é?

CRIS (O.S.)

Sou eu, Paulinho. Preciso falar com você!

PAULO

(Sussurra)

Oxe, é uma desgraça mesmo. Nem pra fuder a pessoa tem paz.

PAULO (CONT'D)

(Grita)

Já vai!

PAULO desliga o som, abre a porta, TODOS saíram dali. CRIS vê apenas PAULO com toda a bagunça do ambiente.

CRIS puxa PAULO para fora de casa e se afasta da fachada.

CRIS

Paulinho, isso é uma emboscada. A polícia tá lá em sua casa. Tá tudo fechado, eu tentei ligar várias vezes e o telefone fora de linha. Se afaste desse policial aí, que ele vai desgraçar com sua vida. É uma tocaia, foi ele que matou Caíque, com certeza. E vai matar você e Vanzin também.

PAULO

E Marilene e os meninos?

CRIS

Como é que eu vou saber, homi? Você tem que fugir por pelo menos uma semana e quando voltar você...

TENENTE MIGUEL

Algum problema aí, Paulo?

PAULO

Não, só minha irmã dizendo que minha mulher tá passando mal. Eu vou ter que ir agora lá pra casa. Vou com ela.

PAULO (CONT'D)

(Grita)

Bora Vanzin, Tenente leva as puta pra casa delas. Você se responsabiliza, aí.

TENENTE

ô, caba frouxo da porra. Tu é enfermeira pra tá no pé de mulher passando mal?

PAULO

Mas ela tá precisando de mim.

CRIS

Ela é mãe dos filhos dele.

TENENTE

Eu não falei com você. Mas vai lá,
caba frouxo...

PAULO ajuda van com as muletas e o coloca no banco de trás do carro de CRIS.

PAULO volta e expulsa as prostitutas de dentro da casa dele. Uma delas sai com os seios à mostra e as outras se ajeitando. TENENTE observa desdenhando e ajeitando as calças. PAULO tranca a porta e entra no carro. Carro sai em alta velocidade.

TENENTE (CONT'D)

Abestalhado da gota serena!

TENENTE arromba a porta da casa de PAULO.

TENENTE (CONT'D)

Bora suas puta, saiam daqui. Vão correndo calada, antes que eu afoloz o cuzinho das três. Bora, bora.

As prostitutas saem correndo.. TENENTE vai até o seu carro e pega gasolina e isqueiro.

TENENTE entra na casa de PAULO quebra tudo, janelas e móveis e derrama gasolina, pega isqueiro e põe fogo na casa de PAULO. Vai até a parede externa e escreve com o spray "TENENTE MIGUEL PASSOU POR AQUI" entra correndo no carro.

Viaturas da polícia chegam no mesmo momento. Policiais descem correndo armados.

POLICIAL 2

Aqui, chega aqui.

POLICIAL 1 corre até a parede lateral e vê a frase escrita e ainda molhada escorrendo tinta feita pelo TENENTE MIGUEL.

POLICIAL 1

Desgraçados.

Eles vão até as casas vizinhas, arrombam a porta e matam três senhoras que estavam dormindo.

Vai até outra e matam um jovem e dois adultos.

Na terceira casa eles pegam uma mulher, um homem e uma criança e os faz ajoelhar na frente da casa, atira nas costas dos três.

FADE OUT.

FADE IN

CARTELA "CABROBÓ 5 ANOS DEPOIS"

128. INT. SALÃO DE FESTAS - NOITE

Ambiente decorado com grandes ursos coloridos TEMA DA FESTA - URSINHOS CARINHOSOS" Música da Xuxa rolando.

Muitos docinhos, salgadinhos e ambiente lotado de pessoas alegres, com diversas mesas decoradas.

MARILENE agora aparece com cabelo bem volumoso e cacheado, mais magra, com macacão branco, batom vermelho intenso e com EMANUEL uma criança de cabelo black e roupa com tema da festa.

CAROL agora aparece adolecende, com cabelos longos e lisos, com roupa rosa bebê.

Todos comemorando o aniversário de EMANUEL. PAULO aparece barbudo, com camisa de botão, calça jeans e cabelos volumosos.

VAN, CRIS, ANA, GALDINA todos contentes batendo palmas, crianças correndo e brincando.

MARILENE coloca EMANUEL no chão que brincam de carrinho com uma garotinha de sua idade. Fotógrafos e cinegrafistas no ambiente. A caixa de presentes transbordando com a quantidade de brinquedos e outros presentes recebidos.

Todos se juntam à mesa para cantar os parabéns.

VAN se afasta e vai até a fachada do salão, acende um cigarro. E fuma observando a festa do lado de fora.

A rua está cheia de carros estacionados em decorrência da festa.

LUÍS o observa de dentro de um carro do outro lado da rua, ele também está fumando um cigarro acompanhando de outro homem apontando a arma na mira do VAN.

LUÍS

Pode descer bala, agora!

Parceiro de LUÍS dispara 8 tiros em VAN, um deles acerta a janela de vidro do salão. VAN morre imediatamente e todos dentro do salão começam a gritar e correr para fora. A festa vira um grande caos, crianças chorando, os pais das crianças procurando por elas.

MARILENE pega EMANUEL no braço e CAROL pela mão e vão para o banheiro do salão.

GALDINA grita apavorada.

GALDINA
Cadê Vanzinho, Paulin?

PAULO
Mamãe fique aqui, Cris fique aqui
com ela.

PAULO pega arma da sua cintura por dentro da calça e sai com ela apontada. E vê que é seu irmão no chão, ele se desespera e se ajoelha no chão.

Nesse momento LUÍS e o rapaz do lado ficam atento apontando arma para PAULO.

LUÍS
Vai!

O tiro acerta na parede, PAULO deita no chão. O rapaz continua atirando, as pessoas correndo na rua. PAULO se esconde atrás de um carro e começa a atirar na direção deles.

LUÍS (CONT'D)
Bora vazar, bora, bora!!

LUÍS sai em alta velocidade, batendo em outros carros e subindo a calçada. PAULO deita no chão e chora desesperado.

PAULO
Meu Deus quando isso vai acabar?
Agora o senhor levou meu irmão
também?

CRIS e GALDINA gritam assustadas e colocam VAN em seu colo.

GALDINA
(Desesperada)
Meu fizin.

CRIS abraça GALDINA e as duas choram.

MARILENE, CAROL E EMANUEL saem correndo do banheiro.

MARILENE
Carol fique com Emanuel, não deixe
ele sair de jeito nenhum. Não quero
que ele veja ninguém lá fora.
(MORE)

MARILENE (CONT'D)

Qualquer coisa que acontecer, vocês baixam no chão e se escondem atrás das mesas ou voltam para o banheiro. Eu só vou ver o que tá acontecendo e volto.

MARILENE coloca as mãos na boca, chora e vai até PAULO, tira a arma de suas mãos. Passa as mãos em sua cabeça.

PAULO

Neguinha, o próximo sou eu.

MARILENE

Vamos embora daqui. Vamos sair daqui dessa cidade, estamos colocando nossos meninos em risco também. Levante daí homem.

FADE OUT

FADE IN

128. EXT. ESTRADA DE TERRA - DIA

Estrada de terra, luz do sol estourada, Um carro se aproxima de PAULO e quatro HOMENS. Desce um HOMEM BARBUDO com dois caixotes de armas de grosso calibre.

PAULO com mais quatro HOMENS, desmontam armas de grosso calibre e as colocam por dentro das portas do carro. Cobrindo tudo com um forro e depois com a carcaça normal de dentro das portas.

Eles entram no carro, fecham as portas. PAULO sentado ao lado do motorista.

FIGURANTE 1

Paulin que tá com a sorte grande...
Duas mulher, cada uma em uma cidade. O foda é ter que sustentar duas família.

FIGURANTE 2

É... mas o bicho tem bufunfa. Tá vendo a mercadoria que nós tamo levando pra casa da mulher dele, não?

MOTORISTA

E tu agora tá morando com Senilda,
é?

PAULO

Só vou lá nos finais de semana e
volto na segunda que é pra a esposa
não desconfiar...

FIGURANTE 1

Quando eu crescer quero ser igual
você...

PAULO

Vocês são uma cambada de zé mané
mesmo...

FIGURANTE 3

Zé Mané vai ser quando Tenente
Miguel descobrir que tu não tá mais
pegando as armas com ele. Nós tudo
vamo rodar, Paulin. Porque se até
agora os homi não falaram nada com
a gente, se eles descobrirem
ninguém vai passar a mão na nossa
cabeça.

PAULO

E desde quando eles passaram a mão
na nossa cabeça? Tenente Miguel
matou Caíque, queimou minha casa e
mandou matar meus vizinho tudo lá
da roça. Eu que seria um filho da
puta se continuasse com esse
fornecedor. Agora nossas armas são
mais potentes que as deles, com uma
dessas daí a gente arromba carro
forte. Tem que ter medo não, agora
é nós contra eles e contra os
Felizardo. Eu só sossego quando eu
matar Luís e Tenente Miguel, não
vai sobrar nenhum cartucho. E eu
não dou mais três anos pra isso
acontecer.

FIGURANTE 2

É Paulinho... sei não hein? Mas tu é
quem manda em nós e tu num paga nós
pra nós dá pitaco nas tuas ideias,
não. Nós só executamos mesmo.

PAULO

É, cês tão falando demais. Bora acender um baseado que eu preciso relaxar. Lá em casa tá difícil, mulher estressada e o menino parece que vai ser é baitola...

TODOS RIEM.

MOTORISTA

Oxente, um macho baitola nos Araquan num vai dar certo não...

FIGURANTE 1

Homi, é só o que tem.. Aquele Claudin mesmo.. é ele andando na rua e o povo tirando onda. O povo fala que ele leva coca cola toda tarde lá no batalhão e os policial faz é a festa lá com ele.

PAULO saca a arma da cintura e aponta na cabeça do FIGURANTE 1.

PAULO

É, você respeite meu primo caba véi. E filho meu se for pra ser viado, eu meto o tiro no cu dele que é pra bala sair pela garganta e ainda corto o pau do caba que tá comendo e sirvo o pau no prato cheio de sangue pra ele comer... Já que ele gosta tanto... Ele que sabe se vai ter coragem...

MOTORISTA

Paulin, teu filho tem 5 anos. E tu já tá falando esse tipo de coisa... Você deve tá é maluco.

PAULO

É, num sei não... O menino coloca fralda na cabeça e fica se requebrando todo dançando que nem fresco. É obrigado as tia tirar a fralda e molhar pra dar uma lapada de fralda molhada na cara dele, lá em casa ele vive no cacete e eu fico só observando fingindo que não tô percebendo. E acho que a mãe dele faz é gostar porque sabe que me irrita.

(MORE)

PAULO (CONT'D)

Ó os caba, se vocês pensarem que casar é bom, vocês vejam essa situação minha. Bom mesmo é comer tabaco de rapariga.

PAULO fuma o baseado. E passa pra trás. Aumenta o som. Imagens aéreas de carro na estrada. Eles tranquilos observando a estrada pela janela do carro.

MOTORISTA

Paulin, ó os homi ali porra! Tamo tudo fudido agora...

PAULO

Não, eles num vão achar as arma não. Pode parar tranquilo que eu converso com eles.

MOTORISTA estaciona o carro e dois policiais se aproximam. Logo reconhecemos que um deles é TENENTE JADSON, ele se abaixa na porta em que está PAULO.

TENENTE MIGUEL

É Paulin, eu sabia que mesmo sem ir atrás de tu, tu iria aparecer.

PAULO

Mas homi, nós estamos todos tranquilos aqui. Só homem honesto e trabalhador, aqui não tem nada de errado...

TENENTE

Como que tá sem erro? Um fedor de maconha desse?

PAULO

Oxe, tu já fizesse coisa muito pior junto comigo e agora vai cismar por causa do baseado?

TENENTE MIGUEL abre a porta de PAULO e o levanta pela gola da camisa.

TENENTE MIGUEL

Cala a boca seu filho da puta que quem manda nessa porra sou eu.

PAULO olhando nos olhos dele, pega a arma na cintura e TENENTE MIGUEL percebe, empurrando ele no carro e golpeando com dois socos em seu rosto.

TENENTE MIGUEL (CONT'D)

Bora, bora sai tudin aí de dentro com a mão na cabeça e sem olhar pra minha cara. Bora fi da puta vocês acham que eu tô de brincadeira? Eu vou matar vocês tudin se eu encontrar qualquer coisa errada. Paulin, já tem é tempo que andam procurando a cabeça dele, se ele sumisse ninguém saberia. Mas o gosto bom mesmo seria se eu matasse aqui agora só pra conseguir a quantia gorda que tão oferecendo. Bora, revista o carro aí.

Três policiais revistam o carro. Um deles senta no banco do motorista e começa a abrir o porta luvas, mexer nos documentos.

TENENTE MIGUEL encosta os quatro homens na lateral do carro e os coloca com as mãos na cabeça. TENENTE MIGUEL pega o motorista pela gola da camisa e o arrasta até o porta malas.

TENENTE MIGUEL (CONT'D)

Abre isso daí filho da puta, bora, demora não que eu tenho tempo pra isso não.

MOTORISTA abre o porta malas e tem duas bolsas grandes.

TENENTE

Vila, reviste essa bolsa aqui.

VILA policial, gordo, baixo, negro. Pega a bolsa e abre despejando tudo no chão. Caem algumas peças de roupa, isqueiro, escova de dentes, um shampoo e um tênis.

TENENTE (CONT'D)

É, seu pangaré... dessa vez tu teve foi sorte...

PAULO

Eu disse que tava certo e tu que insistiu

TENENTE JADSON

Insistiu no que? Cala sua boca ou eu quebro seus dente.

POLICIAL 1 começa a bater no interior das portas.

POLICIAL 1

Oxe, barulho aqui tá estranho... Parece que tá oco por dentro.

VILA

Bora, tenta abrir isso aí

TENENTE

Bora Paulin, eu só dou mais uma chance. Aí dentro tem alguma coisa que prejudicaria vocês? Se tu me confessar agora, eu pego o negócio e deixo vocês passar... Mas se tu mentir pra mim e eu achar vou botar vocês tudo na cadeia e lá dentro eu faço questão de matar de um por um.

PAULO

Homi, confie em nós que nós tá limpo!

POLICIAL 1

Tenente, aqui onde tava.

POLICIAL mostra a porta cheia de armas desmontadas.

TENENTE Chuta as pernas de PAULO que cai no chão.

TENENTE

É? tá limpo filho da puta? Agora tu vai murchar lá na cadeia seu desgramado.

POLICIAL 1 coloca algemas em PAULO e TENENTE JADSON algema os outros três. TENENTE JADSON espanca PAULO com chutes e murros no rosto, o nariz de PAULO sangra. Mas PAULO em momento nenhum muda de expressão, continua apático.

129. INT. DELEGACIA - NOITE

PAULO sentado na cadeira de frente para o delegado, mais dois homens sentados e um em pé. Cercados por quatro policiais.

PAULO

Eu preciso ligar pro meu advogado e minha esposa.

DELEGADO

Leva ele aí no orelhão pra ele fazer essas ligações e num demore não.

POLICIAL 2 acompanha PAULO até a área aberta da delegacia e vai ao orelhão. PAULO disca o número.

PAULO

Neguinha, os homi me pegaram. É... pois é, agora eu não consigo explicar... Eu tô aqui na cadeia, tu precisa se acalmar, tenho pouco tempo pra falar... eu preciso que você e Cris vão atrás do Doutor Jurandir lá em Salgueiro e que venda algumas daquelas mercadorias da loja pra pagar o caso.

Música da Lama ao Caos começa a tocar

130. INT. ESCRITÓRIO ADVOGADO - DIA

MARILENE e CRIS sentadas no escritório, mesa com muitos papéis empilhados, luz branca e o DOUTOR JURANDIR homem negro careca, barbudo, com camisa e calça social, óculos de grau pequeno, Doutor faz o orçamento e coloca na folha escrito 60 mil reais. CRIS e MARILENE se assustam.

CORTA P/

131. EXT. ZONA RURAL - NOITE

CRIS e MARILENE chegam numa casa simples de taipa e conversa com homem idoso. CRIS sai da sala e volta com um malote, abre com três armas potentes, o senhor afirma com a cabeça. Ele entrega dinheiro nas mãos de MARILENE.

CORTA P /

132. INT. JOALHERIA - DIA

CRIS e MARILENE na frente de um balcão, enquanto JOALHEIRO analisa as jóias. E entrega dinheiro para elas.

CORTA P/

133. INT. CASA URBANA - NOITE

CRIS e MARILENE entregam mais armas para HOMEM BARBUDO branco, alto e magro que fuma um cigarro. Ele ri e entrega dinheiro.

CRIS

Pronto, Marilene. Temos 45 mil. Agora falta mais 7 armas que estão no porta malas, você tem ideia de alguém que possa comprar?

MARILENE
Tenho um contato.

MÚSICA DA LAMA AO CAOS VOLTA A TOCAR.

134. EXT. ORELHÃO RUA - ENTARDECER

MARILENE fala no orelhão. Carros passando, CRIS se aproxima e toma o telefone. Ela coloca o telefone no gancho e aguarda. Carro preto se aproxima, MARILENE entra com malote. sai do carro.

MARILENE
Pronto. É só entrar em contato com
Doutor Jurandir que ele tira Paulo
de lá.

135. INT. CADEIA - DIA

MARILENE chega na cadeia, policial faz revista completa.

POLICIAL
(Ri desdenhosamente)
Eita homem famoso da gota, a outra
acabou de sair daqui e tu chegando.

MARILENE se assusta.

MARILENE
Que outra? Cris?

POLICIAL
Não, uma tal de Senilda.

MARILENE desiste de entrar, pega sua bolsa e sai.

136. INT. CASA PAULO - DIA

MARILENE chega em casa apavorada e senta no sofá, chora desesperadamente. CAROL corre até o colo de MARILENE e encosta a cabeça.

CAROL
O que foi, mainha? é saudade de
painho? Ele vai voltar esses dias...
quem me disse foi tia Cris.

MARILENE

É, minha filha. Saudade machuca muito, preciso do seu pai também pra resolver as coisas aqui em casa.

CAROL

Não fique assim não, mainha. Ele logo tá aqui. E tenho certeza que ele tá bem lá, painho é um homem do bem e com certeza já fez várias amizades por lá.. olha eu vou lá na casa de Tamires e já volto.

MARILENE

Tudo bem, minha filha. Cuidado aí na rua, qualquer coisa venha pra casa imediatamente.

CAROL a beija na testa e sai de casa.

MOÇA que trabalha na casa de MARILENE se aproxima.

MOÇA

O que houve, mulher? O que foi que chegou atacada assim?

MARILENE

Mulher, eu feito uma pateta arriscando minha vida pra tirar aquele idiota da cadeia e ele me traindo. O policial tirou onda da minha cara dizendo que a outra tinha acabado de sair de lá. Falou que é Senilda, Senilda a prima dele que mora na Bahia... Era pra lá que ele estava indo e foi pego pela polícia.

MOÇA

Mulher, Marilene não adianta acreditar em homem nenhum. Uma hora ou outra a casa cai. Você sabe que Paulinho é o raparigueiro da pior espécie e mesmo assim ainda confia.

MARILENE

Mas ele é o pai dos meus filhos, sem ele eu não tenho nada. Não sei fazer nada. Paulo me tirou de casa muito nova, eu não tenho nem pra onde ir.

Enquanto isso, EMANUEL escuta tudo por trás da porta, chorando.

137. INT. CASA PAULO - DIA

CARTELA: 1 ANO DEPOIS.

PAULO deitado ao lado de MARILENE na cama, PAULO lê um livro enquanto MARILENE assiste TV. Eles escutam um barulho.

PAULO levanta confuso e vai até o quarto de EMANUEL, bate na porta e ele não abre, PAULO empurra a porta e pega EMANUEL passando hidratante na perna.

PAULO enforca EMANUEL e dá dois socos na cara dele.

PAULO

Tu tá pensando que vai ser mulher?

EMANUEL

Não painho eu só..

PAULO

Cala a sua boca, seu viadinho safado. Aqui em casa eu num vou tolerar essas boiolice, não. Pode virar macho que eu não admito isso aqui, não.

MARILENE entra no meio dos dois e solta a mão de PAULO que estava enforcando EMANUEL.

MARILENE

Homi que desgraça é essa, hein? A pessoa pode nem descansar. Que implicância maluca é essa com teu filho? O menino é uma criança e tu trata ele como se fosse um adulto. O que foi que tu fez, cão ruim? Bateu na cara dele? Paulo eu também não vou admitir esse tipo de violência aqui dentro de casa, não. Que seja a última vez, mexa comigo mas não toque um dedo nos meus filhos.

PAULO

É, são só seus mesmo, principalmente esse daí. Bem que Cris e Ana diziam que ele não parecia comigo.

MARILENE

Olhe você me respeite, viu? Aqui a
única pessoa que não presta é você.

PAULO bate na cara de MARILENE que cai na cama de EMANUEL.
EMANUEL avança em Paulo.

EMANUEL

Oxe, num bata na minha mãe não.

PAULO empurra EMANUEL.

PAULO

Essa casa virou uma desgraça mesmo.
PAULO sai e bate a porta da entrada
com muita força.

MARILENE levanta e lava o rosto de EMANUEL no banheiro,
EMANUEL grita de dor.

EMANUEL

Mainha, porque painho me odeia
tanto?

MARILENE

Ele não odeia você não, meu filho..
Ele só tá estressado. Agora vá
deitar... Amanhã é outro dia.

EMANUEL sai chorando do banheiro e abre a porta do seu
quarto.

FUSÃO P/

138. QUARTO EMANUEL ADULTO - NOITE.

EMANUEL adulto de 26 anos, entra no seu quarto. Chora e senta
no chão.

EMANUEL observa marcas no seu rosto e toca repelindo
imediatamente como se ainda doesse o murro que levou do pai
quando criança.

EMANUEL chora.

EMANUEL

Porque a vida tem que ser tão
difícil pra mim, porra? Porque
todas as vezes alguém precisa me
trapacear dessa forma? Porque eu
permito que as pessoas me agridam
dessa forma?

EMANUEL muda de expressão drasticamente e sorri sarcasticamente.

Escreve o nome PAULO com os dedos sob o espelho.

Desliga as luzes e acende a luz vermelha, acende um cigarro e senta no chão, escolhe uma música.

Procura algo na geladeira e só tem uma garrafa d'água e um ovo.

Ele fecha a porta da geladeira e senta no chão.

Disca um número no telefone e aparece o nome MAE na tela do celular.

EMANUEL (CONT'D)

Oi, mainha. Que saudade, aqui tá tudo tranquilo, e por aí? ...
 Pois é, desde o dia que conversei com Exu, algumas lembranças e traumas tem vindo à tona. Não... Não se preocupe, tá tudo sob controle...
 Eu só lembrei daquele dia que painho...

FUSÃO P/

139. EXT. CASA DE FAZENDA (CHURRASCO) - DIA

Volta para a época em que EMANUEL era criança. Música de Diana toca no rádio. EMANUEL abre uma porta e sai correndo pela fazenda, brinca com animais, senta na terra e acaricia um bezerrinho.

MARILENE, ANA, CAROL, GALDINA todos sentados bebendo cerveja. Seis amigos de PAULO sentados mais distantes sentados em tamboretas, tomam cerveja e fumam cigarro.

Muito barulho, galinhas correndo, carne na brasa.

MARILENE

Meu filho, venha almoçar!

EMANUEL

Mainha, eu posso colocar minha comida?

MARILENE

Pode, mas vou ficar do seu lado pra você não se queimar. Meu bebê tá virando um rapazinho...

A mesa grande de madeira, com cerca de 24 cadeiras, panelas fartas de comida e muita carne. EMANUEL se aproxima, sobe na cadeira e se apoia na mesa para colocar sua comida, pega uma concha para o feijão, põe o feijão tranquilamente no prato. Ele fica animado e bate palmas.

MARILENE (CONT'D)

Menino de mainha tá todo
homenzinho, gente!

EMANUEL fica orgulhoso de ter conseguido colocar o feijão sem incidentes. Ele pega a colher para o arroz e imediatamente é interrompido por PAULO que bate na mão dele.

PAULO

Pegue na colher que nem macho. Olha
essa mão o jeito, quer ser fêmea é?

Nesse momento todos observam PAULO e EMANUEL em silêncio e atônitos. Dois amigos dão risada discretamente. MARILENE observa PAULO com expressão séria.

MARILENE

Paulo, eu já falei pra deixar o
menino. Ele é uma criança, você não
tem estilo nenhum..

PAULO

É... continue tratando ele como uma
mocinha que depois ele vai levar é
marretada na cara, eu mesmo faço
questão.

PAULO desdenha da forma que EMANUEL anda e da forma que ele pegou a concha repetindo todos os movimentos.

PAULO (CONT'D)

Tu não tá vendo, não? O menino
parece um abestalhado com esse
jeito de viado. Você crie esse
menino igual homem. Trate de
transformar essa femeazinha num
homem respeitado que se não...

MARILENE interrompe rapidamente, pegando no braço de PAULO. E olhando nos olhos dele.

MARILENE

Se não, o que Paulo? Se não o que?

PAULO bate na mesa e senta calado, enquanto olha para EMANUEL com fúria. PAULO começa a encher a boca de comida e come como se estivesse com muita fome.

EMANUEL com os olhos cheios de lágrima, observa tudo paralisado com o prato à sua frente com apenas feijão.

MARILENE pega o prato de EMANUEL e coloca sua comida.

Enquanto isso, TODOS à mesa não esboçam reações e fingem não perceber.

GALDINA conversa com ANA e CAROL. E os amigos de PAULO sorriem de canto, enquanto alguns colocam comida no prato e comem.

Um deles termina de comer e deixa o prato na mesa.

MARILENE (CONT'D)
você não vai levar o prato pra pia,
não?

FIGURANTE 1
Com esse tanto de mulher aqui, pra
que eu vou levar?

MARILENE
Ah bom, e alguma aqui é sua
empregada?

FIGURANTE 1
Onde tem mulher, homem fica só
tranquilo esperando a comida ficar
pronta. Até porque é nós que coloca
a comida dentro de casa, a
obrigação de vocês é só fazer...

MARILENE
Ôh, bugai véi... é por isso que tá
sem mulher...

TODOS riem.

FIGURANTE 1
Tu fala isso, mas Paulin é desse
jeito. Nós tudo foi criado junto,
somo tudo assim.

MARILENE
A diferença é que ele é meu marido,
né?

PAULO
Neguinha vá almoçar deixe o cara
quieto, implicância besta. Pegue o
prato dele e leve pra pia e depois
venha colocar sua comida.

EMANUEL não come, fica de cabeça baixa entristecido. PAULO bate na cabeça de EMANUEL

PAULO (CONT'D)
Vai comer, não Zé Mané?

EMANUEL com os os olhos cheios de lágrimas, faz sinal negativo com a cabeça.

PAULO (CONT'D)
Pois é, não come... por isso que só vive doente véi, envergonhando a gente aqui em casa. Parece um calango... mas tu num come porque? Vai querer ser uma top model?

PAULO ri sarcasticamente. EMANUEL levanta e vai brincar com um bezerrinho.

MARILENE
Meu filho, já almoçou? Vamos almoçar com mainha?

EMANUEL faz sinal negativo com a cabeça.

EMANUEL levanta e entra num quarto.

140. INT. QUARTO CAROL - DIA

Quarto rosa, com centenas de barbies, revistas da capricho, agendas, diários, lençol rosa bebê, EMANUEL sorri e se sente bem.

Ele observa cada boneca e as trata com muita sensibilidade como se fosse algo valioso e que deveria ter muito cuidado ao tocar.

EMANUEL pega uma barbie e brinca com ela escondido ao lado da cama, depois ele levanta e pega outra barbie.

Procura roupinhas e sapatinhos e troca, preparando a boneca para uma ocasião elegante.

EMANUEL
(Voz impostada)
Oi, eu sou a Talia... Gostaria de saber se Fernando está nesta festa...

EMANUEL (CONT'D)
(Outra voz)
Olá, senhora Talia. Eu sou a nova esposa do Fernando e você deveria sair daqui, pois não é bem vinda!

EMANUEL (CONT'D)
(Voz impostada)
Sua tolinha, como ousa?

EMANUEL coloca as bonecas para discutirem, elas rasgam as roupas uma da outra e bagunçam o cabelo e destroem todo o ambiente criado para a festa.

EMANUEL se diverte. Levanta e pega um Ken.

EMANUEL (CONT'D)
(Voz grave)
Meninas, porque vocês estão brigando?

EMANUEL (CONT'D)
(Voz impostada)
Ora, ora Fernando... Essa moça disse que é sua esposa.

EMANUEL (CONT'D)
(Voz grave)
Não fique assim minha amada, Talia.

PAULO entra e se assusta com EMANUEL brincando com as bonecas. PAULO bate com um revólver na cabeça de EMANUEL que grita de dor e assustado.

PAULO agride EMANUEL com socos no estômago e chutes nas pernas, nesse momento PAULO posiciona EMANUEL na frente da penteadeira e se observam no espelho.

EMANUEL chora e não consegue olhar no espelho.

PAULO
Você gosta de brincar com boneca é,
tu é fresco?

PAULO bate na cara de EMANUEL e coloca um revólver na mão de EMANUEL e o ensina a engatilhar a arma.

PAULO (CONT'D)
Brinquedo de homem é isso aqui. E a partir de hoje você só vai brincar com seu primo, nunca mais eu quero ver você brincando com esses negócios de menina, porque da próxima vez que eu pegar você fazendo isso eu vou arrombar seu cu com um tiro.

EMANUEL
Não painho, eu gosto de brincar sozinho.

(MORE)

EMANUEL (CONT'D)

Eu gosto de brincar aqui no quarto de Carol e as bonecas dela, e fico feliz aqui.

PAULO enforca EMANUEL.

PAULO

Você não tá entendendo o que eu tô falando, não? Ou você vira homem ou eu mato você!

PAULO pega nas mãos de EMANUEL e mira a arma na frente do espelho.

EMANUEL dispara, PAULO se assusta. Mas arma não está carregada.

Nesse momento, PAULO dá outro soco com o revólver na cabeça de EMANUEL.

EMANUEL chora, fecha os olhos.

FUSÃO P/

141. INT. QUARTO EMANUEL - DIA

VOLTA PARA CENA 1 DO ROTEIRO.

EMANUEL escrevendo o roteiro no notebook, pelado sentado no colchão, toca melodia De Diana "E Parabéns agora" que sai da caixa de som pequena, No chão um copo em formato de lente fotográfica, pentes, comidas estragadas e panelas com muita formiga e varejeira. Ventilador ligado, a parte da frente do ventilador está no chão, logo atrás. Na mesa de vidro pequena e empoeirada uma taça quebrada e suja, um cortador de unhas, uma carteira de cigarros e uma tampa de panela. Mão negra masculina que pressiona cigarro no cinzeiro até apagar.

EMANUEL descreve no roteiro a última cena diálogo de PAULO com EMANUEL. Na tela do computador aparece:

"EMANUEL

Não painho, eu gosto de brincar sozinho. Eu gosto de brincar aqui no quarto de Carol e as bonecas dela, e fico feliz aqui.

PAULO

Você não tá entendendo o que eu tô falando, não? Ou você vira homem ou eu mato você!

PAULO pega nas mãos de EMANUEL e mira a arma na frente do espelho. EMANUEL dispara, PAULO se assusta. Mas a arma não está carregada. Nesse momento, PAULO dá outro sopapo com o revólver na cabeça de EMANUEL. EMANUEL chora, fecha os olhos.

FUSÃO P/

EMANUEL

Bora, cara... falta pouquinho... Você lembra do que aconteceu naquele dia. Lembra!!! Por favor. Eu preciso de você. Foca no profissional, você precisa terminar o curso de Cinema, você precisa formar. É só confessar o que aconteceu de fato, é só contar... vamos...

EMANUEL pega um palheiro e acende. Toma café. Levanta e toma um banho, se observa no espelho. Sua expressão é de exaustão e tristeza. Olhos fundos e cabelos bagunçado. Ele enxuga o rosto, desliga o chuveiro. Abre a porta do banheiro.

FUSÃO P/

142. EXT. FAZENDA CHURRASCO - DIA

PAULO vai até a cobertura onde está acontecendo o churrasco.

PAULO

bora ali os cara que hoje é dia de diversão. Marilene, quando eu voltar quero lhe fazer uma proposta.

MARILENE

Como assim? Vai pra onde?

PAULO

vou ali e já volto.

143. INT. QUARTO FAZENDA PAULO - DIA

Ambiente escuro com apenas uma saída de luz, provinda de uma janela pequena de madeira. O ambiente vazio com apenas um torno e umas peças de roupa penduradas. PAULO pega uma camisa preta, uma calça preta, uma bota e uma balaclava. Se veste. E carrega a arma com algumas munições.

PAULO entrega três balaclavas para os seus amigos.

PAULO
Sabe Zé de Pencas?

FIGURANTE 1
O tio de Luís?

PAULO
sim. Ele estava envolvido na morte de papai e Vanzin e até hoje eu fiquei calado e não me vinguei, minha vingança começa hoje! Eu sei que ele vai tá pescando lá no cais, nesse horário. Já observei e ele tá por lá todos os dias. Primeiro chega você e conversa como quem não quer nada e chama ele pra tomar uma ali no bar de Zanza. Na hora que ele subir a rampa da orla a gente passa com o carro e você empurra ele pra dentro.

FIGURANTE 1
Pode deixar.

CORTA P/

144. EXT. MATAGAL - ENTARDECER / NOITE

PAULO tira um saco de pano da cabeça de ZÉ DE PENCAS homem negro, 45 anos, barbudo careca, magro, camisa de algodão vermelha e short jeans, descalço.

FIGURANTE 1 derruba ZÉ DE PENCAS no chão e ele fica de joelhos com as mãos amarradas.

O rosto dele está machucado com muito sangue.

ZÉ DE PENCAS
(Aflito)
Homi tenha piedade de mim, eu tenho filho, mulher pra criar sou trabalhador honesto.

PAULO
É? tivesse pensado nisso antes de matar meu pai e meu irmão. Nessas hora tu num pensou que poderia morrer né, seu desgraçado de merda? Eu vou matar tu feito um bicho, vou matar tu igual eu matei o boi que eu tava comendo hoje no almoço.

ZÉ DE PIROCA

Pelo amor de Deus, Paulin... Eu era amigo do véi Ciço.

PAULO

E adiantou de que maneira essa amizade? Tu matou meu pai. Porra de amizade, amizade aqui é eu passando a pexeira no teu pescoço filho da puta safado... E cala a boca que eu quero fazer as coisa bem devagar...

PAULO começa mijando na cara de ZÉ DE PENCAS.

PAULO (CONT'D)

Bora todo mundo mijando nesse pangaré.

Consequentemente, de um por um, tira a roupa e mija em ZÉ DE PIROCA. FIGURANTE 1 obriga ZÉ DE PENCAS a fazer um ORAL nele.

FIGURANTE 1

Bora filho da puta tô mandando mamar, se tu não mamar eu vou atirar na sua cabeça.

ZÉ DE PENCAS abre a boca para fazer o oral, ele chora nervoso e humilhado. TODOS riem, PAULO empurra FIGURANTE 1 para o lado e atira na cabeça de ZÉ DE PENCAS.

FIGURANTE 1 aparece com um machado em direção ao corpo de ZÉ DE PENCAS. Ouvimos 7 golpes de machado, enquanto a câmera foca no céu estrelado.

Ouvimos também sons da ambiência no matagal, insetos, bicho, vento.

145. EXT. FACHADA BAR DA SINUCA - NOITE

Bar da Sinuca está lotado, pessoas dançando, outras sentadas bebendo, LUÍS atendendo de mesa em mesa.

LUÍS anota o pedido de um cliente e nesse momento um carro preto se aproxima e joga uma sacola branca, TODOS se assustam.

LUÍS abre a sacola com vários pedaços de carnes, córneas, olhos, pés e mãos e por cima a identidade de ZÉ DE PENCAS. LUÍS grita desesperado e todos saem correndo do seu bar, de maneira que LUÍS fica sozinho chorando na calçada.

CORTA P/

146. INT. QUARTO EMANUEL CRIANÇA - NOITE

EMANUEL e seu PRIMO garoto negro, magro, 13 anos, cabelo crespo, jogam vídeo game. Sentados na cama.

PAULO abre a porta e sorri para os dois.

PAULO

E aí, meus moleques. Boa noite, não demorem muito aí, que amanhã Bruninho tem aula.

PRIMO

Pode deixar, tio.

PAULO fecha a porta, e EMANUEL e PRIMO mudam de postura imediatamente.

PRIMO (CONT'D)

Vai, vai bota a fita aí...

EMANUEL coloca uma VHS no aparelho, começa uma cena de filme pornográfico. EMANUEL baixa o volume da tv e começa a rir. Seu primo tira a roupa.

EMANUEL

O que tu tá fazendo?

PRIMO

Bora fazer igual eles, chupa aqui. Daquele jeito lá que ela tá fazendo, bora!

EMANUEL

Não, é errado. Mainha disse que...

PRIMO

Bora logo, eu num conto pra ninguém não. Tu vai gostar...

EMANUEL

Não, eu vou chamar painho.

PRIMO

Que nada, todo mundo sabe que tu é viadinho. Tu gosta de rola. Se tu chamar tio Paulo eu digo que tu pegou a fita dele e tava querendo chupar meu pau.

PRIMO força EMANUEL a tirar a roupa e o penetra, EMANUEL tenta gritar, mas o primo abafa o grito com a mão na boca dele. EMANUEL chora com os olhos arregalados até desmaiar.

INSERT P/

147. LUGAR ESCURO - NOITE

Lugar escuro em que a luz foca apenas em EMANUEL adulto correndo, fugindo olhando pra trás. Dessa vez ao invés de mudar o cenário de rural para urbano, muda a faixa etária de EMANUEL de adulto ele vai mudando a cada vez que olha para trás, quando ele chega aos seus 10 anos de idade.

148. CASA FAZENDA PAULO - NOITE

EMANUEL, 10. Corre desesperado até a casa de PAULO e pega um revólver ao lado da rede que o pai está deitado. E aponta para PAULO.

Nesse momento ouvimos sons de várias pessoas correndo no meio do matagal.

149. EXT. MATAGAL - NOITE

Trata-se de LUÍS e TENENTE MIGUEL vestidos com capa preta e roupa camuflada acompanhados de cerca de 40 homens. LUÍS cerca toda a fazenda com os homens.

CORTA P/

150. INT - SALA CASA FAZENDA - NOITE

EMANUEL treme e chora apontando a arma para seu pai.

151. EXT. FACHADA CASA FAZENDA - NOITE

Os QUARENTA HOMENS todos vestidos iguais com roupa camuflada e capa preta. Se preparam para atirar. Nesse momento ouvimos três disparos internos. LUÍS faz sinal para observar e fazer silêncio e com a mão faz contagem para começar a atirar, levanta um dedo, dois...

CORTA P/

152. INT - SALA CASA FAZENDA - NOITE

MARILENE e CAROL assustadas chegando na sala e se deparando com EMANUEL com revólver na mão. MARILENE toma arma de EMANUEL.

CAROL
(Grita desesperada)
Painho!!!

Nesse momento várias vozes começam a intercalar no pensamento de EMANUEL.

GALDINA (OFF)
Depois da tragédia ele foi embora...

CRIS (OFF)
Seu pai nunca iria aceitar você
viadinho desse jeito.

ANA (OFF)
Viadinho desse jeito, sai daqui de
casa. Na nossa família não tem
gente preta assim não, nós somos
clarinhos.

PAULO
Pega na colher que nem macho, tu é
fresco é? A partir de agora tu vai
brincar com teu primo.

PRIMO (OFF)
Tu é viadinho, tu gosta é de rola.

MÃE
Tu vai comer a comida todinha, o
cinto já tá aí do lado do prato.

CAROL (OFF)
Isso aqui é pra você aprender que
tem que comer todos os dias, quem
já se viu desperdiçar comida.

Muitos gritos intercalados de EMANUEL em várias entonações e vibrações diferentes. Sons agudos e batimento cardíaco acelerado. Câmera em movimento e desfoque.

Até que a câmera voltar a focar em EMANUEL. Ele abre a rede, com todos esses barulhos perturbando a mente dele e quando olha para a face do corpo, na verdade ele vê a si próprio na fase adulta.

EMANUEL criança, de frente para EMANUEL adulto com um tiro que entrou pelo ouvido e saiu pela bochecha. EMANUEL criança se desespera e grita.

CORTA P/

153. EXT. FACHADA CASA FAZENDA - NOITE

CHICO dá o aval para que todos comecem a atirar na casa. A partir disso ouvimos uma sequência de tiros.

FADE OUT.

FADE IN

154. INT. QUARTO EMANUEL - NOITE

EMANUEL adulto na frente do espelho se encarando com os olhos acirrados e respirando ofegante, ele muda de expressão rapidamente e sorri, até que grita e dá um soco no espelho. Seu reflexo está fragmentado e refletido em cada caco no chão.

FADE OUT.

FADE IN

155. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA - DIA

Ambiente com luz bastante fria, quase que incandescente. Uma mesa. GALDINA que agora aparece como uma psiquiatra, com cabelos amarrados, óculos, jaleco e sapatos de salto. a cena inteira com som ambiente do tic tac do relógio.

EMANUEL que agora aparece idoso com 60 anos, cabeça raspada, muitas rugas, barba com falhas e comportamento bipolar. os dois estão iluminados pela luz central.

EMANUEL

Meu pai nunca foi uma figura
exemplar... Eu que o romantizei por
toda a minha vida. Nem sei se sinto
falta dele ou de qualquer pessoa da
minha família, eu precisei matar
meu pai... Matei, ele era homofóbico,
assassino, ele batia e traía a
minha mãe, ouvi falar até que ele
tinha outras famílias... Devo ser
cheio de irmãos...

EMANUEL muda a direção do olhar e olha para janela. Ele levanta e caminha até a janela, observa pessoas brincando no quintal. Dentre elas CAROL com as mesmas características, enquanto ANA e CRIS são duas enfermeiras que estão acompanhando CAROL.

EMANUEL (CONT'D)

Meu pai era um grande babaca, ele se achava um dos seres mais superiores do mundo. Me subestimou muito. Achou que nunca morreria, pintava o sete e bordava o oito... coitado. Muito burro...

GALDINA

Mas quando você me traz que quando viu seu pai morto, na verdade enxergou uma projeção de si... Me fale mais sobre...

EMANUEL

(Desdenha e Sorri)

Muito me admira você que passou sei lá, uns 9 ou 10 anos para se especializar na sua área e ainda ser tão inocente...

GALDINA observa EMANUEL com desdém e desprezo.

EMANUEL (CONT'D)

Viver aqui é um tédio, eu gostaria de não ter nascido. Porque viver dói. E eu poderia ter me matado quando tive a chance, cada segundo me tortura de uma forma tão singular que eu começo a inventar histórias para cada profissional que me questiona por aqui... Hoje mesmo inventei essa e serviu como uma luva para eu passar meu tempo, você acreditando e confiando em tudo que te contei... Mas é tudo uma grande comédia mentirosa.

GALDINA sorri e observa EMANUEL.

GALDINA

É uma pena Emanuel que você ache que sou tão inocente. E sinto muito que a cada dia você me traga uma perspectiva diferente sobre a sua própria vida. Acho que por hoje é só.

EMANUEL fica assustado e confuso.

PAULO abre a porta da sala da psiquiatra GALDINA. PAULO agora todo vestido de segurança, funcionário da clínica.

Ele leva EMANUEL até o quarto. Nesse momento todos os personagens apresentados no roteiro aparecem aqui, alguns como enfermeiros, outros como pacientes, outros como visita. E SANDRA que sempre aparecia sendo atendente é a dona da clínica psiquiátrica. Vemos uma foto dela num quadro no corredor.

EMANUEL chega no seu quarto, PAULO abre a porta. No quarto existem duas camas uma do lado da outra com uma pequena distância. EMANUEL entra e senta na sua cama. NANDO também envelhecido, com cabelos brancos, 67 anos, lê um livro com título "Estou pensando em acabar com tudo"

NANDO

E aí, Emanuel... Qual foi a mentira de hoje?

EMANUEL

A mentira de hoje, é que eu tenho um filme.

FIM.